

This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

UC-NRLF
B 3 792 097

SAN BACH
me Velho, 800
Janeiro, Brazil



AS VICTIMAS-ALGOZES

QUADROS DA ESCRAVIDÃO

ROMANCES

POR

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

TOMO I

RIO DE JANEIRO

Typ. AMERICANA, rua dos Ourives n. 19

1869

LOAN STACK

PQ9697
M15V5
V.1

AOS NOSSOS LEITORES

I

Queremos agora contar-vos em alguns romances historias verdadeiras que todos vós já sabeis, sendo certo que em as já saberdes é que póde consistir o unico merecimento que por ventura tenha este trabalho; porque na vossa sciencia e na vossa consciencia se hão de firmar as verdades que vamos dizer.

Serão romances sem atavios, contos sem phantasias poeticas, tristes historias passadas á nossos olhos, e á que não poderá negar-se o vosso testemunho.

Não queremos ter segredos, nem reservas mentaes comvosco.

E' nosso empenho e nosso fim levar ao vosso

espirito e demorar nas reflexões e no estudo da vossa razão factos que tendes observado, verdades que não precizam mais de demonstração, obrigando-vos deste modo á encarar de face, á medir, á sondar em toda sua profundeza um mal enorme que afeia, infecciona, avilta, deturpa e corroe á nossa sociedade, e á que a nossa sociedade ainda se apéga semelhante a desgraçada mulher que, tomando o habito da prostituição, á ella se abandona com indecente desvario.

E o empenho que tomamos, o fim que temos em vista adunão-se com uma aspiração generosa da actualidade, e com a exigencia implacavel da civilisação e do seculo.

II

Sob as apprehensões de uma crise social imminente, infallivel que á todos ha de custar directa ou indirectamente onerosos sacrificios o povo brasileiro e particularmente os lavradores esperão anciosos, entre receios por certo

justificaveis e clamores que se explicão sem dezar, o pronunciamento legal e decisivo da solução do problema da emancipação dos escravos.

Este estado de duvidas afflictivas sobre o futuro, de temor dos detrimentos que se hão de experimentar, e que o descostume e certa desconfiança do trabalho livre ainda mais exagerão, este mal estar dos proprietarios de escravos, vendo cheio de nuvens o dia de amanhã, póde comparar-se a situação dos espiritos timidos e das pessoas de organisação sobremaneira nervosa, quando em negro horisonte e em atmosphera abafada começão a rasgar-se os fuzis, e a rugir a trovoada que avança formidavel. Esta imagem se nos afigura tanto mais acertadamente applicada, quanto é sabido que depois das grandes trovoadas vem a pureza do ar, a bonança e a claridade.

Como quer que seja, máo grado os interesses que hão de padecer, á despeito das opposições que se fazem e se farão sentir, embalde ás faceis objecções denunciadoras de indubitaveis inconveniencias e senões em quantos pro-

jectos e imaginaveis planos se engendrarem para que menos violenta e dolorosa se resolva a crise, e se opere a revolução social, é positivo que tocamos a vespera da emancipação dos escravos.

Ninguem se illuda, ninguem se deixe illudir. Não ha combinação de interesses, não ha partido politico, não ha governo por mais forte que se presuma, que possa impedir o procelloso acontecimento.

Nunca houve caso em que melhor assentasse a formula do fatalismo musulmano: — *está escripto.*

A famosa prophecia do *Velho do Itajurú* escripta quasi á meio seculo se realisou em nossos dias: *a nuvem negra veio do Norte.*

Havia uma grande potencia, uma republica soberba que em seu seio tolerava a escravidão, e tenaz a mantinha: a confederação Norte-Americana era barreira tremenda ante a qual estacava o movimento emancipador; mas a filha de Washington depois de uma luta formidavel que espantou o mundo, no fim de uma guerra de proporções descommunaes afogou para sempre a escravidão nas aguas ensanguentadas do Potomac

que testemunhara as ultimas batalhas entre o Sul escravagista e o Norte emancipador. O Norte venceu : *a nuvem negra nos veio do Norte.*

Desde então só o Brasil e duas colonias da Hespanha mantem a escravidão aos olhos de todas as nações que protestão contra a excepção.

A voz de Deos, o brado do seculo da liberdade, a opinião do mundo, o pronunciamento dos governos, o espirito e a materia, a idéa e a força querem, exigem, e em caso extremo hão de impôr a emancipação dos escravos.

Nas duas colonias da Hespanha o problema vai resolver-se com expontaneo decreto da metropole.

O Brasil só, isolado, marcado com o sello ignominioso da escravidão diante do mundo, seria o escarneo e o maldito do mundo, e se exporia ao opprobrio da coacção pela força.

O patriotismo se revolta ao simples imaginar do insulto á soberania nacional pela prepotencia estrangeira: mas a razão comprehende a possibilidade e a probabilidade do ultrage.

Tambem vos imbalarão com a tolerancia do

trafico de africanos; tambem vos fizerão crer que sem elle feneceria a agricultura; tambem vos fallarão da soberania nacional para resistir à propotencia estrangeira, e em dias lugubres em que a patria envergonhada escondeo o rosto, lavrarão de subito e precipitadamente a sentença de morte do trafico de africanos ao som dos tiros dos canhões inglezes que cuspião injurias e affrontas nas faces de fortalezas nossas.

Então foi sómente a Inglaterra; e o Brasil teve de ceder.

Agora é o mundo, agora são todas as noções, é a opinião universal, é o espirito e à materia, a idéa e a força á reclamar a emancipação dos escravos.

Imaginaes resistencia possivel?...

Não vos illudaes, não vos deixeis illudir; preparai-vos: a emancipação dos escravos ha de realizar-se dentro de poucos annos.

Está escripto.

III

Não se estirpa o cancro sem dôr.

A escravidão que é cancro social, abuso inveterado que entrou em nossos costumes, arvore venenosa plantada no Brasil pelos primeiros colonisadores, fonte de desmoralisação, de vicios e de crimes, é tambem ainda assim instrumento de riqueza agricola, manancial do trabalho dos campos, dependencia de innumeraveis interesses, immenso capital que representa a fortuna de milhares de proprietarios, e portanto a escravidão para ser abolida fará em seus ultimos arrancos de monstro cruelissima despedida.

A emancipação immediata e absoluta dos escravos, que aliás póde vir a ser um facto indeclinavel e subito na hypothese de adiamento teimoso do problema, e provocador do resentimento do mundo, seria louco arrojo que poria em convulsão o paiz, em desordem descommunal e em sossobro a riqueza particular e pu-

blica, em miseria o povo, em banca-rota o Estado.

A emancipação gradual iniciada pelos ventres livres das escravas, e completada por meios indirectos no correr de prazo não muito longo, e directos no fim desse prazo com indemnisação garantida aos *senhores* é o conselho da prudencia e o recurso providente dos proprietarios.

Ainda assim o costume e o interesse do senhor hão de disputar ao Estado a oppressão e o dominio do escravo: é explicavel a oppsição; é natural a repugnancia que apparece no campo invadido ao principio que invade: é a dôr que faz gemer na extracção do cancro.

Mas o governo e a imprensa devem esforçar-se por illuminar os proprietarios de escravos e convence-los de que está em seus proprios interesses auxiliar o Estdo na obra immensa e escabrosa da emancipação, para que ella que é infallivel, se effectue com a menor somma possivel de sacrificios.

A imprensa que o não fizes, mentirá á sua

missão augusta; o governo que o não fizer, atraiçoará a causa publica.

IV

Pobre escriptor de acanhada intelligencia, rude e simples romancista sem arte, que sómente escreve para o povo, não nos animaremos a combinar planos de emancipação, nem presumidos de sciencia procuraremos esclarecer o publico sobre as altas conveniencias economicas, e as santas e irrecusaveis lições philosophicas que condemnão a escravidão.

Como, porém, é dever de cada um concorrer á seu modo, e nas suas condições, para o desenlace menos violento desse nó terrivel, e servir á causa mais melindrosa e arriscada, porém indeclinavel, que actualmente se offerece ao labor e á dedicação do civilismo, pagaremos o nosso tributo nas proporções da nossa pobreza, escrevendo ligeiros romances.

Trabalhar no sentido de tornar bem mani-

festa e clara a torpeza da escravidão, sua influencia malvada, suas deformidades moraes e congenitas, seus instinctos ruins, seu horror, seus perigos, sua acção infernal é tambem contribuir para condemna-la e para fazer mais suave e sympathica a idéa da emancipação que a aniquila.

Seguindo dous caminhos oppostos, chega-se ao ponto que temos fitado, á reprovação profunda que deve inspirar a escravidão.

Um desses caminhos se estende por entre as miserias tristissimas, e os incalculaveis soffrimentos do escravo, por essa vida de amarguras sem termo, de arido deserto sem um oasis, de inferno porpetuo no mundo negro da escravidão. E' o quadro do mal que o senhor, ainda sem querer, faz ao escravo.

O outro mostra a seus lados os vicios ignobeis, a perversão, os odios, os ferozes instinctos do escravo, inimigo natural e rancoroso do seu senhor, os miasmas, deixem-nos dizer assim, a syphilis moral da escravidão infeccionando a casa, a fazenda, a familia dos senhores, e a sua raiva concentrada, mas sempre em conspiração.

iatente attentando contra a fortuna, a vida e a honra dos seus inconscios oppressores. E' o quadro do mal que o escravo faz de assentado proposito ou ás vezes involuntaria e irreflectidamente ao senhor.

Preferimos este segundo caminho: é o que mais convém ao nosso empenho.

Esquecemos o Buc-Jargal, o Toussaint, Louverture e o Pai-Simão; o escravo que vamos expôr á vossos olhos é o escravo de nossas casas e de nossas fazendas, o homem que nasceu homem, e que a escravidão tornou peste ou fera.

Contar-vos-hemos, pois, em pequenos e resumidos romances as historias que vós sabeis porque tendes sido dellas testemunhas.

Se pensardes bem nestas historias, devereis banir a escravidão, para que ellas não se reproduzão.

Porque estas historias veracissimas forão de hontem, são de hoje, e serão de amanhã, e infinitamente se reproduzirão, emquanto tiverdes escravos.

Lêde e vereis.

I

SIMEÃO — O CRIOULO

I

No interior e principalmente longe da villa, ou da freguezia e dos povoados ha quasi sempre uma *venda* perto da fazenda: é a parasita que se apéga á arvore, peior que isso, é a inimiga hypocrita que rende vassalagem á sua victima.

A *venda* de que fallo é uma taberna especialissima que não poderia existir, manter-se, medrar em outras condições locaes, e em outras condições do trabalho rural e nem se confunde com a taberna regular que em toda parte se encontra, quanto mais com as cazas de grande ou pequeno commercio, onde os lavradores ricos e pobres se provém do que precisa a caza, quando não lhes é possivel esperar pelas remessas dos seus consignatarios ou freguezes.

Essa parasita das fazendas e estabelecimentos agricolas das visinhanças facilmente se póde conhecer por suas feições e modos caracteristicos, se nos é licito dizer assim: uma se parece com todas e não ha hypothese em que alguma dellas por mais dissimulada que seja, chegue á perder o caracter da familia.

E' uma pequena casa de taipa e coberta de telha, tendo as vezes na frente varanda aberta pelos tres lados, tambem coberta de telha e com o tecto sostido por esteios fortes, mas rudes e ainda mesmo tortos: as paredes nem sempre são caiadas, o chão não tem assoalho nem ladrilho: quando ha varanda, abrem-se para ella uma porta e uma janella: dentro está a *venda*: entre a porta e a janella encostado á parede um banco de páo, defronte um balcão tosco e no bojo ou no espaço que se vê além, grotesca armação de taboas contendo garrafas, botijas, latas de tabaco em pó, á um canto algumas voltas de fumo em rolo e uma ruim manta de carne secca. Eis a *venda*.

Ha muitas que nem chegam á opulencia da que ahi fica descripta; em todas porém apparece humilde no fundo do quasi vasio bojo a porta baixa que communica pelo corredor immundo

com dous ou mais quartos escuros, onde se recolhem as pingues colheitas agricolas do vendelhão que aliás não tem lavoura.

A *venda* é pouco frequentada á luz do sol nos dias de serviço; nunca porém ou raramente se acha solitaria: ainda nesses mesmos dias de santo dever do trabalho, hemens ociosos, vadios e turbulentos jogam ao balcão com um baralho de cartas machucadas, enegrecidas e como oleosas desde a manhã até o fim da tarde e é milagre faltar algum incansavel toçador de viola; mas apenas chega a noute, começa a concurrencia e ferve o negocio.

Explorador das trevas protectoras dos vicios e do crime, o vendelhão baixo, ignobil, sem consciencia, paga com abuso duplo e escandaloso á garrafas de aguardente, á rolos de fumo, e á chorados vintens o café, o assucar e os cereaes que os escravos furtam aos senhores, e complice no furto effectuado pelos escravos, é ladrão por sua vez, roubando á estes nas medidas e no preço dos generos.

A *venda* não dorme: ás horas mortas da noute vem os quilombolas, os escravos fugidos e acoutados nas florestas trazer o tributo de suas depredações nas roças visinhas ou distantes ao

vendelhão que apura nellas segunda colheita do que não semeou e que tem sempre de reserva para os quilombolas recursos de alimentação de que elles não podem prescindir, e tambem não raras vezes a polvora e o chumbo para a resistencia nos casos de ataque aos quilombos.

E o vendelhão é em regra a vigilancia protectora do quilombola e o seu espião dissimulado que tem interesse em contrariar a policia, ou as diligencias dos senhores no encalço dos escravos fugidos.

Despresivel e nociva durante o dia a *venda* é esqualida, medonha, criminosa e atroz durante a noute: os escravos que ahi então se reunem, embebedam-se, espancam-se, tornando-se muitos incapazes de trabalhar na manhã seguinte; misturam as rixas e as pancadas com a conversação mais indecente sobre o caracter e a vida de seus senhores, cuja reputação é ultrajada ao som de gargalhadas selvagens: inspirados pelo odio, pelo horror, pelos soffrimentos inseparaveis da escravidão, se expandem em calumnias terriveis que ás vezes chegam até a honra das esposas e das filhas dos senhores; atiçam a raiva que todos elles tem dos feitores, contando historias lugubres de castigos exagerados e de cruelissimas

vinganças, á cuja idéa se habituam; em sua credulidade estupida e illimitada esses desgraçados escutam boqui-abertos a relação dos prodigios do feitiço, e se emprazam para as reuniões nocturnas dos feiticeiros; e uns finalmente aprendem com outros mais sabidos á conhecer plantas maleficas, raizes venenosas que produzem a loucura ou dão a morte, e tudo isto e muito mais ainda de envolta com a embriaguez, com a desordem, com o quadro da abjecção e do desavergonhamento já natural nas palavras, nas acções, nos gozos do escravo.

Aos domingos e nos dias santificados a *venda* tem centuplicadas as suas glorias nefandas, aproveita a luz e as trevas, o dia e a noute, e por isso mesmo cada lavrador conta de menos na roça e demais na enfermaria alguns escravos na manhã do dia que se segue.

De ordinario, pelo menos muitas vezes, é nessas reuniões, é nesse fóco de peste moral que se premeditam e planejam os crimes que ensanguentam e alvoroçam as fazendas. Na hypothese de uma insurreição de escravos a *venda* nunca seria alheia ao tremendo acontecimento.

Todavia tolera-se a *venda*: o governo não póde ignorar, a policia local sabe, os fazendeiros o

lavradores conhecem e sentem que essa espelunca ignobil é fonte de vicios e de crimes, manancial turvo e hediondo de profunda corrupção, constante ameaça á propriedade, patibulo da reputação, e em certos casos forja de arma assassina; porque é e será sempre o ponto de ajuntamento de escravos onde se conspire ou se inicie a conspiração; e ainda assim a *venda* subsiste e não ha força capaz de anniquilal-a.

Porque?....

E' que se prohibissem a *venda*, de que trato, se lhe fechassem a porta, se lhe destruissem o tecto, ella renasceria com outro nome. e, como quer que fosse, e, onde quer que fosse, havia de manter-se, embora dissimulada, e abusivamente.

A logica é implacavel.

Não é possivel que haja escravos sem todas as consequencias escandalosas da escravidão: querer a ulcera sem o puz, o cancro sem a podridão é loucura, ou capricho infantil.

Perigosa e repugnante por certo, e ainda assim não das mais formidaveis consequencias da escravidão, a *venda* de que estou fallando, é inevitavel; porque nasce da vida, das condições, e das exigencias irresistiveis da situação dos escravos.

A *venda* é o espelho que retrata ao vivo o rosto e o espirito da escravidão.

Se não fosse, se não se chamasse *venda*, teria outro e mil nomes no patuá do escravo ; seria uma casa no deserto, um sitio nas brenhas ; estaria na gruta da floresta, em um antro tomado ás feras, mas onde iria sempre o escravo, o quilombola, vender o furto, embriagar-se, ultrajar a honra do senhor e de sua familia, a quem detesta, engolphar-se em vicios, ouvir conselhos envenenados, inflammar-se em odio, e habituar-se á idéa do crime filho da vingança ; porque o escravo, por melhor que seja tratado, é, em regra geral pelo facto de ser escravo, sempre e natural e logicamente o primeiro e mais rancoroso inimigo de seu senhor.

O escravo precisa dar expansão á sua raiva, que ferve incessante, e esquecer por momentos ou horas as miserias e os tormentos insondaveis da escravidão ; é na *venda* que elle se expande e esquece ; ahi o odio falla licencioso e a aguardente afoga em vapores e no atordoamento a memoria.

Entretanto, a *venda* é horrivel ; é o recinto da assembléa selvagem dos escravos, onde se eleva a tribuna malvada da lascivia feroz, da

diffamação nojenta e do crime sem susceptibilidade de remorso; alli a matrona veneranda, a esposa honesta, a donzella-anjo são julgadas e medidas pela bitola da moralidade dos escravos; o aleive é applaudido e sanccionado como verdade provada, e o aleive se lança com as fórmas esqualidas da selvatiqueza que falla com a eloquencia do rancor sublimisado pelo alcool; alli se acendem furias contra os feitores e os senhores; alli se rouba a fazenda e se fazem votos ferozes pela morte daquelles que se detestam, porque, é impossivel negal-o, são oppressores.

E não ha para supprimir a *venda*, essa *venda* fatal, que rouba, desmoralisa, corrompe, calumnia e ás vezes mata, senão um só, um unico meio: é supprimir a escravidão.

Não ha; porque a *venda* está intimamente presa, imprescindivelmente adunada á vida do escravo; sem ella, os suicidios dos escravos espantariam pelas suas proporções.

Onde houver fazendas, haverá por força a *venda* perversa, ameaçadora, infamissima, como a tenho descripto e a conhecem todos, sem excepção, todos os lavradores.

Não ha rei sem throno, não ha familia sem lar, nem aves sem ninho, nem fera sem antro;

o throno, o lar, o ninho, o antro do escravo é, antes da senzala, a *venda*.

A *venda*, que vos parece apenas repugnante, corruptora, ladra e infame, é, ainda mais, formidavel e atroz; mas em todos esses attributos digna, legitima filha da escravidão, que a gerou, criou, sustenta, impõe e que ha de mantel-a arraigada á sua existencia.

E' um mal absolutamente dependente, porém inseparavel de outro mal; não é causa, é effeito; não é arvore, é fructo de arvore.

Se quizerdes supprimir a *venda-inferno*, haveis de supprimir primeiro a — escravidão-demonio.

II

Era em uma dessas *vendas* sinistras como a que acabamos de descrever.

O sitio era solitario; a estrada rompia pelo meio vasta floresta que cortava sinuosa, e, descendo declive suave, ia atravessar tenue corrente d'agua alimentada por brejal vizinho e de novo se perdia, como embebendo-se no seio do bosque.

A *venda* mostrava-se triste á beira da estrada, que em sua frente se alargava cerca de seis ou oito braças; tinha ao lado direito o brejal a estender-se para traz, e ao esquerdo e pegada á casa uma rude tranqueira de páo, dando entrada para um terreiro immundo, que se adiantava pouco além da cozinha. Não havia creação no

terreiro; apenas a elle se recolhiam á noute um porco, que chafurdava na lama, e um casal de de patos, que grasnavam no brejo.

A *venda* se isolava na solidão, mas não longe de fazendas e sitios, que se annunciavam de madrugada pelo cantar dos gallos, á tarde pelo mugir dos bois, á noute pelo latir dos cães.

Os cavalleiros e viandantes que passavam ás vezes durante o dia, não se lembravam nunca de chegar-se ou parar áquella *venda* desprezivel, onde em compensação faziam sempre estação demorada os escravos carreiros ou tropeiros que iam ou voltavam, conduzindo generos.

Entretanto, aquelle tecto miseravel, albergue de vicios e torpezas, jámais se achava em abandono de freguezes.

Ha poucos annos, em um dia calmoso do mez de Fevereiro, viam-se ás tres horas da tarde nessa *venda* certas figuras, formando um quadro quasi constantemente alli observado com insignificantes modificações até a hora do negro concurso nocturno.

Para dentro do balcão estava um menino de doze annos, de pés no chão, vestido de calças e camisa que desde um mez não mudava, e cuja côr e qualidade do pano escapariam ao mais tei-

moso exame; era o caixeiro mandrião, e já perdido pela desmoralisação, pela incontinencia da palavra e pela convivencia com os vadios e os escravos. A' porta da *venda* via-se em pé a olhar a estrada um homem de meia idade, cabelludo, amarello, em mangas de camisa com o collarinho desabotoado, o peito á mostra, e calçando grandes tamancos: era o vendelhão.

Em uma extremidade do balcão sentava-se um homem avelhentado, tendo as pernas pendidas, os pés descalços, os vestidos remendados, um velho chapéo de palha na cabeça, e ao peito uma viola, em que tocava de continuo as musicas rudes dos fados. Na outra extremidade do balcão quatro sujeitos moços quasi todos, um ainda imberbe, todos quatro mais ou menos miseravelmente vestidos jogavam o *pacao*, rixando a todo momento, e não se poupando accusações de furtos e de fraude no jogo.

Um ultimo freguez emfim, figura sinistra, tendo olhos de tigre, boca, por assim dizer, sem labios, e com immensa barba mal cuidada, parecia dormir estendido em um banco de páo defronte do balcão.

De espaço em espaço a aguardente inspirava o tocador de viola e animava os jogadores.

A's quatro horas da tarde um cavallo, correndo á desfilada, veio estacar á porta da *venda*, pondo-se o cavalleiro de um salto no chão.

O cavalleiro era um crioulo escravo ainda muito joven.

—Oh !... o grande Simeão !... exclamou o vendelhão, abraçando o escravo.

— Uma pinga que estou com muita pressa; disse este, e correu para dentro da *venda*.

Simeão recebeu logo um cópo cheio de aguardente, que bebeu de uma vez, atirando o resto á cara do menino, que o servira.

III

Simeão devia ter vinte annos: era um crioulo de raça pura africana, mas cujos caracteres physicos aliás favoravelmente modificados pelo clima e pela influencia natural do paiz, onde nascêra, não tinham sido ainda afeiados pelos serviços rigorosos da escravidão, embora elle fosse escravo.

Havia em seus modos a expansão que só parece propria do homem livre: elle não tinha nem as mãos callejadas, nem os pés esparramados do negro trabalhador de enxada: era um escravo de cabellos penteados, vestido com asseio e certa faceirice, calçado, fallando com os vicios de linguagem triviaes no campo, mas sem a bruteza commum na gente da sua condi-

ção ; até certo ponto, pois, aceito, apadrinhado, protegido e acariciado pela familia livre, pelo amor dos senhores.

A historia de Simeão tem mil historias irmãs até aos vinte annos que elle conta; ha de, portanto, trazer á memoria mil historias, como a sua, cheia de desgostos e de resentimentos de ingratidão, que aliás, sem o pensar, os bemfeitores cimentam: a historia que vai seguir-se depois dos vinte annos talvez lembre alguma infelizmente mais ou menos semelhante, e cujo horror é sómente um dos fructos e dos horrores da escravidão.

Sementeira de venenosos espinhos, a escravidão não póde produzir flores innocentes.

A historia de Simeão ainda não criminoso é simples: muitos dos leitores deste romance a encontrarão realizada, viva, eloquentemente exposta no seio de seu lar domestico.

Domingos Caetano teve de sua mulher muito e bem merecidamente amada uma filha que satisfizera os doces votos de ambos: Angelica, a nobre esposa e virtuosa mulher, não poude ter a dita de amamentar o seu anjo, e confiou-o aos peitos de uma escrava que acabava de ser mãi como ella: a escrava que ama-

mentara dous filhos, o proprio e o da senhora, morreu dous annos depois, e Angelica pagou-lhe a amamentação da sua querida Florinda, criando com amor maternal o crioulinho Simeão, colasso de sua filha.

A compaixão e o reconhecimento em breve se transformaram em verdadeira affeição: o crioulo era esperto e engraçado, começou fazendo rir, acabou fazendo-se amar. Simeão divertia, dava encanto ás travessuras de Florinda: Domingos Caetano e Angelica o amaram em dobro por isso.

Até os oito annos de idade Simeão teve prato á mesa e leito no quarto de seus senhores, e não teve consciencia de sua condição de escravo. Depois dos oito annos apenas foi privado da mesa e do quarto em commum; continuou, porém, a receber tratamento de filho adoptivo mas criado com amor desmazelado e imprudente, e cresceu emfim sem habito de trabalho, abusando muitas vezes da fraqueza dos senhores. sem attingir á dignidade de homem livre, e sem reconhecer nem sentir a absoluta submissão do es ravo.

Era o typo mais perfeito do crioulo, cria estimada da familia.

IV

Mais de uma vez parentes e amigos de Domingos Caetano e Angelica disseram á um ou outro, mostrando Simeão:

— Estão creando um inimigo: a regra não falha.

E Domingos respondia:

— Coitado! elle é tão bom!

E Angelica dizia sorrindo-se:

— E' impossivel que nos seja ingrato.

— Ainda não houve um que o não fosse! tornavam-lhes debalde; porque os senhores de Simeão nem por essas já triviaes advertencias menos condescendentes e affectuosos se mostravam com o seu creoulo estimado.

Breve reflexão de passagem.

As apprehensões da ingratidão e da inimisade desses escravos, crias predilectas aquecidas no seio da familia tem por certo o fundamento da mais triste experiencia; mas a sancção da regra sem o estudo e reconhecimento da causa do mal tenderia á fazer apagar as santas inspirações da caridade, e á impedernir os corações de todos os senhores de escravos.

Fôra absurdo pretender que a ingratidão ás vezes até profundamente perversa dos creoulos amorosamente criados por seus senhores é nelles innata ou condição natural da sua raça: a fonte do mal que é mais negra do que a côr desses infelizes, é a escravidão, a consciencia desse estado violenta e barbaramente imposto, estado lugubre, revoltante, condição ignobil, mãe do odio, pustula encerradora de raiva, pantanal dos vicios mais torpes que degeneram, inficcionam, e tornam perverso o coração da victima, o coração do escravo.

No amor dos senhores o creoulo estimado viu, sentiu, gozou os reflexos das flammas vivificantes, generosas, sagradas da liberdade; mas vem um dia em que elle se reconhece escravo, cousa e não homem, á pezar da affeição, das condescendencias, dos caridosos beneficios do senhor—

amigo, da senhora—segunda mãe; vem a primeira hora sinistra em que elle, que até então vivera em sonhos e illusões, desperta com a certeza horrivel de que é um condemnado d'aquem berço; condemnado sem crime; tendo alma e considerado simples materia ambulante; cousa, animal, que se vende, como a casa, como o boi e como a besta; finalmente miseravel e perpetuo desterrado em dezerto sem horisonte, tendo vida e não vivendo para si, desejando sem esperanças, não possuindo de seu nem o pleno direito dos tres amores mais santos o de filho, o de esposo, e o de pai; machina para cavar com a enchada, homem desnaturado, miseria respirante e movente que os proprios cães distinguem pela marca do desprezo social.

O creoulo escravo e estimado por isso mesmo que tem mais aguçada a intelligencia, e por isso mesmo que deram-lhe as mostras dos gosos e da superioridade, mas não lhe deram a condição e a educação proprias do homem livre, péza melhor que os escravos brutaes o preço e o encanto da verdadeira liberdade; no meio dos beneficios comprehende que lhe falta um que vale mais do que todos os outros sommados e multiplicados; feliz pelos favores que recebe, pelos dons da

affeição de que é objecto, esbarra sempre diante da realidade da escravidão, que o abate, avilta e moralmente o anniquila: deseja e não tem, quer e não póde, sonha e não realisa o bem supremo da terra, escravo se reconhece e bebe o odio, os máos costumes, o veneno, a perversidade da escravidão.

O creoulo escravo e estimado, em quem o amor e as condescendencias do senhor animam e atiçam expansões naturaes do amplo goso da liberdade, mistura nos dias da reflexão mais sombria e triste, a lembrança dos sabores do reflexo da liberdade com a ameaça e os negros horrores da escravidão; habituado á impunidade garantida pela affeição ousa muito e abusa ainda mais; como predilecto da familia, e escravo, por tanto infeccionado de todos os vicios, e ferozes impulsos da madre-fera escravidão, insolente e malcreado, nem perfeitamente livre, nem absolutamente escravo, bom juiz odiento, pois que conhece as duas condições, e da melhor é bastardo, e da peior legitimo filho, o creoulo escravo e estimado de seu senhor, torna-se em breve tempo ingrato e muitas vezes leva a ingratidão á perversidade, *porque é escravo.*

Mas a sua ingratidão e a sua perversidade não

se explicam pela natureza da raça, o que seria absurdo; explicam-se pela condição de escravo, que corrompe e perverte o homem.

O creoulo amorosamente creado pela familia dos senhores seria talvez o seu melhor amigo, se não fosse escravo.

V

Ninguem poderia ter marcado, nem o proprio Simeão seria capaz de determinar o dia em que lhe toldára as alegrias do coração innocente a primeira gota de fel destilado pela consciencia da sua escravidão. Havia para elle na casa de seus amorosos senhores um céo e um inferno: na sala o nectar da predilecção e da amisade, na cosinha o veneno da inveja e o golphão dos vicios: na cosinha a negra má e impiedosa castigou-lhe as travessuras e exigencias incommodas e apadrinhadas pelos senhores, repetindo-lhe mil vezes:

— Tu és escravo como eu.

E o negro enfesado e ruim perseguia o creou-

linho estimado com a ameaça lugubre de um futuro tormentoso:

— Brinca para ahi, pobre coitado! has de vèr como é bom o chicote, quando creceres...

E pouco a pouco Simeão abalado, incessantemente influenciado pela inveja e pelas maldades da cosinha deixou-se tomar de um constrangimento leve, mas invencivel que foi o primeiro signal da triste suspeita do abysmo que o separava dos senhores.

A cosinha foi sempre adiantando a sua obra: quando conseguiram convencer. compenetrar o creoulinho da baixeza, da miseria da sua condição, as escravas passaram á preparar nelle o inimigo dos seus amantes protectores: ensinaram-o á espiar a senhora, a mentir-lhe, a atraiçoa-la, ouvindo-lhe as conversas com o senhor para conta-las na cosinha; desmoralisaram-o com as torpezas da linguagem mais indecente, com os quadros vivos de gosos esqualidos, com o exemplo frequente do furto e da embriaguez, e com a lição insistente do odio concentrado aos senhores.

E a sala ajudou sem o pensar, sem o querer, a obra da cosinha.

Domingos Caetano e Angelica não destinavam

Simeão para trabalhador de enchada, e não o fizeram aprender officio algum, nem lhe deram tarefa, e occupação na fazenda: abandonando-o á quasi completa ociosidade, tolerando seus abusos com fraqueza e cega condescendencia, e, o que é peior, simulando ás vezes exagerada severidade esquecida logo depois, ameaçando sem realisar jamais a ameaça do castigo, dando emfim ao creoulo facilidades para o passeio, não raramente dinheiro para suas despezas futeis, amando-o como filho adoptivo, e conservando-o escravo, sem o querer, sem o pensar, auxiliaram as depravações da cosinha que perverteram o vadio da fazenda.

E, maior imprudencia ainda, ora Domingos, ora Angelica, cada qual por sua vez sorrindo ao pequeno Simeão, e fallando aos amigos que, por favor e agrado a elles, o tratavam com prazenteiros modos, dizia sem cautella:

— Este não será de outro senhor.

E a promessa contida nas palavras referentes ao escravo inda pequeno foi por muitas bocas traduzida com acerto ao escravo mais tarde joven, por turvo juizo que encerrava esperança dependente de morte.

Diziam a Simeão:

— Feliz rapaz ! em seu testamento teu senhor te deixa forro.

E, por aborrecimento da escravidão, pelo anhelo da liberdade completa, pelo encanto de chegar a ser dono de si proprio, Simeão escravo era já ingrato; porque não pensava mais que a morte de seu bemfeitor fosse um successo lamentavel.

A *venda* rematou a obra começada pela cosinha e auxiliada pela sala.

Não podendo ter parte nos banquetes, nas reuniões festivas, nos divertimentos da sociedade livre, vendo-os de longe, invejando-os, querendo arremeda-los, Simeão que pairava em uma condição media, mas artificial, inconsequente e falsa entre as flores da liberdade que não podia colher de todo e os espinhos da escravidão que embora não dilacerassem, espicaçavam-lhe o coração, desceu da situação hybrida para o fundo do abysmo: do fado da senzala da fazenda, passou depressa aos ajuntamentos da *venda*, e convivendo ali com os escravos mais brutaes e corruptos, e com os vadios, turbulentos e viciosos das visinhanças entregou-se á todos os deboches, e se fez socio activo do jogo aladroado, da embriaguez ignobil e da luxuria mais torpe.

Simeão foi desde então perfeito escravo.

VI

A necessidade da alimentação dos vicios torna o vadio ladrão.

Domingos Caetano e Angelica fatigaram-se de duvidar, e cederam a evidencia, reconhecendo que Simeão lhes furtava dinheiro e objectos de valor; mas em vez de castiga-lo com severidade, fracos ainda, quizeram vêr no crime apenas uma estravagancia da mocidade, e limitaram-se á reprehender com aspereza, e á impedir durante algumas semanas as sahidas de Simeão.

A insufficiencia do castigo serviu somente para irritar o creoulo que, resentido da privação de seus prazeres, maldice dos senhores na cosinha, recrudescendo-lhe a raiva com as zombarias e as provocações dos parceiros.

A escravidão já tinha com o seu cortejo logico e quasi sempre infallivel de todos os sentimentos ruins, de todas as paixões ignobeis, estragado o creoulo que talvez houvesse nascido com felizes disposições naturaes: o odio aos senhores já estava incubado na alma do escravo; só faltava para desenvolve-lo o calor mais forte da acção do dominio absoluto que deshumanisa o homem á elle sujeito.

Simeão acabava de contar desenove annos e nunca houvera soffrido castigo algum corporal. Vira por vezes o quadro repulsivo dessas punições que são indeclinaveis nas fazendas, mas nem por isso menos contristadoras, e de cada vez que os vira, experimentára abalo profundo e seguido de melancolia que durava horas: não fallava, não manifestava por palavras ou queixas o que sentia; mas dentro de si estava dizendo: «e tambem eu posso ser castigado assim!»

Entretanto Domingos e Angelica eram senhores bons e humanos.

Um dia quasi ao pôr do sol Florinda que aliás protegia muito Simeão, sorprehendeu-o, sahindo do quarto de seus paes, e no acto de esconder um objecto no bolso.

O creoulo aproveitára a occasião, em que

Angelica e Florinda tinham ido passear á horta, para invadir o quarto do senhor, donde furtára uma corrente de ouro que dous dias antes Domingos comprára á um vendedor de joias.

— Ainda um furto, Simeão!... exclamou Florinda que de subito acabava de chegar.

— E quem lhe disse que eu furtei?... perguntou audaciosamente o creoulo.

A moça avançou um passo para o escravo e disse-lhe:

— Entrega-me o que furtaste: eu não direi nada e te perdoarei... tu és doudo e queres ser desgraçado...

Em vez de obedecer sem insolencia e de curvar-se agradecido diante do anjo do perdão, o creoulo recuou, dizendo em alta voz:

— E' mentira! eu não furtei.

A' palavra mentira Florinda estremeceu ferida pelo insulto.

— Atrevido! bradou.

Uma escrava correu ao grito da senhora-moça.

— Tira do bolso desse miseravel o que elle acaba de furtar!

A escrava ia cumprir a ordem; mas Simeão repelliu-a, e tirando a corrente do bolso, lançou-a de longe á parceira com movimento tão desas-

trado ou com tal proposito de offensa, que a corrente foi cahir aos pés de Florinda.

Nesse momento entravam Angelica e Domingos que chegára da roça, e tinha ainda na mão o açoite do cavallo.

— Que foi isto? perguntou elle.

Florinda era uma santa: compadeceu-se do creoulo e calou-se; a escrava porém obedeceu e fallou.

Ouvindo a relação do caso e do insulto feito á filha, Domingos Caetano tomado de justa colera, levantou o açoite e descarregou-o com vivacidade sobre as costas de Simeão.

Seis vezes e repetidamente os golpes se tinham repetido, quando Florinda em pranto arrancou o açoite da mão de seu pai.

Simeão recebera as chicotadas immovel, sem soltar um gemido, sem derramar uma lagrima, e sem pronunciar uma só palavra de arrependimento ou desculpa, e quando privado do açoite Domingos Caetano o ameaçava ainda, elle com os olhos turvos e como em olhar febril medio de alto á baixo o senhor que tão justamente o castigára, e a senhora-moça que tão piedosa correra á poupa-lo a maior e bem merecida punição.

Foi nesse dia que se desenvolveu o odio do escravo.

O ingrato se tornou odiento e inimigo figadal de seus bemfeitores.

Até os desenove annos corpo virgem de castigos, Simeão vira emfim realisada a sua terrivel e sombria apprehensão: tambem elle tinha provado o açoite da escravidão.

O pervertido creoulo não pezou nem por instantes as proporções do desrespeito audacioso, da injuria com que offendêra a senhora moça, não se lembrou da reincidencia do seu crime de furto, esqueceu, desprezou o generoso movimento, com que Florinda o acudira, nem mesmo pareceu ter idéa da dôr das chicotadas; mas á seus olhos só e incessante se mostrava a imagem do açoite, quando atirado no ar, á cahir-lhe sobre as espaduas, e a imprimir-lhe nas espaduas a marca da ultima abjecção.

Em falta de pundonor e de vergonha, que a escravidão não comporta, o escravo tem o rancor e o desejo da vingança.

Nas pontas do açoite está o emblema do rancor do escravo: ás vezes ha nas pontas do açoite marcas de sangue.

Tudo isto é repugnante, é repulsivo, é horri-

vel; mas tudo isto se acha intimamente ligado com a escravidão, e absolutamente inseparavel della.

Onde ha escravos é força que haja açoite.

Onde ha açoite é força que haja odio.

Onde ha odio é facil haver vingança e crimes.

Simeão odiava pois seus senhores, á quem devia os cuidados zelosos de sua infancia, amizade e protecção, e cegas condescendencias que tanto lhe haviam suavisado a vida de escravo sem soffrimentos de escravo.

Simeão odiava o senhor, que o castigára com o açoite, odiava a senhora que nem se quer o castigára, e, inexplicavel nuança ou perversão insensata do odio, odiava mais que a todos Florinda, a senhora moça, a santa menina que offendida, insultada por elle, tão prompta lhe perdoara a offensa, tão prestes se precipitára á livra-lo do açoite.

O negro escravo é assim.

Se o não quereis assim, acabai com a escravidão.

VII

Eis-ahi quem era, e o que era o creoulo que, trazendo o cavallo em que montava á correr á desfilada, acabava de chegar á *venda*.

Tinha elle virado o seu copo de aguardente, cujas gotas restantes atirára ao rosto do menino caixeiro.

Sem fazer caso da palavrosa represalia do menino que se pagava da dôr dos olhos tocados pela aguardente, dizendo-lhe injurias, dirigio-se ao grupo de jogadores do patáo e disse-lhes:

— Se vocês tem dinheiro, entro no jogo; mas ha de ser jogo de arrebentar logo; porque estou apressado...

— Quanto trazes?

— Cinco mil réis... são cinco paradas: quem topa?

Os jogadores hesitaram; dous delles porém fizeram sociedade contra Simeão, e travaram a batalha dos cinco mil réis.

Os outros dous já depennados de seus magros vintens ficaram á olhar.

O vendelhão e o homem barbudo que dormia, e então despertou, vieram apreciar o jogo de grossas paradas.

As cartas contrariaram a pressa de Simeão, equilibrando durante uma hora bem longa a fortuna dos contendores: por fim o creoulo que não se deixava enganar pelos jogadores mais fraudulentos e melhores empalmadores, ganhou os cinco mil réis aos dous associados, e não vendo mais dinheiro no balcão, voltou-lhes as costas.

— Que diabo de creoulo! disse um dos jogadores infelizes; ou elle conhece as cartas; ou fez-se parceiro de S. Benedicto nas horas do jogo! é o santo negro que ajuda os diabos negros!

Simeão poz-se á rir e respondeu:

— Vocês não podem comigo hoje; estou em boa lua de felicidade: o velho lá ficou estirando as pernas...

— Como? perguntou o vendelhão.

— Deu-lhe um ataque não sei de que, dizem que é de cabeça, e deixei-o sem sentidos: é verdade! eu não lhes disse que estava apressado? mandaram-me chamar o Dr. Pereira.

A gente que ouvia Simeão, desatou a rir, ouvindo-o fallar da pressa com que estava.

O velho da viola continuava á tocar imperturbavelmente.

— Então vai-se o Sr. Domingos Caetano? disse o vendelhão: coitado! não fazia mal a ninguem: e tu ficas forro, Simeão; era o que mais desejavas... olha, não te arrependas.

— Arrepender-me? porque? tenho eu culpa do ataque de cabeça do velho? se elle se vae, é que chegou a sua hora: boa viagem!

— Onde irás tu, forro, que aches a vida que tens tido escravo?

— Mas porque me conservou elle escravo?... o demonio que o leve com tanto que me deixe a liberdade... bem pudera tambem deixar-me algum dinheiro... tem tanto e de sobra...

— Mesmo em casa?

— Oh lá! e eu o posso dizer que perfeitamente conheço os segredos...

O vendelhão interrompeu o creoulo.

VIII.

Apezar da demora cruel de Simeão, o medico ainda chegou á tempo.

Domingos Caetano estava privado da voz e dos sentidos e em comatoso somno precursor da morte proxima alvoraçava a esposa e a filha com a idéa tremenda do seu ultimo trance. Quatro dias permaneceu elle nesse estado desesperador até que emfim seus labios se moveram, sua boca obedeceu ao coração que despertava para a vida, e dous nomes se lhe ouviram a custo pronunciados: « Angelica....., Florinda.,..... »

Esses nomes mal ouvidos foram os primeiros raios duvidosos da aurora da esperança mais suave, ainda porém tremula.

E' inutil descrever as angustias, e a conster-

nação de Angelica e Florinda e a dôr de seus parentes e amigos nesses quatro dias, e principalmente nessas quatro noites, em que a cada momento se afigurava o começar da agonia do velho moribundo: foram dias e noites de torturas de todos os instantes, de lagrimas, e de orações que na esposa e na filha se misturavam com aquelles accessos de afflictivo desespero que Deus perdoa aos amores santos da terra.

Mas, embalde a violencia da dôr, o esquecimento de tudo que não era o ameaçado da morte, o pranto que enchia os olhos, o desatino da consternação, Angelica e Florinda viram e não poderão esquecer mais, e todos admiraram a constante dedicação com que Simeão estivera sempre ao lado de seu senhor moribundo.

No meio da afflicção geral o creoulo parecia dominar-se com energica vontade para melhor servir, e serio, silencioso e grave em pé á alguns passos do leito de Domingos Caetano, atravessou as noites sem dormir, tendo apenas por duas vezes cedido a fadiga, reconquistando as forças em breve somno de dia.

Simeão teria sido o enfermeiro de seu senhor, se Angelica e Florinda cedessem á alguem o cumprimento desse dever.

Mais de uma voz tinha dito e repetido :

—Excellente creoulo ! como ama á seu senhor ! ha poucos assim.

As apparencias dissimulavam os sentimentos do escravo.

Simeão contava com a morte de Domingos Caetano, e tão intelligente como desmoralisado e corrompido, fizera suas reflexões e procedia em consequencia.

Desde muito tempo desejava que chegasse o dia do fallecimento do senhor, calculando com a verba testamentaria que o deixaria liberto : esse dia chegava emfim, elle dentro de si o festejava; mas, tendo acabado de conceber criminoso projecto, convinha-lhe fingir-se compungido e triste, e não affastar-se um só momento da casa.

O sarcasmo grosseiro do vendelhão que provocára as gargalhadas dos vadios reunidos na *venda*, lembrára ao creoulo um attentado que se lhe afigurava de facil execução.

O escravo já não se contentava com a liberdade, queria tambem dinheiro.

A morte que se demorava, impunha-lhe privação de passeios, de deboches, e da pratica dos seus vicios ; não lhe seria difficil escapar-se da fazenda com pretextos futeis, ou sem elles ; Si-

meão porém não queria que o senhor morresse em sua ausencia; conhecendo perfeitamente os escaninhos da casa, sabia onde Domingos Caetano tinha encerradas grandes sommas de dinheiro, e planejára aproveitar a desordem, e as convulsões da familia na hora terrivel do passamento para roubar quanto podesse.

Eis o segredo da apparente dedicação do escravo.

Simeão velava, é certo, diante do leito de seu senhor moribundo: affectava tristeza, e gravidade de dôr concentrada; mas seus olhos fitos no corpo de Domingos Caetano sómente procuravam os signaes do progresso do mal e da aproximação da morte, que lhe promettia liberdade, e riqueza roubada.

Nesse longo velar, olhando o senhor, Simeão as vezes lembrava os beneficios, as provas de amizade que recebêra do velho que ia morrer; logo porém suffocava o natural assomo de generoso sentimento, recordando o açoite que cahira sobre suas espadoas, e prelibando a liberdade que em breve devia gozar. Sem poder vencer-se, por momentos sensibilisava-se ao aspecto do corpo quasi cadaver, e ao ruido abafado do soluçar da familia; mas, só por momentos homem,

era horas, dias e noites simples escravo, e ainda ao aspecto do corpo quasi cadaver do senhor, e e ao ruido abafado do soluçar da familia occultava sob a exterioridade mentirosa de compuncção e tristeza, o gelo, a indifferença ingrata e os instinctos perversos da escravidão.

O aborrecimento que elle já votava ao senhor dormia resfriado pela morte, que presumia proxima; a morte porém era condição do somno do aborrecimento, e o senhor moribundo sómente podia merecer do escravo o olhar fixo de vigia, insensivel ao doloroso trance, esperando com aborrecido cansaço a ultima scena de um caso fastidioso.

Simeão foi actor nesse theatro de reaes e despedaçadoras afflicções, em que só elle tinha papel estudado. Os transportes de dôr, em que se estorciam Angelica e Florinda não o commoveram. Vio sem se enternecer as lagrimas que Angelica chorara de joelhos, abraçando os pés de seo marido quasi agonisante, e em um momento supremo, em que á todos se afigurou derradeiro trance de Domingos Caetano, e quando Florinda nesse desespero que olvida tudo, tudo e até o pudor de donzella, quando Florinda

descabellada, delirante se lançava no leito de seu pai, e era d'ali arrancada por parentes, contra quem se debatia em desatino, elle, o escravo, o animal composto de gello e odio, elle teve olhos malvados, sacrilegos, infames que pastassem lubricamente nos seios núS, nos seios virginaes da donzella que se deixava em desconcerto de vestidos pelo mais sagrado desconcerto da razão.

Simeão, escravo, contando com a liberdade, e calculando com o roubo de saccos de prata e ouro, velava sinistro ao lado de seu senhor agonisante, estudando-lhe na desfiguração, na decomposição do rosto, e no arfar do peito os avanços da morte, que era o seu desejo.

E a esposa e a filha do velho que parecia agonisante, e os parentes e os amigos que tinham acudido ao annuncio do grande infortunio, diziam, vendo Simeão vigilante e dedicado junto de seu senhor !

— Que agradecido creoulo ! ha poucos assim.

Mas no entanto Simeão era mais do que nunca ingrato e perverso.

Não condemneis o creoulo ; condemnai a escravidão.

O creoulo póde ser bom, ha de ser bom amamentado, educado, regenerado pela liberdade.

O escravo é necessariamente máo e inimigo de seu senhor.

A madre-féra escravidão faz perversos, e vos cerca de inimigos.

IX

Domingos Caetano escapára áquelle assalto da morte; mas á semelhança do soldado invalido que traz na mutilação o signal do golpe inimigo que estivera á ponto de cortar-lhe a vida, ficou marcado com a tortura da boca e com a hemiplegia quasi completa.

Se não fôra catholico e pae de familia bem pudera preferir ter morrido.

Não houve para o pobre paralytico nem a duvidosa esperança de convalescença promissora da regeneração da saude: nos primeiros dias houve o soffrimento incessante do homem que se reconhece metade morto para o movimento e a acção, para a actividade e o trabalho,

e que não tem no futuro perspectiva menos desconsoladora, do homem que sendo esposo e pae, sabe que deixou de ser apoio e que precisa apoiar-se, que não carrega mais com a familia; e que é a familia que passa á carrega-lo.

E passados os primeiros dias, Domingos Caetano que notava o cuidado com que o medico ascultáva-lhe por vezes o coração e ao mesmo tempo examinava-lhe o pulso, e recolhia minuciosas informações de passageiros incommodos que elle soffrêra antes do terrivel ataque, parecendo dar muita importancia á momentos de rapida mudança da côr do rosto, acompanhada de suores e resfriamento nas mãos e nos pés, aproveitou desconfiado alguns instantes em que se achou só com o medico e disse-lhe:

— Doutor, devo contas ao céo e á terra e já não posso amar a vida: falle-me franco... comprehende que preciso saber tudo...

O medico hesitou.

— A verdade... e depressa, em quanto ellas não voltam... é pela minha alma e por ellas que eu preciso saber...

Ellas eram a mulher e a filha.

O doutor murmurou voltando os olhos:

— Um pae de familia prudente... deve sem-

pre estar preparado para... mas eu ainda não desespéro...

— Entendo: obrigado... vê que não tremo: o que me diz é quasi uma consolação: dóe-me o *deixa-las*; mas de que lhes sirvo eu assim?...

O medico abaixou a cabeça.

— E' penar e *penalisa-las*; antes morrer.

E depois de breve pausa o velho continuou:

— E nestes casos e na peior das hypotheses... porque emfim o doutor ainda não desespera... na peior das hypotheses a morte aproxima-se de vagar ou chega de subito?...

— De um e outro modo; respondeu o medico animado pela frieza com que lhe fallava o misero doente; o seu mal é incuravel, meo pobre amigo; não me comprehenderia bem, se eu quizesse explica-lo; mas l a em uma de suas arterias obstaculo já muito grande e que se tornará absoluto, impedindo a circulação do sangue que é impellido do coração... nestes casos a morte que ás vezes fulmina como o raio, tambem ás vezes se preannuncia áquelles mesmos que não são medicos.

Com a mão não paralytica o velho apertou a do doutor.

— E se a morte não me fulminar hoje ou

amanhã, como o raio fulmina; diga-me, meo amigo, quaes são os signaes da aproximação do termo de tanto padecimento sem remedio?

O medico tomou o pulso ao doente, e achou-o batendo com perfeita regularidade.

Não havia impostura, nem estulta vaidade na resignação de Domingos Caetano.

Era este um moribundo com quem se podia tranquilla e placidamente conversar sobre a morte.

O medico olhou admirado para o velho e não respondeo.

— Mas.... conversemos, doutor; conversemos, em quanto *ellas* não chegam.

— Já não lhe disse bastante... talvez de mais?..

— Eu queria saber tudo.... ia dizendo Domingos Caetano.

Mas ouvio-se o leve ruido de mimosos passos.

Eram *ellas*, a esposa e a filha que chegavam.

— Silencio, doutor... murmurou o velho.

E sorrio-se, como podia, e ainda mais com os olhos do que com os labios á Angelica e á Florinda, que entraram no quarto.

— Como está?... perguntaram as duas á um tempo, dirigindo a palavra ao esposo e ao pae, e os olhos para o medico.

— Muito melhor; disse o esposo e pae.

O medico não pôde fallar, e fez potente esforço para conter as lagrimas.

X

Tres dias depois, Domingos Caetano recebeo todos os soccorros da igreja, todos e até a Extrema-Uncção com a alegria de verdadeiro catholico que festeja agradecido a sagrada visita do Senhor.

A mulher e a filha do paralytico não ousaram oppôr-se ao santo empenho do doente amado.

E o *Nosso Pai* foi recebido na casa sem côro de lagrimas, e com religiosos cantos de adoração catholica.

Contricto e feliz na alma, Domingos Caetano voltou depois e ainda santamente o coração para a terra.

Paralytico e embora certo de morte proxima, um esposo e pae, o chefe da familia é ainda e sempre emquanto vivo a providencia vidente

que véla pelos seus: ha nelle o amor que só a morte apaga, e que durante os restos da mesquinha vida, todo se entrega aos cuidados que ainda são de si, sendo da familia, e sendo d'alem tumulo.

Porque os paes não morrem de todo emquanto vivem os filhos, nos quaes se revivem pelo amor.

Domingos Caetano occupava-se incessante do futuro de Angelica e Florinda: hia deixa-las ricas, mas só na terra, ricas e por isso mesmo mais expostas aos perigos, aos enganos e ás perfidias do mundo: séntio que fecharia os olhos com a consolação do viajante que dorme doscansado no termo da viagem, se podesse deixar Angelica e Florinda á sombra de um protector natural e seguro: arrependeo-se de não ter mais cedo facilitado o casamento de sua filha, cujo esposo seria o mais interessado director da casa e da familia.

Adevinhando o que não lhe quizera dizer o medico, vio o annuncio da aproximação do passamento na aggravação de seo mal: os restos de dubio movimento, e de fraco sentimento do braço e perna condemnados desde o ataque cediam á completa paralysia, morrendo antes da morte de seu dono: os outros symptomas, á que d'antes

pouca importancia ligava, amiudavão-se: no rosto a subita pallidez, nas mãos e nos pés o suor e o frio do gelo lembravam-lhe á miudo a sentença do medico: sua observação placida, serena e dissimulada parava ahi; mas em um certo mal estar, e na respiração e em todas as forças da vida, que repetidamente por instantes pareciam suspender-se, elle presentia á descarregar-se sobre sua cabeça o ultimo golpe.

O bom velho conversou longamente com a esposa: provavelmente nenhum dos dous era estranho á suspeita de alguma suave affeição da filha: ambos se acharam de accordo sobre o merecimento daquelle que conseguira a gloria de fallar, embora muito de longe, com a eloquencia dos olhos, e sem a ousadia da palavra, ao coração angelico da sua Florinda.

O tempo urgia: o pae não podia esperar a expontanea confissão da filha.

A apprehensão da morte que avançava, impunha o dever de chamar o modesto e timido ambicioso de amor á posse do thesouro ambicionado.

Havia pressa justissima; pressa de esposo amante para a filha que ia ser orphã, de zeloso protector para a esposa que ia ser viuva.

Na tarde do segundo dia depois daquelle que fôra sagrado pela visita do Senhor, Domingos Caetano, forjando amorosa e perdoavel mentira, pretendeo experimentar sensiveis melhoras, e ostentando-as com fingido contentamento, encerrou-se no seo quarto com Angelica e Florinda.

Era a hora do crepusculo, e o quarto cuja porta se fechára, e onde não se acendêra luz, estava escuro, como se já fosse noite.

A instrucção não dá, a educação apenas arremeda as delicadezas do sentimento: a educação é mãe da cortezia, e adopta como póde a delicadeza que é filha só do sentimento: ha homens rudes que mal conhecem os lavores da sociedade, e que admirão pelo melindre e pelos delicados apuros do seo amor.

Domingos Caetano escolhera aquella hora do crepusculo, que era noite no quarto fechado, para fallar a Florinda sobre o seo casamento, ouvir-lhe talvez uma terna confissão, poupando-a á claridade da luz que multiplica os vexames e as confusões do pudor.

As confidencias não forão longas.

O pae fallou como amigo, a mãe animou a filha e esta com voz tremula e sumida e com virginal acanhamento dice o mimoso segredo

do seo coração: Hermano de Salles amava-a, e ella era sensivel ao seo amor.

Hermano era filho de um lavrador visinho, que dispunha de poucos meios mas de subida reputação de honestidade: trabalhador activo como seo pae, agradavel de figura e de trato, estimado geralmente no lugar pela nobreza de seo caracter, o mancebo era digno de Florinda.

Domingos Cactano abençoou o amor de sua filha, e annunciou-lhe que o seo casamento com Hermano se realisaria dentro de duas semanas.

O pobre pae paralytico tinha pressa.

XI.

Simeão andava triste e contrariado.

A liberdade com que contava, demorava-se; e o dinheiro para o jogo, para os fados devassos, e para a vida desenfreiada hia escasseando.

Além disso o estado lamentavel de Domingos Caetano, exigia cuidados assiduos, companhia constante que o obrigavão a não se ausentar da fazenda.

Era raro que o deixassem sahir de dia, e as noutes já não bastavão ao creoulo vadio e altanado.

A molestia de Domingos Caetano déra á Simeão pela primeira vez trabalho atarefado e longo.

O interesse que elle simulára por seo senhor, o concurso vigilante e dedicado que prestara ao tratamento do velho supposto moribundo nos dias e noutes de mais imminente perigo, tinhão recommendado o seo prestimo á familia, que cheia de céga confiança o queria sempre junto do paralytico.

Simeão não ouzava desmascarar-se, e submettia-se, embora ás vezes murmurando ao cumprimento do dever que lhe impunhão.

O dever era santo, era todo de caridade, virtude que resume todos os mandamentos dados por Deos aos homens, como baze de sua fraternidade na terra.

Mas esse exercicio da caridade que em um homem livre fôra virtude catholica, no escravo era obrigação material, e por tanto não fallava nem ao coração, nem á consciencia.

Simeão carregava seo senhor do leito para uma cadeira, da cadeira para o leito, como o burro carrega um fardo, e o boi pucha o carro.

O trabalho forçado fazia augmentar a aversão que elle votava aos senhores.

Quando o velho paralytico se arrastava agarrado ao seo braço, vinha-lhe ás vezes o pensamento de fingir escorregar, e de cahir para mo-

lestar o infeliz doente. Era só o cuidado da liberdade, da alforria que, conforme o pensar de todos, o esperava contida no testamento de Domingos, que o impedia de fazer aquelle mal.

No entanto Simeão era sempre *perverso* e até por diversão ou por infame e audacioso e revoltante entretenimento ainda era *perverso*

Desde o turvo dia do açoute seis vezes descarregado sobre suas costas detestava Florinda; mas por satisfação do desrespeito, por luxo de ouzadia e de descomedimento, por instincto brutal e gostosamente abusivo e insolente, tambem desde o accesso de dôr enlouquecedôra, em que vira no sublime desalinho filial os seios nús e formosos da senhora moça, Simeão, prezo, á força contido ao lado do velho paralytico, tomava por distracção que aliás disfarçava, o estudar os encantos physicos, a graça do andar, e a gentileza de Florinda, fazendo dessas observações objecto de conversação, e de atrevidas e obscenas illações no inferno da cosinha.

O creoulo mal creado e infrene pelos habitos da impunidade não se atrevia, é certo, á sonhar desejo criminoso e horrivel contra a pureza angelica da senhora moça: mas no desprendimento

licencioso da lingoa envenenada, e nas obscenas imaginações de escravo desmoralisado e só ideiador de gosos materiaes, apreciava á seo modo, e suppunha exaltar, quando aviltava, as graças, e os modos, o olhar, e o riso, as fórmas, e os movimentos do corpo da senhora moça, e no meio das risadas dos parceiros, fazia o elogio dos dotes physicos de Florinda, como se tratasse da escrava libidinosa e corrupta, com quem na noute antecedente dançara o fado que apenas precedêra á lubricidade brutal.

A palavra sacrilega da escravidão que se aperta e não póde sahir dos horisontes baixos e sordidos da immoralidade offendia, ultrajava pois sem medir as proporcões do ultrage a branca pureza da filha do senhor.

Simeão distinguia em Florinda a *senhora moça* da *mulher* materialmente considerada, e aborrecendo a *senhora moça*, divertia-se em offender por palavras de inducções profanadoras a *mulher* que era ainda um anjo de innocencia.

O escravo nunca ou raramente ouza levantar os olhos, sobre sua senhora e attentar contra sua honra; mas sua imaginação depravada muitas vezes se atreve a romper véos sagrados e á expôr em nudez grosseira e escandalosamente

ideiado o corpo da esposa ou da filha de seo senhor.

A escravidão é serpente: sua lingoa derrama sempre veneno.

XII

A' noite, mas um pouco tarde Simeão corria á *venda* para compensar-se da tarefa diaria junto do velho paralytico.

Depois das dez horas da noute a *venda* achava-se sempre fechada; a porta porem abria-se prompta á voz de freguez conhecido. Dentro era certa a reunião de escravos e da peior gente livre da terra.

Simeão preludiava com a conversação e com o jogo devassidões subsequentes. A conversação era animada: na *venda* sabia-se de tudo, e a vida intima das familias se despedaçava ali aos dentes ferozes dos escravos, os atraiçoadores e calumniadores das cazas.

A molestia de Domingos Caetano e suas ines-

peradas melhoras tinhão sido por muitas vezes discutidas.

Muitos lamentarão Simeão pelo adiamento da sua alforria: os escravos zombavão d'elle.

Um só homem soube consola-lo com um raio de esperança: foi o homem de immensa barba que vimos dormindo no banco da *venda* no dia em que Simeão fora mandado á chamar o medico.

José Borges que alias era mais conhecido por *José Bardubo*, ou simplesmente por—Barbudo—tinha dito á Simeão.

—Ataque de cabeça, quando deixa signal, não tarda a voltar.

O aphorismo popular que José Borges repitira, ficou na memoria do creoulo que depois por mais de uma vez consultou o seu aphorista.

E o Barbudo começava a interessar-se muito por Simeão, com quem estreitára amizade, acompanhando-o em suas excursões nocturnas, e partilhando seos deboches.

O companheiro não podia ser peior: José Barbudo era uma celebridade turbulenta e suspeitosa; mais de uma accusação de crime pezava sobre sua cabeça, e pretendião que havia em sua vida nodoas de sangue.

Nenhum freguez da *venda* se atrevia á negar um copo de aguardente ao *Barbudo* e menos ainda exagerar com elle a disputa no jogo. O *Barbudo* tinha sua fama.

Até então quasi indifferente á Simeão, tornara-se em poucos dias seu intimo camarada, e sempre que estavão juntos embebia nelle seus olhos de tigre como serpente a magnetisar a preza.

Era facil de explicar aquella subita amizade do Barbudo.

O escravo é a materia prima com que se preparão crimes horriveis que espantão a nossa sociedade. No empenho de seduzir um escravo para torna-lo complice no mais atroz attentado, metade do trabalho do seductor está previamente feito pelo facto da escravidão.

Não ha, não pode haver escravidão sem a idéa da vingança, sem o sentimento do odio a envenar as almas dos escravos, e a vingança e o odio tem sempre chegado de antemão á metade da viagem, quando soa a hora infernal da marcha pelo caminho do crime.

Mas o Barbudo não deixava entrever projecto algum criminoso: bom amigo de Simeão, apenas manifestava por elle affeição e interesse.

Uma noute, por exemplo, levou o creoulo á conversar no terreiro da *venda*.

Depois de facil ajuste para um de seus frequentes deboches em senzalas de escravas e sitios occupados por gente depravada, o Barbudo perguntou :

— Simeão, donde diabo veio o favor que conseguiste de teus senhores ? olha que devéras ellas te estimão !

— Minha mãi foi ama de leite da menina; respondeo o creoulo.

Fora de casa Simião mudava o tratamento que por costume e lição recebida prestava a seos senhores: á Domingos Caetano em vez de *meu senhor* chamava —*o velho*— a Angelica em vez de *minha senhora* chamava a—*velha*,—á Florinda em vez de *sinhá-moça* chamava—*a menina*.

O Barbudo tornou dizendo :

— Ah ! era de razão; mas com os diabos ! se morrer o velho, a liberdade que elle te vae deixar tem ares de benção seguida de ponta-pé !

— Como assim ?...

— Não te mandarão ensinar officio, fizerão de ti um famozo vadio, como eu, e agora se vieres a ficar forro, escorregarás da alforria para a miseria..... em ?...

— Penso ás vezes nisso, Barbudo; mas...

— Mas o que ?...

— E' que a liberdade sempre é a liberdade ! no dia em que me achar forro, cresço um palmo.

— Boa consolação ! não serás capaz de viver liberto, como vives escravo: tu passas um vidão.

— Talvez; mas sou escravo; este nome quando soa, fura-me os ouvidos, como se fosse um estoque envenenado.....

— Não me venhas com essa: eu sei o que esperas: o velho é rico á abarrotar e sabes e contas que te deixará com a liberdade dinheiro bastante para o principio de algum negociosinho.

Simeão sacudio a cabeça tristemente e dice :

— Liberdade sim... dinheiro não : é certo que o dinheiro anda lá em sacos; mas o velho é unhas de fome, e nunca fallou senão em ajuntar fortuna para a menina....

— Com os diabos ! olha, Simeão; acabas em cachorro leprozo se ficares forro sem dinheiro... coitado do Simeão ! que injustiça ! quando pouco te bastava, e ha tantos.... tantos sacos....

— Muitos.... murmurou o creoulo com voz surda.

— Que lorpa de velho! com os diabos! e o sovina não tem medo dos ladrões?

— Ladrões? que irião lá fazer?... a casa da fazenda é uma fortaleza.

— Só assim; mas não ha fortaleza que não se renda.

— Aquella sómente por traição,

O Barbudo sorrio-se sinistramente; mas o creoulo não lhe vio o rir medonho; porque a noute era escura.

— Que nos importa a fortaleza?... que o diabo a leve e tambem ao velho comtanto que elle te contemple com algum dinheiro no seu testamento; do contrario manda-o pinotear no inferno pela liberdade miseravel em que te abandonará.

— Com effeito eu tenho necessidade de dinheiro: já fiz meos planos: negociarei em bestas e cavallos... ganha-se muito nisso...

— Mas para principiar o negocio?

— E' isso: precizo ter algum dinheiro.

— Olha, Simeão, creado como filho adoptivo, tens direito á herdar um pedacinho da fortuna do velho, e eu no teo cazo... queres um conselho de amigo?

— Quero, sim.

— Eu, no teo cazo, herdava por minhas mãos: morrendo o velho, tirava o meu quinhão: não sejas tolo; se puderes, e ha muitos meios, faze-te herdeiro sem te importar o testamento: ninguem sabe quanto o sovina aferrolha, e os mortos não fallão. Não sejas tolo.

Simeão não respondeo; mas o Barbudo tinha adevinhado a sua intima e decidida resolução.

Os dous passearão ainda ao longo do terreiro; mas não conversavão mais. Meditavão ambos, e as almas de ambos banhavão-se em inundação de idéas criminosas.

— Vou-me embora; disse de repente o creoulo.

O Barbudo apertou-lhe a mão, e murmurou-lhe ao ouvido:

— Se em qualquer difficuldade precizares de um companheiro seguro, que valha como dez, lembra-te de mim, e conta com o Barbudo, Simeão.

O creoulo afastou-se sem dizer palavra.

A *venda* já estava dezerta.

Simeão esperou na estrada o Barbudo, e vendo-o sahir logo atraz, deixou-o aproximar-se e perguntou-lhe á meia voz:

— Então é certo que o ataque de cal quando deixa signal, volta sempre?...

— E' de regra.

— E demora-se muito á voltar?...

— Quaze nunca.

— Leve o diabo o teu quaze, Barbudo!

O Barbudo soltou uma gargalhada cynica

XIII

O escravo tinha encontrado um amigo.

A escravidão já perfeitamente apurada com a pratica dos vicios abjectos que lhe fazem legitimo cortejo, abraçava-se com o crime que por fim não lhe póde inspirar horror.

Simeão preferia o Barbudo a todos os seos consocios freguezes da *venda*: o Barbudo era o seo homem, o seo conselheiro, o intimo das suas confidencias.

O Barbudo tinha-o adivinhado.

As conversações no terreiro repetirão-se, e Simeão e o Barbudo ligarão-se cada vez mais estreitamente.

Entretanto os dias ião passando, e o ataque

de cabeça que deixára signal em Domingos Caetano, não voltava.

Simeão começava a impacientar-se muito.

Tudo concorria para contrariar seos habitos e suas esperanças: o velho paralytico assegurava sempre á familia que se sentia melhor; Angelica e Florinda o atarefavão, contendo-o ao pé do misero doente, e elle proprio tinha medo de que seo senhor morresse em horas de sua ausencia da fazenda, pois que sempre calculava com a desordem geral da casa, e com a consternação céga e surda da familia, para fazer-se herdeiro sem precisão de verba testamentaria.

Alem disso o cuidado exclusivo da esposa e do pai fazia que Angelica e Florinda outr'ora sempre faceis em dar algum dinheiro a Simeão, se esquecessem delle, que por isso menos expansivo e regalador se mostrava na *venda*, e mais embaraços encontrava nas devassidões da sua vida nocturna.

Estas contrariedades obumbravão ainda mais o animo do creoulo.

Nas conversações protervas com o Barbudo e em dez historias de crimes bem succedidos e impunes que este lhe contára, Simeão se habituára á pensar que em caso de insufficiencia ou

de impossibilidade do emprego da astucia, a força e a violencia erão ainda recursos para se effectuar o roubo.

Semelhante pensamento ia entrando e envenenando pouco a pouco a sua alma, como o virus entra e vai corrompendo o corpo do homem.

Simeão esperava sempre a morte de Domingos Caetano; mas não era como dantes o creoulo fanfarrão, e alegre que animava as reuniões da venda.

A alegria do escravo estava dependente da morte do senhor. O dia da maior dôr para a familia de Domingos Caetano devia ser de festa para o coração do creoulo ingrato.

Rude crente dos prejuizos e dos presagios que ainda hoje fazem estremecer á alguns que em sua ignorancia e simplicidade os reputão sobrenaturaes annuncios de morte na familia, Simeão avido observava se algum cão cavava no terreiro da fazenda, se de noite vinhão corujas piar sobre o telhado da casa.

O velho porém teimava em viver, e, o que é mais, principiára na casa certa animação de trabalho que impressionou a Simeão.

Angelica mandára comprar muitas peças de

pannos diversos e finos e poucas erão as costureiras para o rico enxoval que se preparava.

O escravo preferia vêr talhar-se uma mortalha.

Tomavão-se disposições, das quaes transpirava a proximidade de uma festa na fazenda.

Tudo isto excitava a curiosidade de Simeão que em breve foi satisfeita.

A cozinha adivinhou e fallou.

— Não sabes? disse a mucama de Florinda; sinhá-moça vai casar-se.

— Com quem? perguntou o creoulo.

— Viste aquelle moço que ha tres dias veio visitar meo senhor e que voltou hontem á tarde?...

— Chama-se Hermano de Salles: é um...

— Cala a boca: é o noivo.

Simeão recuou dous passos: seos olhos lampejarão com o furor da raiva.

— Demonio!... dice elle com os dentes cerrados.

XIV

Simeão detestava Hermano.

O fundamento dessa detestação era a justa e aliás moderada repressão de um attentado do escravo.

E' um episodio trivialissimo na historia da escravidão.

O sitio do pae de Hermano demorava perto da fazenda de Domingos Caetano e Simeão tomou-se de amores por uma escrava daquelle sitio: infelizmente a escrava era mucama de uma das filhas do velho João de Salles, e dormia recolhida.

Sabem todos o que é o amor entre os escravos: a condição desnaturada desses exilados da sociedade, desses homens reduzidos á cousas,

desses corpos animados á quem se negão direitos de sensibilidade, materialisados á força, materialisa nelles sempre o amor: sem o soccorro da poesia dos sentimentos que alimenta o coração e o transporta ás regiões dos sonhos que se banhão nas esperanças de santos e suaves laços, os escravos só se deixão arrebatar pelo instincto animal, que por isso mesmo os impelle mais violento.

A mucama muito atarefada de dia, raro da casa se escapava para encontrar-se com Simeão em rapida entrevista, e trancada á noite sob o tecto da familia não tinha o recurso da senzala ou do passeio nocturno para receber o amante.

A mucama não tem a educação da senhora moça: a natureza animal é tudo nella. O escravo não crê na pureza da donzella, nem na fidelidade da esposa mais nobre; admitte sómente que a falta de opportunidade ou de occasião, para ser má, seja o que mantem a honra das familias; a observação é cruel e injustissima: o juizo do escravo é infamemente torpe; mas elle julga conforme as idéas e a vida da escravidão.

O instincto impellio e a razão abandonou o creoulo e a mucama.

Aconteceo o que acontece mais vezes e em mais casas do que se presume.

Simeão e a escrava mucama ajustarão-se: á meia noite ella abria uma janella, e Simeão saltava para dentro da casa: depois quando a desconfiança de João de Salles e de seo filho tornou perigosa a entrada pela janella, o dinheiro, que não faltava a Simeão, abrio-lhe a porta da cozinha.

Havia no terreiro cães a velar; mas o homem compra os cães como compra homens; á uns pedaços de carne, aos outros mais ou menos moedas de ouro.

Simeão comprára os cães e um negro escravo da cozinha, e entrava todas as noites na casa de João de Salles.

A casa de João de Salles estava pois de noite á mercê das intenções, e de quaesquer projectos de Simeão; mas que casa ha ahi, onde haja escravos e sobretudo escravas, cuja segurança não esteja exposta ás consequencias do instincto animal e da boa ou má vontade do elemento escravo?...

Simeão era pois durante duas horas em cada noite mais do que o amante da mucama, o arbitro das vidas e da fortuna de João de Salles e de sua familia.

Ainda bem que Simeão, o escravo, ali ia sómente como animal que o instincto arrasta em procura da sua igual; se fôra ladrão ou assassino tinha tido abertas a janella da sala e a porta da cozinha.

A vida, a fortuna e a reputação dos senhores estão de dia e principalmente de noite á mercê dos escravos.

Mas uma noite houve ruido, e Hermano de Salles que vellava, acudio com uma luz, e chegado á sala de jantar, estacou diante de Simeão.

O creoulo atrevido e ainda mais urgido pelo risco da situação quiz fugir, e vendo a sahida disputada, avançou ousado para o mancebo que apertando-o em seos braços de ferro, o lançou por terra.

João de Salles acudio, como toda a familia que despertára assustada.

O caso explicou-se em breve.

Hermano resentido do ataque de Simeão, tinha-o esbofeteado com força, recebendo na manga da camisa gotas de sangue que saltarão do rosto do escravo offensor.

Simeão foi conhecido e a escrava sua amasia e complice castigada immediatamecte á seos olhos.

O creoulo egoista e altanado sentio menos o castigo que a mucama recebera, do que as bofetadas que ella vira-o receber.

Entretanto a sua luta com Hermano tinha passado toda entre os dous e Hermano o havia facilmente subjugado. Homem contra homem elle tinha sido em breves momentos submettido pelo mancebo.

Era pouco mais de meia de noite, e muito tarde para Simeão ser enviado á seo senhor: Hermano o fez trancar no quarto em que se prendião os escravos delinquentes, e na manhã seguinte o mandou levar a Domingos Caetano com carta de seo pai, narrando quanto se passára.

Simeão protegido por Florinda escapou á justo castigo, que Domingos Caetano devia infligir-lhe.

Para o escravo a reprehensão não é pena, porque a reprehensão falla ao brio, ao sentimento do pondunor, que a escravidão não póde comportar.

E Simeão foi apenas asperamente reprehendido.

Desde aquella noite o creoulo detestou Hermano.

— Então é certo que o ataque de cabeça, quando deixa signal, volta sempre?...

— E' de regra.

— E demora-se muito á voltar?...

— Quaze nunca.

— Leve o diabo o teu quaze, Barbudo!

O Barbudo soltou uma gargalhada cynica.

XIII

O escravo tinha encontrado um amigo.

A escravidão já perfeitamente apurada com a pratica dos vicios abjectos que lhe fazem legitimo cortejo, abraçava-se com o crime que por fim não lhe póde inspirar horror.

Simeão preferia o Barbudo a todos os seos consocios freguezes da *venda*: o Barbudo era o seo homem, o seo conselheiro, o intimo das suas confidencias.

O Barbudo tinha-o adivinhado.

As conversações no terreiro repetirão-se, e Simeão e o Barbudo ligarão-se cada vez mais estreitamente.

Entretanto os dias ião passando, e o ataque

de cabeça que deixára signal em Domingos Caetano, não voltava.

Simeão começava a impacientar-se muito.

Tudo concorria para contrariar seos habitos e suas esperanças: o velho paralytico assegurava sempre á familia que se sentia melhor; Angelica e Florinda o atarefavão, contendo-o ao pé do misero doente, e elle proprio tinha medo de que seo senhor morresse em horas de sua ausencia da fazenda, pois que sempre calculava com a desordem geral da casa, e com a consternação céga e surda da familia, para fazer-se herdeiro sem precisão de verba testamentaria.

Alem disso o cuidado exclusivo da esposa e do pai fazia que Angelica e Florinda outr'ora sempre faceis em dar algum dinheiro a Simeão, se esquecessem delle, que por isso menos expansivo e regalador se mostrava na *venda*, e mais embaraços encontrava nas devassidões da sua vida nocturna.

Estas contrariedades obumbravão ainda mais o animo do creoulo.

Nas conversações protervas com o Barbudo e em dez historias de crimes bem succedidos e impunes que este lhe contára, Simeão se habituára á pensar que em caso de insufficiencia ou

de impossibilidade do emprego da astucia, a força e a violencia erão ainda recursos para se effectuar o roubo.

Semelhante pensamento ia entrando e envenenando pouco a pouco a sua alma, como o virus entra e vai corrompendo o corpo do homem.

Simeão esperava sempre a morte de Domingos Caetano; mas não era como dantes o creoulo fanfarrão, e alegre que animava as reuniões da venda.

A alegria do escravo estava dependente da morte do senhor. O dia da maior dôr para a familia de Domingos Caetano devia ser de festa para o coração do creoulo ingrato.

Rude crente dos prejuizos e dos presagios que ainda hoje fazem estremecer á alguns que em sua ignorancia e simplicidade os reputão sobrenaturaes annuncios de morte na familia, Simeão avido observava se algum cão cavava no terreiro da fazenda, se de noite vinhão corujas piar sobre o telhado da casa.

O velho porém teimava em viver, e, o que é mais, principiára na casa certa animação de trabalho que impressionou a Simeão.

Angelica mandára comprar muitas peças de

pannos diversos e finos e poucas erão as costureiras para o rico enxoval que se preparava.

O escravo preferia vêr talhar-se uma mortalha.

Tomavão-se disposições, das quaes transpirava a proximidade de uma festa na fazenda.

Tudo isto excitava a curiosidade de Simeão que em breve foi satisfeita.

A cozinha adivinhou e fallou.

— Não sabes? disse a mucama de Florinda; sinhá-moça vai casar-se.

— Com quem? perguntou o creoulo.

— Viste aquelle moço que ha tres dias veio visitar meo senhor e que voltou hontem á tarde?...

— Chama-se Hermano de Salles: é um...

— Cala a boca: é o noivo.

Simeão recuou dous passos: seos olhos lampejarão com o furor da raiva.

— Demonio!... dice elle com os dentes cerrados.

XIV

Simeão detestava Hermano.

O fundamento dessa detestação era a justa e aliás moderada repressão de um attentado do escravo.

E' um episodio trivialissimo na historia da escravidão.

O sitio do pae de Hermano demorava perto da fazenda de Domingos Caetano e Simeão tomou-se de amores por uma escrava daquelle sitio: infelizmente a escrava era mucama de uma das filhas do velho João de Salles, e dormia recolhida.

Sabem todos o que é o amor entre os escravos: a condição desnaturada desses exilados da sociedade, desses homens reduzidos á cousas,

desses corpos animados á quem se negão direitos de sensibilidade, materialisados á força, materialisa nelles sempre o amor: sem o soccorro da poesia dos sentimentos que alimenta o coração e o transporta ás regiões dos sonhos que se banhão nas esperanças de santos e suaves laços, os escravos só se deixão arrebatar pelo instincto animal, que por isso mesmo os impelle mais violento.

A mucama muito atarefada de dia, raro da casa se escapava para encontrar-se com Simeão em rapida entrevista, e trancada á noite sob o tecto da familia não tinha o recurso da senzala ou do passeio nocturno para receber o amante.

A mucama não tem a educação da senhora moça: a natureza animal é tudo nella. O escravo não crê na pureza da donzella, nem na fidelidade da esposa mais nobre; admitte sómente que a falta de opportunidade ou de occasião, para ser má, seja o que mantem a honra das familias; a observação é cruel e injustissima: o juizo do escravo é infamemente torpe; mas elle julga conforme as idéas e a vida da escravidão.

O instincto impellio e a razão abandonou o creoulo e a mucama.

Aconteceo o que acontece mais vezes e em mais casas do que se presume.

Simeão e a escrava mucama ajustarão-se: á meia noite ella abria uma janella, e Simeão saltava para dentro da casa: depois quando a desconfiança de João de Salles e de seo filho tornou perigosa a entrada pela janella, o dinheiro, que não faltava a Simeão, abrio-lhe a porta da cozinha.

Havia no terreiro cães a velar; mas o homem compra os cães como compra homens; á uns pedaços de carne, aos outros mais ou menos moedas de ouro.

Simeão comprára os cães e um negro escravo da cozinha, e entrava todas as noites na casa de João de Salles.

A casa de João de Salles estava pois de noite á mercê das intenções, e de quaesquer projectos de Simeão; mas que casa ha ahi, onde haja escravos e sobretudo escravas, cuja segurança não esteja exposta ás consequencias do instincto animal e da boa ou má vontade do elemento escravo ?...

Simeão era pois durante duas horas em cada noite mais do que o amante da mucama, o arbitro das vidas e da fortuna de João de Salles e de sua familia.

dous dias depois soube-se que Hermano perseguira e matára a onça.

Outra vez Florinda chorava a fugida de um saibá que a enlevava com o seu canto saudoso, e no dia seguinte Jacyntha trasia-lhe outro sabiá mais cantador ainda, e l'ho entregava, sorrindo, e sem precisar dizer, d'onde elle vinha.

O amor de Hermano e Florinda alimentava-se pois com aromas das flores, e com o canto das aves; sem se encontrarem nunca, tinhão os dous amantes o seu terno laço no tronco da figueira, e a imagem querida um do outro nos proprios corações, e mil objectos fóra delles, nas flores que se guardavão ja murchas, no lencinho branco esquecido no banco da horta e amorosamente furtado á noute, em um pé de *sempreviva*s, que surgira de manhã á beira do caminho para o rio, e em todos esses mudos testemunhos de ternura que nada valem e valem tanto, e que na vida campestre são cheios da poesia simples da natureza.

Hermano e Florinda amavão-se pois, havia dous annos, sabião ser amados, correspondião-se e em dous annos não se tinhão fallado uma só vez.

Era um amor purissimo.

Domingos Caetano e Angelica provavelmente suspeitavão do mimoso segredo de sua filha e não procuravão combater o seu terno sentimento ; mas Hermano, não entretendo relações com elles, acanhava-se pela sua pobreza, e não ouzava pedir a mão da menina rica.

Todavia esse amor era tam santo que abençoa-lo antes de descer á sepultura foi para o estremoso pae de Florinda a ultima consolação da vida,—o derradeiro rizo aberto ao mundo.

XV

O verdadeiro merecimento tem seus privilegios.

Erão muitos os mancebos que ardião por valer um olhar e um sorriso de Florinda: talvez alguns se achavão realmente captivos de sua belleza, outros menos apaixonados pela mulher, ambicionavão-lhe a riqueza; mas não houve um só que desconhecesse o acerto da escolha feita pelo coração da menina.

Hermano era brilhante sem jaça: gentil, delicado em seu trato, honesto e laborioso, de genio suave e de força e coragem provadas, estava talhado para a vida rude do fazendeiro activo, e para chefe de uma familia honrada.

O dia do cazamento de Hermano e Florinda

foi de esplendida festa na fazenda: embalde a opposição da esposa e da filha, embalde os rogos do noivo, Domingos Caetano o quiz assim.

— Quero festa e alegria porque é immenso o favor que mereci de Deus; dicera elle: morrer com a certeza de deixar com protector zeloso e seguro minha mulher e minha filha não é morrer de todo, é viver no futuro, é viver além do tumulo: o mais feliz sou eu! festejem-me! alegrem-se: porque é a minha ultima festa.

E como Florinda se alvoraçara dolorosamente com a idéa da *ultima festa*, o pobre pae arrependido da verdade, apadrinhara-se com a mentira não-peccado, santa mentira do amor paterno, e rindo mal, e á fingir esperanças, e á zombar de si mesmo, chamara a filha e lhe dicera, embusteiro sublime, com jubilosa voz:

— Enganei-me: não será a ultima... heide ter outra, quando for o padrinho do teu primeiro filho... depois sim... mas depois de abençoa-lo muitas vezes... morrerei então.

E Florinda sahira para chorar ás escondidas a enganosa esperança de seo pae, e o pobre velho, ficando á sós, tambem chorara o triste engano, com que consolara a filha.

Emfim o dia das nupcias chegou: o cazamento

de Hermano e Florinda foi celebrado na capella da fazenda, Domingos Caetano conduzido em uma cadeira assistio á elle abençoou e abraçou os noivos, e disse gravemente a Hermano :

— Meo filho, és mais que marido, és pae desta familia,

O concurso dos parentes e amigos foi numeroso.

Houve festa para todos na fazenda. Os noivos e convidados tiverão banquete sumptuoso e animado bayle á noute.

O velho paralytico appareceo um instante á meza para saudar seos filhos, e uma hora ao baile para excitar a dança e a alegria. Todo o mais tempo ficou no seo quarto, e á esposa, á filha, ao genro, á quantos o ião ver, dizia contente :

— Estou melhor... muito melhor... este cazamento me faz bem...

Elle porém soffria sempre e muito : só na alma se sentia melhor.

Mas a familia, os parentes e os amigos não esquecerão o estado do velho paralytico e penante : ás onze horas da noute puzerão termo ao baile e dissolverão a reunião.

Entretanto a festa era geral na fazenda.

Para os escravos dispensados de todo o serviço nesse dia tinhão sido mortos quatro bois, e se havião distribuido em abundancia garrafas de vinho e de agoardente.

A' noute em tres senzalas diversas fervião tres fados, e o canto rasgado e alto dos tocadores de viola *em desafio* echoava ruidoso.

Os sentimentos generosos, o cuidado estremecido da familia, dos parentes e dos amigos tinhão marcado cedo a terminação do baile.

A indifferença brutal dos escravos prolongava os fados, aturdindo a fazenda com a tempestade de suas musicas e de seus cantos selvagens.

E de espaço em espaço os escravos gritavão em côro :

— Viva sinhá moça !

Esses gritos erão como hymnos brilhantes aos ouvidos de Domingos Caetano o qual absolutamente prohibira que se pertubassem os folguedos dos escravos que festejavão o cazamento da sua Florinda.

Bom, mas inexperiente velho !

Os escravos applaudião sinceramente apenas á carne fresca assada, ás sobras do banquete, o vinho e a agoardente em abundancia, em que se fartavão. Todos elles gritavão — *viva sinhá*

moça — como indifferentemente soltarião qualquer outro grito, que os animasse á beber, e nenhum delles por um só e breve momento pensára no incommodo que a sua gritaria podia causar ao senhor doente.

Pouco, menos que pouco, nada lhes importavão a sorte e a vida de Domingos Caetano, a boa ou má fortuna de Florinda, e a felicidade de Hermano.

No marido da senhora moça vião um novo senhor, e antes da festa que os fazia olvidar tudo, alguns delles tinhão perguntado a outros:

— Será melhor ou peior senhor ?

E não poucos havião respondido :

— Mais ou menos chicote, será sempre captiveiro.

O que se podia traduzir assim :

— Sempre escravidão, sempre odio.

E os fados estrepitosos avançavão pela noite, impedindo o somno do velho doente.

Soavão de continuo os gritos : — *viva sinhá moça* !

Mas se chegasse ás senzalas dos fados a noticia da morte do senhor, da senhora, ou da *sinhá moça* festejada, e com a noticia não viesse a ordem da cessação da gritaria e das danças bac-

chanaes, os fados continuarião sem attenção ás lagrimas e ao luto dos senhores, e talvez fosse tal infortunio novo incentivo para maior alegria.

A's duas horas da madrugada terminarão os fados dos escravos por ordem que Angelica mandára, escondendo-a á condescendencia e a tolerancia festivaes do pae que abençoava por todos os modos o feliz casamento da filha.

Mas além das duas horas da madrugada velavão ainda nesta noite um grande padecimento e dous grandes amores.

O grande padecimento de Domingos Caetano que gostava na insomnia os restos da vida em ruinas.

O grande amor da esposa, da companheira de longos annos, que se prendia áquella vida tão cara e tão prestes a desprender-se do corpo.

E grande amor dos noivos que no egoismo da gloria desse amor, velava, esquecendo o mundo, o futuro, tudo..... até o pae que se adiantava para a morte.

Perdão para esse egoismo ! é a embriaguez dos noivos.

XVI.

E ainda alguem mais velava : era o rancor do escravo.

Simeão agitava-se nas torturas de duas idéas para elle crueis.

Desde o dia em que sonhara que Hermano hia casar com Florinda, confrangia-se pensando, reconhecendo que teria por senhor-moço o homem que o esbofeteára, subjugara, e mandara preso á fazenda, e que esse mancebo que elle detestava, e á quem desejava o maior mal, havia de ter a dita de possuir a bella mulher, sua senhora-moça, cujos dotes physicos elle se atrevera á contemplar dissimulado com olhos perversamente libidinosos, encarecendo com imaginação desenfreada e aos applausos da cozinha

e da sensala infames o que seus olhos não podião vêr, injuriando na torpeza do elogio a virginal pureza da donzella.

Simeão passou dias horriveis, retemperando sua alma no rancor mais violento : carcomido por incrivel inveja e em delirio insolente notou uma a uma, estudou com raiva a belleza do rosto, a gentileza da figura, a graça do andar, as proporções dos pés e das mãos, todos os encantos visiveis de sua senhora-moça, e aborreceu ainda mil vezes mais Hermano, para quem era possivel, provavel,certa a posse de tantos thesouros impossivel para elle.

O escravo não amava, não amou Florinda ; mas em sua mente audaz, em seus instinctos escandalosos, revoltantemente ultrajadores, e licencioss lembrou, contemplando a senhora-moça, o que lembrava aproximando-se da negra facil, da escrava desmoralisada que lhe agradava e não fugia á seus ignobeis affagos.

E Simeão teve dobrada raiva de Florinda que não podia ser sua, como a negra escrava, e que bella, encantadora, innocentemente voluptuosa hia ser do homem que elle mais aborrecia.

E, sem o pensar, Florinda excitou-lhe a furia inimiga, dando-lhe novo e bonito fardamento

de pagem no dia do seu casamento, e chamando-o de preferencia para servir á seu noivo e á ella durante o banquete nupcial,

Simeão abafou no seio rugidos de féra, e apenas terminou o banquete, fugio com desespero, vagou pelo campo, e investindo emfim para uma das senzalas em que se batia o fado, bebeu desordenado, bebeu até cahir em completa embriaguez.

No outro dia, ao sol fóra, despertou cahido á porta da senzala e ainda meio embrutecido recolheu-se á casa, onde Hermano risonho e feliz o mostrou á docemente confundida noiva, gracejando sobre a intemperança do creoulo.

Florinda que corava á todos os olhos, mal ousou dizer :

— Vae dormir, pobre Simeão.

Passarão quatro dias: o creoulo abatido apparentemente ; mas com o coração abrazado em rancoroso furor meditava silencioso nos cantos da casa, estremecendo á voz de Hermano, que já o governava como principal senhor.

— Agora, dizia comsigo Simeão ; a liberdade ou a morte..... servir á este novo senhor é impossivel..... prefiro mata-lo e matar-me.....

E mais que nunca desejava a morte de Domingos Caetano, que havia de deixa-lo forro, conforme o pensar de todos.

No quinto dia não pôde resistir ás saudades da venda, e abusando da bondade com que em attenção á sua noiva Hermano o tratava, sahio sem licença, e muito antes da noute, que sempre tinha por sua.

Na venda encontrou o infallivel Barbudo que dormia ou fingia dormir estirado no banco fronteiro ao balcão.

O Barbudo levantou-se á chegada de Simeão.

— Como vás? perguntou elle ao creoulo.

— De mal á peior.

— Não appareces de dia como dantes, Simeão: agora é só á noute que passeas!

— Tenho senhor novo: é necessario estuda-lo.

— Vamos conversar.

O Barbudo e Simeão sahirão, dirigindo-se para o terreiro da venda.

— O ataque não volta, murmurou Simeão surdamente; deixou signal e não se repete! é para desesperar.

— Tambem que pressa! disse o Barbudo a rir para excitar o creoulo.

— E' que agora não posso supportar o captiveiro naquella casa: prefiro ser vendido a outro senhor.

— Que ha pois de novo ?

O creoulo travou do braço do Barbudo, levou-o para longe da venda e fez ampla confidencia dos seus turvos e sinistros segredos, em que o rancor, a ingratidão, o abatimento, a baixeza aviltante de sua condição, e o arrojo indigno de insensatas imaginações se misturavam confusa, mas tempestuosamente.

Prolongou-se depois a conferencia até a noute e emfim tornados á venda que começava a encher-se dos costumados freguezes, Simeão e o Barbudo pedirão vinho e cartas.

O creoulo tinha credito na venda onde já era devedor, e como andava pouco endinheirado, obteve sem difficuldade novo emprestimo do vendelhão.

O jogo dá azas ao tempo : as horas fugirão velozes e mal sentidas pelos jogadores que experimentavão as emoções selvagens das sortes muitas vezes obrigadas pela empalmação rude ou pelo furto de cartas.

Era meia noute e Simeão irritado pela má fortuna, teimava em jogar, e pedio mais dinheiro

ao vendelhão que contra o costume lh'o negou:

O creoulo altanado proferio uma injuria obscena.

O vendelhão paciente por systema respondeu simplesmente :

— Já me deves trinta mil réis : é muito.

Simeão furioso machucou entre as duas mãos as cartas e atirou-as ao credor,que lhe fechava a bolça.

O vendelhão offendido agarrou-se com o aggressor, os escravos e mais freguezes presentes tomarão partido por um e por outro dos brutaes athletas, o Barbudo entrou na contenda em prol do camarada, e travou-se desenfreada desordem com escandaloso acompanhamento de blasphemias e torpezas em grita.

Mas de subito baterão á porta da venda, e uma voz afadigada e anciosa gritou de fóra :

— Simeão ! Simeão !

Os golpes se repetião á porta que ameaçava ceder arrombada.

O medo da intervenção da policia local que as vezes por excepção accordava, separou os desordeiros.

A porta abrio-se, e um negro escravo da fa-

zenda de Domingos Caetano, entrou precepitado, bradando :

— Simeão ! Simeão !

— Que é lá ? perguntou este, arranjando as vestes despedaçadas.

— O senhor morreu.

Simeão sem mais ouvir nem perguntar lançou-se de um salto fóra da venda e deitou a correr para a fazenda.

Nem um movimento de piedade, nem uma lagrima pelo bom senhor, pelo pae que perdêra !

A escravidão gasta, calleja, petrifica, mata o coração do homem escravo.

XVII.

Domingos Caetano tinha morrido ao anoitecer: ao pronunciamento do novo ataque seguio-se logo a morte, quasi sem agonia.

Quando Simeão chegou á casa, já havia cessado aquella desordenada e completa abstracção do mundo, com que a dor suprema dos que ficão attesta o corte violento e profundo dos laços que os ligavam áquelle que se fôra.

Na casa havia pranto, consternação, luto; mas o phrenetico desespero da primeira hora do triumpho da morte já tinha passado; a dor desafogava-se em lagrimas, rompia pelas valvulas dos gemidos e dos lamentos; mas já havia consciencia da dor.

E no seio da familia consternada um nobre

mancebo cumpria o dever de velar por todos e de pensar na vida, contemplando a morte.

Hermano vio abraçados com o cadaver de Domingos Caetano a sogra e a esposa que lhe ficavão confiadas : em poucos dias tinha sabido amar o pae de Florinda, como se lhe conhecesse as virtudes durante um seculo : chorou-o por amor, vendo-o morrer ; mas combateu e domou os excessos da dor pela religião do dever : foi homem.

Simeão, chegando á fazenda, preparou como poude a mascara do sentimento para disfarçar a indifferença malvada da sua ingratidão.

O aspecto do cadaver do homem que se conheceu, compunge aos proprios que o não amarão vivo : Simeão teve lagrimas, vendo o corpo inanimado de Domingos Caetano, aproveitando as lagrimas, ullulou, fez-se arrancar á força do quarto mortuario, e representou emfim a comedia da dor.

Depois observou, vio e reflectio.

O roubo por astucia era impossivel : a familia do morto não ficara sem pae : havia um cão fiel e insomne, velando á porta do lar: era a fidelidade do genro de Angelica, e do marido de Florinda.

Simeão banio de seu animo a falsa esperança do roubo, maldizendo do seu passeio, que o não deixara explorar a hora douda, e desesperadora que preside ás agonias do moribundo, e ao despedaçamento dos corações da familia.

A idéa da alforria absorveu a alma do escravo.

Não ousou perguntar, se o *velho* deixára testamento: contava com este, sabia da sua existencia; ardia porém por conhecer-lhe as disposições: entretanto considerava-se emancipado.

Apurou o ouvido, e teve a certesa de que se encontrára o testamento de Domingos Caetano.

Melhor e ainda mais animador annuncio do que isso, um parente da casa, ao ve-lo em hypocrita afflicção, lhe dissera, batendo-lhe no hombro:

— Tens razão de chorar, creoulo! teu senhor te amava muito, e não se esqueceu de ti.

Simeão expandio-se internamente: ao menos era certa a liberdade.

Animado com a segurança da emancipação dobrou as apparencias do sentimento.

Sacrilego e perverso confundio fementidos gemidos com a desolação de suas senhoras na-

quella cruelissima hora de segunda, derradeira, inexpremivel morte, nessa hora do sello, do reconhecimento forçado da morte, quando o cadaver sae de casa, quando o prestito do enterro piedoso rouba a familia o nada, que inda é muito á seus olhos, quando a reza funebre do sacerdote parece um adeus, o ultimo, que em nome do finado recebem os que o chorão.

O sacrilego vio sahir emfim o caixão que levava Domingos Caetano ao cemiterio, e respirou livre do labor da comedia que representava.

Ancioso esperou a solemne declaração da sua alforria ; a noute veio, e elle não dormio.

Não despertou, levantou-se aos primeiros annuncios do dia : saudou sorrindo a aurora da sua emancipação.

Mas o sol brilhava, e ninguem lhe dizia : — és livre.

Simeão começava á respirar affrontado.

Ao meio-dia Hermano chamou-o, e elle acudio pressuroso.

— Simeão, disse Hermano, mostrando-lhe o testamento de Domingos Caetano ; meu sogro lembrou-se de ti.

E leu-lhe a respectiva verba testamentaria.

Simeão ficava escravo de Angelica e a ella recommendado com affectuoso interesse, devendo entrar no goso de plena liberdade por morte de sua senhora.

O creoulo cahio das nuvens. Era ainda escravo, embora condicionalmente.

XVIII

Foi medonho o desencanto de Simeão, que sahio da sala quasi cambaleando, aturdido pelo golpe que recebêra.

A sua esperança de liberdade despedaçára-se contra os ferros da escravidão.

O creoulo despertou, sahindo de um sonho celeste, e entrou na vigilia do inferno.

Turvo e como atoleimado atravessou a cozinha, murmurando authomaticamente «escravo... escravo...»

Sahio para o campo, e como se fallasse ás arvores, aos animaes, ao espaço, repetia sempre: «escravo... escravo...»

Não reflectia, não podia reflectir, tinha a alma cheia de uma só idéa, que o affrontava, seme-

lhante ao pesadelo do somno do criminoso, respirava, sentia, ouvia, dizia só essa diéa: «escravo... escravo...»

Instinctivamente e sem consciencia tomou a estrada que o levava de costume á venda: ia sem ver por onde ia, tropeçou em uma pedra, cahio e ferio-se na cabeça: a dôr chamou-o não á razão, mas ao reflectido resentimento do seu desencanto; sentou-se e apoiou a fronte sobre os joelhos, e nem percebeu o sangue que lhe corria da cabeça ferida.

De repente deu um salto, e caminhou acceleradó para a venda: seus olhos lampejavão: o crime tinha acordado e fervia-lhe no coração odiento, como lava terrivel no seio da cratera.

Saltando elle exclamara:

— Demonio que estás no inferno, espera-me!

Era uma imprecação damnada contra o senhor finado.

Andando apressadamente Simeão ria-se com um rir atroz: esse rir convulsava-lhe os labios, misturando-se com a alvura dos dentes cerrados: era um rir que fazia lembrar o zigue-zague rapido do raio que vai cahir e fazer destroços.

Era o rir do scelerato que acha gozo nos sonhos de atrocidades.

Chegou á venda e não encontrou o Barbudo; irritado bateu com o pé, disse uma phrase obscena, bebeu um grande copo de aguardente, e com aguardente lavou o sangue que lhe banhava o rosto, pensou a ferida, atou o lenço á cabeça, e, proferindo horriveis blasfemias, foi deitar-se á beira da estrada.

Pouco depois levanton-se: era-lhe impossivel o socego: passeava agitado, sentava-se, deitava-se, entrava no bosque, e do bosque voltava para a estrada com inquietação e impaciencia febril.

A's vezes balbuciava, gesticulando doudamente:

— Liberdade... e dinheiro...

Era de horrivel aspecto, quando lhe rompião dos labios tremulos e por entre os dentes brancos e como á morderem-se, essas palavras que resumião duas fomes desesperadas.

Era um tigre á rugir de fome.

Aos seos rugidos acudio outro tigre; o Barbudo appareceu.

Simeão correo para o Barbudo, disse-lhe ao ouvido breves palavras e ambos mettêrão-se pela floresta.

Ião procurar a solidão e a sombra.

Domingos Caetano tinha errado: a liberdade não se promette, dá-se ao escravo.

Prometter e aprazar a liberdade, e, peior do que isso, deixar esperar e não dar ou adiar a liberdade, é pôr em desatino de desejos a alma do escravo.

Dar por prazo da liberdade a morte de alguem é excitar um appetite de hyena no coração do escravo, é fazê-lo aspirar á morte de quem em quanto vivo lhe demora a alforria.

Simeão, o creoulo mimoso, perdido, malcriado pelas affectuosas condescendencias e fraquezas dos senhores em casa, pervertido pelos deboches da venda e pelo veneno da crapula, ingrato pela condição de escravo, sem educação e sem habito de trabalho, contando com a liberdade, e não a conseguindo era um perverso armado loucamente contra seus senhores pelas mãos de seus senhores.

Esta lição não deve desanimar, deve illustrar a caridade: amar, beneficiar, criar com affeição paternal o creoulo filho da escrava é uma esmola que se dá a Deos, é a mais santa e pura das orações que se elevão ao céo.

Mas deve-se saber fazer o bem, e nunca fazê-lo por metade.

Ao senhor que se affeiçôa do creoulo que vê nascer e cria com amor, cumpre completar o favor dos sentimentos com o favor da educação, inoculando no coração do pequeno escravo predilecto as noções do dever, o ensino da religião, a virtude da paciencia, a obrigação do trabalho que moralisa e nobilita o homem, do trabalho não do homem machina, mas do homem intelligencia e coração.

O escravo assim criado póde não ser um amigo, porque emfim é escravo, e portanto um opprimido pela prepotencia do senhor ainda mesmo bom; é porém em regra um homem agradecido, que esquece o forçado aviltamento da sua condição pela lembrança intelligente dos beneficios recebidos.

Mas o amor cego que não educa o escravo sympathico ou preferido, que o abandona aos instinctos, aos sentimentos baixos, ás inspirações malevolas da escravidão, que é agua encharcada e fóco de miasmas, que o aquece ou o cria por traiçoeira, mal pensada compaixão na ociosidade, que é a placenta de todos os vicios, alimenta, aquece, fortifica um desgraçado que é sempre ingrato por ser escravo,e ás vezes inimigo pela reacção do opprimido.

Se estas observações desanimassem a caridade dos senhores para com os creoulos que em casa lhes nascem e se criam, fariam morrer uma virtude, aggravando ainda mais o perigo que correm os senhores, e os soffrimentos que experimentam os escravos.

Os creoulos são muito mais intelligentes e maliciosos que os negros da Africa, e desprezados, e flagellados pelo trato aspero da escravidão, que faz do homem instrumento material do trabalho, e irmão da besta de carga, tornam-se inimigos ferozes, e se chega a opportunidade da vingança, estentam na ferocidade verdadeiro e delirante luxo de malvadeza.

O escravo africano mata o senhor, e se afasta do cadaver: o escravo creoulo antes de matar atormenta e ri das agonias do senhor, e depois de matar insulta e esquarteja o cadaver.

Toda escravidão é perversa; mas a escravidão intelligente é dez vezes mais perversa do que a escravidão brutal. Uma odia por instincto; a outra por instincto e com reflexão.

XIX

A conferencia na floresta pareceu ter applacado o furor e sem duvida serenou o aspecto de Simeão.

Quando elle voltou á *venda* era inteiramente outro: queixou-se da quéda que dera desastrado e que o desatinára: já de pazes facilmente feitas com o vendelhão, conversou tranquillamente com este sobre a sua situação e mostrou-se consolado do captiveiro em que ficára pela bondade extrema de sua senhora.

Ninguem dissimula melhor do que o escravo: sua condição sempre passiva, a obrigação da obediencia sem limite e sem reflexão, o temor do castigo, a necessidade de esconder o resenti-

mento para não excitar a colera ameaçadora do senhor, o habito da mentira, emfim, fazem do escravo o typo da dissimulação.

O coração do escravo é escuro, tenebroso como noute de tempestade: é abysmo profundo e sem luz coberto pela crosta da tristeza intima e da desconfiança perpetua.

Muitas vezes o escravo ri, tendo o seio ulcerado e a alma em pranto.

O Barbudo chegou á venda uma hora depois de Simeão.

— Tardaste muito hoje, meu Barbudo; disse-lhe este.

— Tive que fazer em casa; respondeu-lhe o amigo.

E nesse dia não conversaram no terreiro.

No primeiro domingo que se seguio, houve grande reunião na venda, e nas vehemencias do jogo toldou-se a amizade de Simeão e do Barbudo, que jogando de sociedade tiveram de disputar sobre a divisão dos lucros.

Ambos se qualificaram affrontosamente, e separaram-se inimisados, fugindo Simeão ás ameaças de bofetadas, com que o Barbudo por ultimo respondeu á incontinencia de sua lingua depravada.

— Ora ahi está como se acaba uma boa amizade! disse o vendelhão á rir.

— Não faço conta de amizade de negro; observou o Barbudo.

XX

Passaram duas semanas.

Simeão, á quem Hermano fizera algumas admoestações, deixou de sahir da fazenda durante o dia; eram porém ainda frequentes os seus passeios á noute.

Hermano soube da continuação desse abuso; mas fingio ignora-lo em attenção á amizade que sua sogra e sua mulher tinhão ao creoulo.

No fim das duas semanas que dissemos passadas, á tarde de um domingo, conversavam, passeando pelo campo, as duas senhoras e Hermano.

Depois de alguma hesitação, Angelica disse:

— Sabem quem faz vinte e um annos amanhã?

Simeão; respondeu logo Florinda.

Hermano sorrio-se.

— Creio que elle se mostra agora mais ajui zado; tornou a senhora.

— Sahe á passeio todas as noutes.

— Coitado! servio muito ao senhor na molestia fatal.....

E a viuva ainda teve lagrimas para dar á lembrança do marido: quando as enxugou, disse á Hermano:

—Eu tinha um desejo, meu filho; mas não o realisarei sem a sua approvação.

— Approvo-o desde já: qual é elle?

— Dar amanhã a liberdade á Simeão.

Florinda apertou a mão do marido.

— Excellente idea! respondeu Hermano; elle é, com perdão das senhoras,um escravo desmoralisado, e talvez seja por excepção ou milagre um liberto de bons costumes.

— Approva então?

— Sem duvida; mas devo dizer que só elle perderá com o beneficio que lhe quer fazer: perdão outra vez; Simeão está mal preparado para ser feliz com a liberdade: entretanto a liberdade é santa e regeneradora.

— E nós não lhe fecharemos a nossa porta.

se elle quizer, e ha de querer, ficará comnosco.

—Está entendido.

— Oh! amanhã Simeão será liberto!... exclamou Florinda, rindo de contentamento.

Era a primeira vez que Florinda ria depois da morte de seu pai: Hermano beijou-lhe a mão, agradecendo-lhe o riso.

— Mas até amanhã segredo! disse Florinda; eu quero apreciar a surpreza de Simeão.

E as duas senhoras, a mãi e a filha, se olharam satisfeitas, prelibando a alegria e a festa do seu crioulo estimado.

Emquanto ellas estavam assim occupando-se tão generosamente de Simeão, em que estaria pensando esse escravo que ia ser emancipado?...

Estava ainda pensando com alma de escravo que não sonhava com a liberdade no dia seguinte.

Se lhe tivessem dito:—Amanhã serás liberto, — a idéa da liberdade revolucionaria seu animo, no qual as trevas do captiveiro seriam dissipadas pela aurora da emancipação.

Não ha escravo a quem a certeza da alforria proxima não inspire sentimentos generosos, não desarme os instinctos ferozes da escravidão.

Mas Simeão, o escravo, nem se lembrava do anniversario natalicio, que só é de festa para o homem livre, que sorri á vida, porque é livre ; não podia esperar e menos contar com a liberdade esclarecida pelo sol que ia surgir do oriente.

E, escravo ingrato e perverso, machinava um crime horrivel, inspirado pelo demonio da fatal condição depravadora.

Oh ! não ha quem tenha um escravo ao pé de si, que não tenha ao pé de si um natural inimigo.

XXI

A noute dos domingos é um pouco solitaria nas fazendas.

Os escravos têm no domingo o seu dia de arremedo da liberdade ; de manhã sahem a vender o que têm colhido de suas pobres roças e o que têm furtado das roças do senhor ; á noute vão aos fados e aos deboches da *venda*.

Nunca em parte alguma do mundo houve senhores mais humanos e complacentes do que no Brasil, onde são raros aquelles que nos domingos contem presos no horizonte da fazenda os seus escravos; em regra todos fecham os olhos ao gozo amplo do dia santificado.

Por isso as fazendas são muito mais solitarias aos domingos.

Uma quadrilha de salteadores escolheria de preferencia a noute de um domingo para atacar a casa de uma fazenda.

Mas em muitas fazendas a casa da familia do fazendeiro tem condições e seguranças de fortaleza.

Era assim a casa que Domingos Caetano cuidadosamente fizera construir.

Levantava-se ella no cabeço de um outeiro suave; era assobradada e toda de grossas paredes de pedra; as portas e janellas de rija madeira de lei chapeadas de ferro tinham, além de grandes e fortes fechaduras, cada uma duas traves de ferro, que tornavam quasi impossivel o arrombamento, e pequenas frestas systematicamente dispostas, por onde era ou seria possivel observar sem perigo o aggressor externo e atirar sobre elle; entre o assoalho da casa e o chão, havia immenso e escuro espaçoso vão sem porta para o exterior, mas com entrada no interior da morada, e com respiradouros circulares apertados e defendidos por inabalaveis grades de de ferro, de modo que, invisivel ao inimigo, o fazendeiro d'ali tambem poderia matal-o.

A disposição das senzalas dos escravos assegurava prompto mas nem sempre seguro soccorro;

porque só a imprudencia póde confiar no auxilio leal e dedicado da escravatura que vive oppressa, e a quem naturalmente pouco importa a sorte do senhor.

No terreiro, finalmente, vião-se cães vigilantes, guardas avançadas e fieis, que ao mesmo tempo arremettem contra o inimigo, e despertam a familia que dorme.

De dentro daquella casa um só homem resistiria a vinte salteadores, e sómente poderia ser vencido pela traição abrigada sob o mesmo tecto.

Sem duvida, por esta consideração Domingos Caetano tinha adoptado o costume de fazer dormir fóra da casa da familia ainda mesmo os escravos e escravas do serviço domestico. O proprio Simeão, desde que sahira da segunda infancia, tivera o seu quarto, aliás muito commodo, junto da fabrica, ou do *engenho*, como ainda se diz.

No interior da casa, e só por excepção, dormiam duas escravas, uma já idosa e que acompanhára Angelica desde menina, tornando-se por isso objecto de sua estima, e Eufemia, filha dessa mesma escrava e mucama de Florinda.

Eufemia era na fazenda a amante predilecta de Simeão.

A' morte de Domingos Caetano não seguira modificação alguma nos costumes da fazenda e da familia; o sogro revivia no genro.

Hermano muito acertadamente louvou a pratica de fazer dormir fóra da casa senhorial todos os escravos; mas tambem respeitou a excepção que achára estabelecida.

As nove horas da noute do domingo os escravos do serviço domestico retiraram-se; Hermano fechou e trancou todas as portas e janellas, foi dormir tranquillo e sem cuidados.

A inexpugnavel fortaleza estava fechada.

Mas.... dentro della havia ainda escravos.

XXII

Era meia noite, quando os cães latiram com furor.

Hermano acordou ao grito de alerta das suas sentinellas, e quiz levantar-se do leito; mas o latir dos cães serenou tão depressa e o braço de Florinda pousava tão suave e meigo sobre o seu hombro, que elle não se animou a perturbar o somno da esposa, e em breve adormeceu.

A' uma hora da noute soou tres vezes seguidas perto da casa o piar sinistro de uma coruja.

Eufemia, que velava, ergueu-se da esteira e foi, pé por pé, mas tremula, até a cozinha, que era vasta e que, além da porta fortissima, tinha ainda uma janella pesada, larga, e inabalavel; assegurando-se pelo ouvido attento de não ter

sido seguida, estendeu o braço e arranhou a a porta.

De fóra arranharam tambem a porta.

Eufemia dirigio-se então á janella, desprendeu sem ruido as duas traves de ferro, com o vestido envolveu a enorme tranca igualmente de ferro para ver se abafava o ranger daquelle grilhão da fortaleza, hesitou.... tremeu.... reanimou-se, e suspendendo a respiração e com impeto nervoso, deu a volta e destrancou a janella que se abrio em par.

Saltaram logo para dentro quatro homens; o Barbudo, que trazia espingarda e uma grande faca, dous escravos da fazenda seduzidos por Simeão, e este desprendendo ameaçadores machados.

Fóra murmuravam surdamente vozes sinistras. Os quatro assaltantes deixavam socios a cobrir-lhes a retirada.

Os cães não latiam mais; Simeão os tinha trancado facilmente em seu quarto.

O Barbudo passou uma lanterna furta-fogo á Simeão que marchou adiante, ensinando o caminho.

O que em seguida se passou foi horrivel.

Chegados á sala de jantar o creoulo mos-

trou ao lado direito a porta do aposento de Hermano e de Florinda; dous dos perversos, o Barbudo e um dos negros collocarão-se aos lados dessa porta: o outro negro recebeu a lanterna e seguio a Simeão que avançou para a frente e entrou no quarto de dormir de sua senhora.

Angelica dormia profundamente, e diante della em uma esteira ressonava a sua escrava estimada, a mãe de Eufemia.

Simeão aproximou-se do leito, e sem compaixão da fraqueza, sem lembrança dos beneficios, filho scelerato da escravidão que é horror, demonio da ingratidão e da perversidade, levantou o machado, e descarregou-o sobre a cabeça de Angelica, que morreu sem expirar.

O machado partira pelo meio a cabeça da protectora e segunda mãe do assássino; mas ao ruido do golpe a velha escrava despertando assombrada, e vendo a scena atroz, soltou um grito pavoroso:

— Simeão!

O negro da lanterna deu tão forte pontapé no estomago da velha escrava que a estirou no chão sem sentidos:

Hermano despertara ao estrepito, percebera

luz, adivinhara perigo, e saltando da cama tomára um rewolver, e com tanta rapidez se lançou fóra do quarto, que escapou aos golpes desfechados pelos dous ladrões que o esperavam á porta.

Mas o Barbudo se atirou sobre o mancebo, e a luta começou; luta desigual de um contra quatro, de um, á quem o rewolver falhara, pois que o tinham nesse dia descarregado traiçoeiramente, contra quatro armados e ferozes.

Florinda appareceu em desalinho e ululante, e cahio de joelhos á pedir a vida do marido...

Simeão a vio nesse desalinho, e correu para ella, agarrou-a, e ultrapassando todos os furores do crime, injuriou-a com o contacto de suas mãos devassas e de seus lábios torpes.

Aos gritos de Florinda e á enormidade do insulto Hermano já esfaqueado e banhado em sangue, em um arrojo de desesperação, sublime, incrivel, com a raiva a lampejar-lhe nos olhos, Hercules de um momento, escapou-se aos braços dos tres malvados, á um atirou por terra, á outro arrancou a faca, e de um salto foi crava-la em Simeão que lhe ultrajava a esposa.

Logo porém o Barbudo desfechou um tiro, tiro providencialmente piedoso; porque a

bala atravessou dous corações, e Hermano e Florinda cahiram mortos ao lado um do outro.

Simeão ficara ferido no hombro.

Tudo isto se passou em dez minutos ao menos.

Mas aos gritos de Florinda, e ao tiro que a matára e ao marido acordou o feitor da fazenda que tocou a rebate, chamando os escravos, que nem todos ausentes, e muitos dos presentes alheios ao attentado, acudiram trazendo por armas foices e machados.

Simeão, esquecendo o golpe que recebera, e o sangue que do hombro lhe corria, deixou um dos negros na sala onde estavão os dous cadaveres e com o Barbudo e o outro negro que levava a lanterna, voltou ao quarto da senhora assassinada, arrombou facilmente a gaveta da velha mesa, e apoderando-se de uma grossa chave, foi ao fundo do quarto, arrancou precipitado uma cortina de chita que cobria pequena parte da parede e mostrando em grande vão que havia nesta uma caixa de jacarandá chapeada de ferro, abrio rapido duas fechaduras, e escancarou a caixa que estava cheia de pequenos saços contendo moedas de ouro e prata.

Os tres ladrões lançarão-se ao thesouro: ao ruido da colheita dos despojos correo o outro escravo que ficára na sala; immediatamente porém rompeu a vozeria e o estrepito do combate ao pé da casa.

Os quatro miseraveis seguidos de Eufemia, todos carregados de ouro e prata, fugirão precipitados pela porta da cozinha, e ganharão o campo, abandonando os complices, que se batião.

Só de muito longe assobiarão repetidas vezes annunciando a retirada, e mettendo-se logo pelo mato, cada qual cuidando exclusivamente de si.

Simeão contara de mais com as suas forças: ferido, e tendo perdido muito sangue, cahio desanimado, quando procurava saltar a cerca da fazenda.

CONCLUSÃO

O crime espantosamente horrivel não ficou impune. A lei vingou as victimas.

O Barbudo, Eufemia e outros complices achão-se na casa da correcção pagando sua malvadeza.

Simeão subio á forca; estrebuxou e morreu debaixo dos pés do carrasco.

A lei de excepção matou o *escravo* e deixou com vida o Barbudo tão scelerato como elle, ou, se é possivel, mais scelerato que elle.

Tudo isto é profundamente immoral e perverte a sociedade.

E' immoral a sociedade que mata; porque ensina á matar.

E' immoral a excepção da lei na regra mor-

tifera contra o escravo; porque é uma iniquidade de mais imposta embora pela necessidade de aterrar os escravos, necessidade que manifesta as aberrações de todas as noções do direito e da justiça, á que a existencia da escravidão obriga a sociedade, á quem castiga, e de quem se vinga, corrompendo-a.

E' immoral, e deforme; porque é immoral e deforme toda a sociedade, toda a nação, todo o imperio que conserva e mantem em seu seio a escravidão.

Concluamos.

Simeão foi o mais ingrato e perverso dos homens.

Pois eu vos digo que Simão, se não fosse escravo, poderia não ter sido nem ingrato, nem perverso.

Ha por certo alguns homens livres que são perversos: exemplo: o Barbudo.

Essa perversidade é porém uma excepção no homem livre.

Entre os escravos a ingratidão e a perversidade fazem a regra; e o que não é ingrato nem perverso entra apenas na excepção.

Porquanto, e todos o sabem, a liberdade moralisa, nobilita, e é capaz de fazer virtuoso o homem.

E a escravidão degrada, deprava, e torna o homem capaz dos mais medonhos crimes.

A lei matou Simeão na forca.

A escravidão multiplica os Simeão nas casas e fazendas onde ha escravos.

Este Simeão vos horrorrisa?...

Pois eu vos juro que a forca não o matou de uma vez; elle existe e existirá em quanto existir a escravidão no Brazil.

Se quereis matar Simeão, acabar com Simeão, matai a mãe do crime, acabai com a escravidão.

A forca que matou Simeão é impotente, e inutilmente immoral.

Ha só uma forca que vos pode livrar dos escravos ingratos e perversos, dos inimigos que vos cercão em vossas casas.

E' a forca santa do carrasco anjo: é a civilisação armando a lei que enforque para sempre a escravidão.

FIM DE SIMEÃO—O CREOULO.

II

PAE RAYOL—O FEITICEIRO

I

O homem deixa-se facilmente enlevar pelo encanto do maravilhoso e é, explorando este segredo da fraqueza humana que o charlatanismo abusa da simplicidade dos credulos e á custa delles bate moeda na forja da impostura, ou sacrifica á sua corrupção as innocentes victimas, que loucamente expontaneas se precipitão nesse perigoso desvio da razão.

Esta observação incontestavel pode-se applicar com inteiro cabimento á todos os tempos e á todas as nações qualquer que fosse ou seja o gráo de sua civilisação.

E' inutil fazer fallar a historia, quando á ninguem lembraria pôr em duvida factos que ainda hoje em todo mundo attestão o poder do

charlatanismo sobre a imaginação dos homens.

Os adevinhos, os cartomantes, os ledores do futuro, os curandeiros mysteriosos multiplicão-se em Paris e em todas as cidades da Europa, onde a impostura desses exploradores da credulidade de muitos e da curiosidade de quasi todos, vai descendo na escala da rudeza, do ridiculo e do grotesco á medida que toma freguezia no seio da população menos civilisada, e que se afasta da cidade para internar-se no campo.

Neste ponto a Europa não póde rir do Brazil; porque o excede muito nas variedades brilhantes e sombrias dessa especie de charlatanismo; mas tambem a capital do imperio do Brazil e nossas mais consideraveis cidades não podem rir do campo ou da *roça;* porque tem dentro de seos muros esse charlatanismo apurado e curioso que ainda não chegou á *roça* e o grotesco, e tambem maligno, que na *roça* é infelismente muito commum.

Na cidade do Rio de Janeiro (e quanto mais nas outras do imperio!) ainda ha *casas de tomar fortuna*, e com certeza pretendidos feiticeiros e curadores de feitiço que espantão pela extravagancia, e grosseria de seos embustes.

A autoridade publica suppõe perseguir; mas não persegue seria e activamente esses embusteiros selvagens em cujas mãos de falsos curandeiros tem morrido não poucos infelizes.

E que os perseguisse zelosa, e vehemente a autoridade publica não poderá acabar com os feiticeiros, nem porá termo ao feitiço, emquanto houverem no Brazil escravos, e ainda além da emancipação destes, os restos e os vestigios dos ultimos africanos, á quem roubamos a liberdade, os restos e os vestigios da ultima geração escrava de quem hão de conservar muitos dos vicios aquelles que conviverão com ella em intimidade depravadora.

O feitiço como a syphilis veio d'Africa.

Ainda nisto o escravo africano sem o pensar vinga-se da violencia tremenda da escravidão.

II

O escravo africano é o rei do *feitiço*.

Elle o trouxe para o Brasil como o levou para quantas colonias o mandarão comprar, apanhar, surprehender, caçar em seos bosques e em suas aldèas selvagens da patria.

Nessa *importação* inqualificavel e forçada do homem, a prepotencia do importador que vendeo e do comprador que tomou e pagou o escravo, poude pela força que não é direito, reduzir o homem á cousa, á objecto material de propriedade, á instrumento de trabalho; mas não poude separar do *homem importado* os costumes, as crenças absurdas, as idéas falsas de uma religião estravagante, rudemente supersticiosa, e eivada de ridiculos e estupidos prejuisos.

Nunca houve comprador de africano importado, que pensasse um momento sobre a alma do escravo: comprara-lhe os braços, o corpo para o trabalho: esquecera-lhe a alma: tambem se a tivesse conscienciosamente lembrado, não compraria o homem, seo irmão diante de Deos.

Mas o africano vendido, escravo pelo corpo, livre sempre pela alma, de que não se cuidou, que não se esclareceo, em que não se fez acender a luz da religião unica verdadeira, conservou puros e illesos os costumes, seos erros, seos prejuizos selvagens, e inoculou-os todos na terra da proscripção e do captiveiro.

O germen lançado superabundante no solo desenvolveo-se, a planta cresceo, floresceo, e fructificou : os fructos forão quasi todos venenosos.

Um corrompeo a lingua fallada pelos senhores.

Outro corrompeo os costumes e abrio fontes de desmoralisação.

Ainda outro corrompeo as santas crenças religiosas do povo, introduzindo nellas illusões infantis, idéas absurdas e terrores quimericos.

E entre estes (para não fallar de muitos mais) fundou e propagou a allucinação do *feitiço* com

todas as suas consequencias muitas vezes desastrosas.

E assim o negro d'Africa reduzido á ignominia da escravidão malfez logo e naturalmente á sociedade oppressora, viciando-a, aviltando-a e pondo-a tambem um pouco assalvajada, como elle.

O negro d' Africa africanisou quanto poude e quanto era possivel todas as colonias e todos os paizes, onde á força o arrastou condemnado aos horrores da escravidão.

No Brazil a gente livre mais rude, néga como o faz a civilisada, a mão e o tratamento fraternal ao escravo; mas adoptou e conserva as phantasias pavorosas, as superstições dos mizeros africanos, entre os quaes avulta por mais perigosa e nociva a crença do *feitiço*.

No interior do paiz, onde mais abunda a escravatura, mais espalhada se encontra a pratica torpe do *feitiço*.

O *feitiço* tem o seo pagode, seos sacerdotes, seo culto, suas ceremonias, seos mysterios, tudo porém grotesco, repugnante, e escandaloso.

O pagode é de ordinario uma casa solitaria, o sacerdote é um africano escravo, ou algum digno descendente e discipulo seo, embora livre

ou já liberto, e nunca falta a sacerdotisa da sua igualha; o culto é de noute á luz das candêas ou do brazeiro; as ceremonias e os mysterios de incalculavel variedade conforme a imaginação mais ou menos assanhada dos embusteiros.

Pessoas livres e escravas acodem á noute e á hora aprazada ao casebre sinistro; uns vão curar-se do feitiço, de que se suppõe affectados, outros vão iniciar-se ou procurar encantados meios para fazer o mal que desejão ou conseguir o favor que aspirão.

Soão os grosseiros instrumentos que lembrão as festas selvagens do indio do Brazil e do negro d'Africa, veem-se talismans rusticos, symbolos ridiculos, ornamentão-se o sacerdote e a sacerdotisa com penachos e adornos emblematicos e de vivas côres, prepara-se ao fogo, ou na velha e immunda meza beberagem desconhecida, infusão de raizes enjoativas e quasi sempre ou algumas vezes esqualida; o sacerdote rompe em dança phrenetica, terrivel, convulsiva, e muitas vezes como a sibila se estorce no chão: a sacerdotisa anda como douda, entra e sahe, e volta para tornar a sahir, lança ao fogo folhas e raizes que enchem de fummo suffo-

cante e de cheiro activo e desagradavel a infecta sala, e no fim de uma hora de contorsões e de dança de demonio, de anciedade e de corrida louca da socia do embusteiro, ella volta emfim do quintal, onde nada vio, e annuncia a chegada do genio, do espirito, do deos do feitiço, para o qual ha vinte nomes cada qual mais burlesco e mais brutal.

Referve a dança que se propaga: saracotea a obscena negra e o socio, interrompendo o seo bailar violento, leva a cuia ou o vaso que contém a beberagem á todos os circumstantes, dizendo-lhes: « toma *pemba!* » e cada um bebe um trago da *pemba* immunda e perigosa.

Os doentes de feitiço, os candidatos á feitiçaria, os postulantes de feitiço para bons ou máos fins sujeitão-se ás provas mais absurdas e repulsivas, ás danças mais indecentes, ás praticas mais estolidas.

A bacchanal se completa: com a cura dos enfeitiçados, com os tormentos das iniciações, com a concessão de remedios e segredos de feitiçaria mistura-se a aguardente, e no delirio de todos, nas flammas infernaes das imaginações depravadas, a luxuria infrene, feroz, torpissima quasi sempre desavergonhada se ostenta.

Tudo isto é hediondo e horrivel ; mas é assim.

Não são sómente escravos que concorrem á essas turvas, insensatas e peçonhentas solemnidades da feitiçaria : ha gente livre, simples, credula, supersticiosa que se escravisa ás praticas do feitiço, e vae aos fataes *candombes* sacrificar seo brio, sua moralidade, e sua saude, além do dinheiro que ás mãos cheias entrega ao feiticeiro—mestre.

D'ahi o que resulta mal se tem comprehendido !

Desse culto grotesco, esqualido da feitiçaria sahe o germen da desmoralisação de muitas familias, cujos chefes por superstição e fraqueza são captivos de um escravo, deixando-se dominar pelo grande—feiticeiro.

Sahem delle envenenamentos que matão de subito, ou que aos poucos dilacerão afflictivamente as vidas das victimas.

Sahe delle a conspiração assassina de escravos que levão a desolação á sensalas de parceiros e ás casas dos senhores.

Sahem delle o contagio da superstição, que é um flagello, a aniquilação do brio que é a ruina dos costumes e das noções do dever, a religião do mal, e o recurso ao poder de uma entidade falsa,

mas perversa, que é a fonte aberta de confianças loucas, e de crimes encorajados por uma especie de fanatismo selvagem, que por isso mesmo se torna mais tremendo e fatal.

Essa pratica da feitiçaria organisada, instituida com ceremonias e mysterios, embora repugnantes e ignobeis, é uma peste que nos veio com os escravos d'Africa, que desmoralisa, e mata muito mais do que se pensa, e que hade resistir invensivel á todos as repressões, em quanto houver escravos no Brazil, e ainda depois da emancipação dos escravos, em quanto a luz sagrada da liberdade não destruir todas as sombras, todos os vestigios negros da escravidão que nos trouxe da Africa as superstições, os erros, as miserias, e as torpidades da selvatiqueza.

III

Não ha fazendeiro prudente ou ajuizado que tolere dentro de sua fazenda a pratica da feitiçaria: algum, e tem havido exemplos, que apadrinhou essa brutal impostura, foi desgraçado infecto dessa louca superstição e acabou della victima.

As casas do escandaloso culto do feitiço, ou dos *candombes* isolão-se instinctivamente, escapão ás mais das vezes a acção dos proprietarios de terras, encantonando-se em lugar ou refugio independente, que só receia a perseguição da policia a qual sómente se lembra da sua existencia, se o candombeiro é emancipado, ou livre, e como tal póde votar em eleições: fóra desta hypothese o candombeiro faz pratica de feitio

çaria e a policia dorme sem jámais sonhar com essa entidade malvada.

Mas em muitas fazendas ha dissimulado, sinistro, fatal o negro feiticeiro.

E o negro feiticeiro é um perigo real de todos os dias.

Os outros escravos, se o conhecem, o temem, procurão torna-lo amigo com bajulações, prezentes, serviços e obrigada submissão: se o não conhecem, sentem-no em males que experimentão.

Em regra que poucas excepções concede, o negro escravo acredita no poder do feiticeiro, como o velho mulsumano no alcorão de Mahomet.

E o senhor não está á coberto da acção perversa desse tremendo ou insensato charlatão que se chama feiticeiro.

Insensato charlatão, dizemos; porque não é raro que o miseravel fatuo em sua profunda e vaidosa ignorancia se presuma dotado de malefico e sobrenatural poder.

Mas que é na realidade o negro escravo feiticeiro? em que consiste a sua faculdade de fazer mal impunemente? qual é a fonte de sua força, da sua influencia activa e funesta?

O feiticeiro das fazendas e dos estabelecimentos ruraes ainda mesmo dos mais modestos é, se infelizmente entre os escravos existe, o negro herbolario, o botanico pratico que conhece as propriedades e a acção terrivel de raizes, folhas e fructas que debilitão, enlouquecem, e fazem morrer o homem; que abatem com as forças physicas a força moral do homem, e ao que elles chamão—*amansar* o senhor; que excitão a luxuria, e os instinctos animaes, que atacão o cerebro e corrompem a razão, que envenenão pouco a pouco dilacerando o estomago e os intestinos até matar no fim de horriveis tormentos, ou que de repente, em poucas horas, em breves minutos assassinão, como o tiro do bacamarte; mas sem o ruido do tiro do bacamarte.

Quem deu essa sciencia ao negro analphabeto e ignorante ?... a rude experiencia propria ou a revelação fraternal que o prepararão na Africa e que mais o armão, escravo na colonia escravagista: iniciado nos venenos vegetaes d'Africa, o negro atiçou a intelligencia para fazer o mal, vendo-se escravo; recolheu e guardou a rude sciencia dos olhos que distinguem as plantas; onde foi, procurou, experimentou, achou ve-

getaes veneficos ; conheceu uns pela experiencia de outros escravos, foi insaiando muitos nos animaes domesticos, no gado da fazenda ; no aspecto, no sabor, no cheiro advinhou ás vezes o veneno nas flores, nos fructos, nas raizes do *sipó*, do arbusto, da arvore, preparou assim sua sciencia pratica, misturou-a com sacrilegas rezas com imprecações e votos despreziveis e com uma chymica extravagante, immunda, nojenta que compõe cosimentos, e infusões em que dez ou mais substancias inertes ou apenas asquerosas se ajuntão com uma que é o veneno que opera.

O feiticeiro não é mais nem menos do que um propinador de venenos vegetaes.

Mas basta isso para torna-lo formidavel.

Poucos restão dos negros africanos feiticeiros; dos que porem já morrerão muitos passarão aos parceiros predilectos, aos filhos despresados com elles nas senzalas, aos curiosos que souberão pagar bem a sciencia que invejavão, os segredos fataes do envenenamento com as suas variedades multiplas.

Herbolarios tremendos os escravos feiticeiros tem escondidos no bosque, e sempre á mão, e sempre certos de serem achados os

punhaes invisiveis, os tiros sem estrepito, os venenos ignorados, com que estragão a saude, ou apagão a vida daquelles de quem se querem vingar, ou á quem se resolvem á matar.

E muitas vezes vão cadaveres ao cemiterio da freguezia, e ao ve-los passar o feiticeiro ri..... ri, porque é sua colheita de morte, e elle é algoz disfarçado, insuspeito e scelerato.....

Ha por esse interior nas fazendas e nos sitios molestias que não se explicão, mortes de senhores e de escravos que se affigurão misteryosas, ataques repentinos de loucura, abatimentos da vontade e da energia do senhor que se reduz á inerte machina sem força physica, e a objecto da zombaria dos seus escravos: uns lamentão, outros chorão: é raro que haja quem se empenhe em aprofundar a origem e as cauzas de semelhantes successos sinistros, e só o feiticeiro ás escondidas ri.....

Em uma fazenda, em um sitio, em qualquer parte, onde exista e se dissimulle, o feiticeiro é peste, e flagello terrivel.

E sempre que pozerdes a mão em um desses feiticeiros, encontrareis nelle um negro escravo..... ou algum seu iniciado.

E tomai sentido e precauções, o escravo,

não nos cansaremos de o repetir, é ántes de tudo natural inimigo de seu senhor; e o escrâvo que é feiticeiro, sabe matar.

IV.

Paulo Borges era um rico fazendeiro do municipio de..... na provincia do Rio de Janeiro; no tempo do começo deste romance que é a historia resumida do mais triste periodo de sua vida, contava elle quarenta e seis annos de idade. Imaginai um homem alto com os cabellos castanhos e crespos mas nem sempre penteados, fronte um pouco baixa sob sobrancelhas bastas, olhos pretos e bellos, nariz aquilino, boca rasgada, e labios grossos e eroticos, rosto oval e de côr que devera ser branco-rosado, se o rigor do sol não o tivese bronzeado: magro sem exageração ou antes seco de musculos, peitos largos e mãos engrandecidas e callejadas pelo trabalho,

e tereis diante de vós Paulo Borges physicamente considerado.

A simplicidade e quasi pobreza do seu trajar que desconhecia o imperio das modas e a escolha de finos tecidos, seus modos rudes, sua actividade constante, uma certa aspereza artificial de genio, presidindo ao governo e disciplina da fazenda; a frugalidade e a economia do seu viver, o escrupulo religioso no cumprimento da palavra dada e a diligencia excessiva no trabalho, mostravão nesse homem o typo do lavrador honrado, mas sempre ambicioso de duplicar, de centuplicar seos capitaes, o typo do lavrador que hoje raramente se encontra, do pobre rico que se subtrahia ao mundo, e só queria conhecer a roça e a casa, os escravos e a familia, trabalhando sempre, gastando pouco, ajuntando muito, e não pezando a nenhum outro homem como elle.

Paulo Borges cazara-se aos quarenta annos de idade com uma senhora ainda joven, simples de costumes, honesta, laboriosa, áffeita á vida rural dos fazendeiros, e que trouxera ainda ao marido alguns contos de réis de dote: em seis annos Thereza já tinha dado á seu esposo dous filhos, cuja creação não a poupava aos cuidados domesticos e aos que particularmente corrião

por sua conta na fazenda, isto é a direcção da dispensa, da enfermaria, e da grosseira rouparia dos escravos.

O cazamento não modificára os costumes do fazendeiro: a sua voz retumbante annunciava ainda mais do que o sino da fazenda a alvorada e a hora do começo do trabalho: Paulo Borges tomava uma chicara de café que Thereza lhe trazia, e logo seguia para a roça, onde almoçava e jantava á sombra das arvores: muitas vezes armava-se da enchada ou da fouce e excitava os escravos com o seo exemplo, e quando isso não fazia, dispunha no meio delles e em alta voz o serviço: o sol entrado, voltava para casa coberto de suor e pó; mas infatigavel e feliz: era assim que passava annos inteiros, á excepção dos domingos e dias de guarda, nos quaes ficava em casa; donde nunca ou só por extraordinaria excepção sahia sómente para casos de negocio importante.

Paulo Borges tinha essa especie de preoccupação que é um máo calculo infelizmente muito commum entre os nossos fazendeiros e lavradores, o empenho sempre activo de comprar terras para estender ás que já possue ás vezes de mais, e de multiplicar tambem a escravatura, esque-

cendo os meios de supprir muitos braços, poupando o capital: ainda bem que a força da necessidade e a lição da experiencia tem já introduzido em muitas fabricas as machinas e os processos que economizão tempo, gente e dinheiro, e na preparação e limpa das plantações e sementeiras os instrumentos que produzem igual resultado. Quanto ao gosto decidido de *arredondar* as terras possuidas, comprando novas e contiguas, o costume continúa a ser lei.

Paulo Borges pois era dominado por esse *fraco* da sua natureza de lavrador mais que abastado: onde havia terras á vender junto ou perto das suas, elle as tomava ainda por elevado preço, immobilisando assim avultadas sommas; se noticias lhe chegavão de arrematação de escravos na villa, ou de venda de alguns nas proximidades da sua fazenda, arrancava-se aos encantos da roça, e lá hia realisar a compra: jamais se occupara de tomar informações sobre a moralidade, ou antes sobre os gráos de desmoralisação da gente que introduzia na sua fazenda, nem lhe importava a celebridade ruim de um ou outro escravo: não comprava homens, comprava machinas: queria braços e não corações: alem disso tendo fama, e gabando-se de senhor severo e forte, entrava nos

seus timbres *amansar* os negros altanados e incorrigiveis.

Tambem na fazenda os castigos crueis poucas vezes se observavão; porque a certeza delles nos casos graves desanimava os escravos mais audaciosos que sabião como o senhor nunca punia sem razão, e nunca perdoava, quando a tinha para castigar.

Cinco annos depois do seo casamento Paulo Borges deixou de ir á roça uma manhã; deo suas ordens á um escravo que na sua falta servia de feitor, vestio-se com algum esmero, e almoço acabado, tomou o chapéo para sahir.

— Isto é novidade grande, senhor Paulo; disse-lhe a mulher que era sempre alheia aos negocios externos de caza.

— Ha hoje arrematação de escravos na villa; são vinte e acostumados já a lavoura da canna e ao serviço do engenho....

— Já temos tantos... mais de cem...

— Tomára eu mil... tu me das um filho de dous em dous annos, e ahi estás á empurrar-me com o volume do terceiro que não tarda á saltar no mundo, e não queres que eu prepare futuro para a nossa ninhada?

Thereza sorrio-se convencida.

Paulo Borges montou á cavallo, partio á galope, e á tarde voltou, trazendo diante de si vinte escravos, vinte homens, uns miseras machinas vivas trasendo no rosto a expressão da indifferença estupida e da imbecilidade; outros cabisbaixos, apprehensivos e profundamente melancolicos.

Entre elles vinha pae-Rayol, um negro feio e já desfigurado por molestia ou por castigos.

Thereza, que acudira á receber seu marido, ao correr com os olhos os seos novos escravos, sentio um movimento de repulsão, vendo o pae-Rayol, e voltando o rosto, disse baixo á Paulo Borges.

— Que má cara tem este negro!

Pae-Rayol ouvio a observação da senhora, que o apontara com o dedo; mas ficou imperturbavel, frio,indifferente, como se nada tivesse ouvido.

V

Pae-Rayol passára nesse dia ao seo quinto senhor.

Era um negro africano de trinta á trinta e seis annos de edade, um dos ultimos importados da Africa pelo trafico nefando: homem de baixa estatura tinha o corpo exageradamente maior que as pernas; a cabeça grande, os olhos vesgos, mas brilhantes e impossiveis de se resistir a fixidade do seu olhar pela impressão incommoda do strabismo duplo, e por não sabermos que fluição de magnetismo infernal: quanto ao mais mostrava os caracteres physicos da sua raça; trazia porém nas faces cicatrises vultuosas de sarjaduras recebidas na infancia: um golpe de azorrague lhe partira pelo meio o labio su-

perior, e a fenda resultante deixara a descoberto dous dentes brancos, alvejantes, pontudos, dentes caninos que parecião ostentar-se ameaçadores; sua boca era pois como mal fechada por tres labios, dous superiores e completamente separados, e um inferior perfeito: o rir alias muito raro desse negro era hediondo por semelhante deformidade: a barba retorcida e pobre que elle tinha mal crescida no queixo, como herva mesquinha em solo arido, em vez de ornar afeiava-lhe o semblante: uma de suas orelhas perdera o terço da concha na parte superior cortada irregularmente em violencia de castigo ou em furor de desordem e finalmente braços longos prendendo-se á mãos descommunaes que descião a altura dos joelhos completavão-lhe o aspecto repugnante da figura mais antipathica.

Pae-Rayol tinha má reputação: fôra vendido uma vez, e tres vezes revendido pela desordem em que punha os parceiros, pelos furtos que incorrigivelmente praticava, e por suspeita de propinação de veneno á uma escrava que resistira á seos desejos impetuosos, e em breve morrera subitamente logo depois de aceitar e beber um copo de aguardente que elle lhe offerecera á porta de sua senzala. Alem disso, o negro se fi-

zera temivel pela audacia de seo animo, e força physica ainda mais avultada pela agilidade e presteza de movimentos nas lutas. No poder de seos tres primeiros senhores provara os mais duros castigos: esperimentára por mais de uma vez as dolorosas solidões do tronco, e os tormentos do açoite no poste horrivel, onde se amarra o padecente, a victima, criminosa embora.

Em seu quarto captiveiro que breve terminou pela morte do senhor, parecera emfim menos intrigante e perturbador da harmonia dos miseros parceiros; mas soffrera ainda por vezes severos castigos pela descoberta de sua frequencia reincidente e teimosa nos *candombes* de uma negra liberta e famosa feiticeira. Pae-Rayol acabára por dobrar-se humilde ás condições da escravidão, e nos ultimos mezes de vida de seu quarto senhor que aliás morreu de ulcerações no estomago e intestinos, vegetou, existio silencioso e triste na fazenda, trabalhando de dia na roça, e passando as noutes recolhido na senzala.

Pretendião os outros escravos seos parceiros que essa inexperada e completa metamorphose de pae-Rayol, o incorregivel, era devida aos seos felizes amores com a creoula Esmeria, que com elle convivia e o dominava.

A morte do senhor, o subsequente inventario e as partilhas da casa por elle deixada, a necessidade do pagamento de dividas emfim determinarão essa arrematação de vinte escravos, de que se aproveitou Paulo Borges, á quem aliás não foi estranha a historia do pae-Rayol, e que se applaudio de contar entre os vinte arrematados a creoula Esmeria que tornára pacifico, tranquillo e sujeito o indisciplinado africano.

Paulo Borges não dava importancia á essas ligações de escravo e escrava; mas pois que a do pae-Rayol e de Esmeria lhe aproveitava, reputou afortunada a compra que mantinha a consoladora sociedade do negro e da negra que se dizião amar.

E recolhidos os vinte novos escravos á fazenda, Paulo Borges mandou-os procurar e escolher senzalas, abandonando á seos instinctos, e deixando em liberdade de convivencia o africano Rayol, e a creoula Esmeria.

VI

Naturalmente Paulo Borges e Theresa conversárão sobre os seus novos escravos, e a senhora ouvio do marido a historia dos máos precedentes do pae Rayol e da influencia benefica e feliz com que a creoula Esmeria corrigira ou fizera ao menos adormecer seu genio perverso.

Theresa lembrou-se da impressão repulsiva que experimentára vendo o negro; sentio que a sua antipathia achasse explicaveis fundamentos, e gostando que uma escrava tivesse podido domar o escravo enfezado e indisciplinavel, pois que por fim de contas era sempre a mulher dominando o homem da sua igualha ou condição, teve curiosidade de ver Esmeria, e no dia se-

guinte, quando ao anoitecer chegárão os escravos da roça, mandou-a chamar.

A negra obedeceu logo; mas chegou com evidentes signaes de acabrunhadora fadiga.

A senhora esteve algum tempo a olhar e a considerar a escrava.

Esmeria era uma crioula de vinte annos com as rudes feições da sua raça abrandadas pela influencia da nova geração em mais suave clima; em seus olhos, porém, e no conjuncto de seus traços phisionomicos, havia certa expressão de intelligencia e de humildade que agradou á senhora.

Theresa achou que Esmeria tinha *boa cara.*

Tendo acabado o seu silencioso exame, a senhora disse á escrava:

— Parece que te cansou muito o serviço de hoje... és então fraqueirona...

— Hei de me acostumar, minha senhora... sou forte para o trabalho.

— Como é isso? não estavas acostumada?

— A' enchada não, minha senhora; mas tudo é serviço... amanhã trabalharei melhor...

— Que fazias em casa de teus antigos senhores?

— Lavava, engommava; mas quasi sempre

estava na cozinha e ajudava minhas senhoras a fazer doces.

— Ah! eras escrava de dentro... és boa cozinheira? deixa ver os dentes.

Ismeria mostrou duas ordens de dentes brancos, iguaes e perfeitos.

— Sabes costurar?

— Sei, minha senhora.

— Vai descansar.

A crioula tomou a benção á senhora, e retirou-se com os olhos baixos e com alegre esperança no coração.

Theresa ficára reflectindo; a escrava lhe convinha para o serviço domestico; receiava, porém, perturbar as suas relações frequentes com o Pae-Rayol, de quem a suppunha util refreadora de malvados instinctos; assentou porém que tudo se resolveria convenientemente, retendo em casa a escrava de dia, e dando-lhe a liberdade da senzala durante a noite.

Restava disputar á Paulo Borges uma enxada da sua roça; mas Thereza conhecia bem o caracter de seu marido, e o amor um pouco aspero, porém real e profundo que lhe devia.

A primeira palavra que a mulher pronunciou, pedindo-lhe Esmeria, Paulo Borges fez-se car

rancudo, e bradou que tinha a casa já cheia de negras vadias.

— Está bem; disse Thereza; não fallemos mais nisso.

E ella não fallou; mas ficou levemente contrariada e triste.

Paulo Borges entrou, sahio, tornou a entrar dez vezes na sala de jantar, e a sahir d'ella outras tantas: por fim não sahio mais, acabando por ser elle quem pedio á Thereza para aceitar Esmeria.

Está entendido que a creoula não voltou mais a roça.

Era uma escrava esperta, habil e activa: creára com o fingimento mais friamente calculado uma segunda natureza para o seu viver na escravidão; sua humildade nunca se desmentia, sua disposição alegre no trabalho a tornára estimada da senhora, pela sua intelligencia, agilidade e zelo valia ella só duas ou tres escravas.

Esmeria lavava, engommava e costurava bem; mas sobre tudo na cosinha nenhuma das parceiras a igualava.

Não tinha vontade que não fosse a de sua senhora: aceitou a liberdade da senzala durante a noite, como se obedecesse á uma ordem.

Carinhosa e paciente com as crianças, tinha sempre uma cigarra, um ninho roubado aos pasarinhos, um objecto de distracção para os pequeninos senhores moços, um menino e uma menina que por isso a procuravam de continuo.

Thereza abria seu coração de mãe ao reconhecimento suavissimo daquelles carinhos da creoula.

A escrava pouco e pouco hia por sua vez captivando a senhora.

Paulo Borges admirava e louvava o acerto de sua esposa.

Thereza fallando de Esmeria em suas intimas conversações com o marido, repetia-lhe sempre:

— Esta escrava foi a minha *sorte grande*, senhor Paulo; não se encontram duas assim.

VII

Esmeria não era o que parecia: coagida pela força que não podia rebater, á supportar a escravidão que debalde detestava, preparára com atilado juizo a sua segunda natureza, o difficil mas seguro processo, a melhor combinação de proceder para tornar menos dolorosa e torturadora a sua vida de escrava.

Refinára o fingimento.

Via nos filhos de seus senhores futuros e aborrecidos oppressores, e beijava-lhes os pés que ás vezes desejava morder.

Tinha para os labios risos de falsa alegria nas horas de aborrecimento, de melancolia, e de aversão á ferver.

Luzia-lhe nos olhos o amor da senhora, que

a amava e distinguia, e lhe dispensava favores, e no fundo do coração maldiza della, só porque ella era sua senhora: espiava lhe a vida, almejando descobrir fraquezas, erros, e offensas ao dever; invejava-lhe os vestidos, os gozos, a condição; em muda ousadia comparava-se com Thereza, e em sua louca vaidade pretendia ser mais bonita, mais bemfeita, mais seductora que ella.

Desconfiada e egoista, não tinha nem franqueza nem lealdade com as parceiras: de todas simulava-se amiga, de nenhuma denunciava nem escondia as faltas; se podia compromette-las sem comprometter-se, fazia-o para mais recommendar-se ao animo e ao coração da senhora.

Testemunhava indifferente, com seriedade que podia indiciar sentimento, mas sem dôr e sem piedade os castigos que as outras escravas recebiam ás vezes.

Em resumo, Esmeria era um composto de dissimulação profunda, de egoismo enregelado, e de aversão abafada.

Não bebia, e detestava o fumo: escrava, desconhecia as duas repugnantes consolações da escravidão, a dupla embriaguez da aguardente e do cachimbo; mas em compensação era possessa do demonio da luxuria, que é o demonio

torpe que desenfreia os instinctos animaes do escravo, unicos qne o mantém animal á despeito da prepotencia que teima em reduzi-lo á simples *cousa* material.

Mas ainda nesse phrenesi dos sentidos Esmeria occultava na sombra o seo vicio dominante e furioso : amava os amantes de sua raça, preferia-os á todos os outros ; mas em sua vaidade descommunal e egoista envergonhava-se delles, desejaria sepulta-los ignotos no mysterio de suas noutes escandalosas ; tomava precauções, imaginava ridiculos e impossiveis segredos, e aspirava a fortuna do amor, da posse, da paixão delirante de um homem livre e rico.

Como outros Paulo Borges e Thereza se havião enganado, dando importancia as ligações da Esmeria com o Pae-Rayol, e acreditando na influencia da creoula sobre o escravo africano.

Esmeria fôra amante do pae-Rayol outr'ora, e só durante algumas semanas ou mezes.

Um e outro separarão-se em breve sem accordo resolvido, mas de accordo expontaneo, sem resentimento e com a ampla tolerancia e a illimitada indifferença da sociedade escrava.

O que resultou dessa ligação ephemera foi o contrario do que imaginára a credulidade.

Não era Esmeria que dominava o pae-Rayol pelo encanto do amor, á que o refalsado negro africano nunca seria susceptivel de dobrar-se ; era a possessão como magnetica da creoula pelo Pae-Rayol que sujeitava ella a elle.

O escravo incorregivel fatigara-se do tormento dos açoites, concentrara seus odios á todos os brancos, e á todos os senhores, e por adoptado plano se deixara acreditar sopeiado, arrependido e sujeito.

Esmeria não domára a seu amante de alguns dias, e fôra alheia á sua apparente resignação.

Do amor passageiro dos dous escravos, amor que por acaso renascia para tornar a morrer, como as inexpiradas e rapidas exhalações electricas que radião por momentos, rasgando o espaço, o que resultou não foi a influencia benefica de Esmeria sobre o Pae-Rayol foi a influencia satanica do Pae-Rayol sobre Esmeria.

A creoula não amava ; temia porém o africano : longe delle pronunciava o seu nome sempre em tom de voz respeitosa, e quando o via perto, acudia-lhe ao chamado, obdecia-lhe ao aceno, e executava prompta e como escrava á ordem que ella interpretava scintillando desconcertada nos olhos vesgos.

D'onde vinha esse imperio do pae-Rayol, a que tão submissa se curvava Esmeria ? os escravos teimavão em dizer que os dous erão amantes, e que a creoula, embora muito infiel, se fingia docil e sujeita ao feio negro para melhor senhorea-lo.

O Pae-Rayol ouvia com indifferença esses juizos; mas a verdade era que Esmeria com toda sua viveza acreditava nos prodigios do feitiço, e considerava aquelle africano abalisado feiticeiro; durante suà mais frequente ligação com elle pudera ser testemunha de sinistros processos de feitiçaria pelos quaes o mal, o damno premeditado se realisava infallivel ; vira em escondido deposito folhas sêcas, raizes, pós, pennas negras, garras de abutres, óssos humanos e cem outros objectos de mysteriosas e sempre maleficas propriedades, quando a sciencia do feitiço os combinava.

Uma vez Rayol conduzio Esmeria ao bosque, e parando em um lugar onde mais se cerrava o cipoal assobiou por vezes, imitando os silvos das serpentes ; em breve acudirão uma depois de outra tres cobras ameaçadoras : o negro fixou os olhos sobre ellas, segurou junto da cabeça em uma que se enrolou em seu braço, depois

deixou-a livre e assim enrolada, ameigou-a, tirou-a do braço, guardou-a no seio, e por fim soltou-a no chão. e emquanto a creoula recuava tremendo de medo, repetio o mesmo brinco, ou a mesma operação com outra cobra.

Sahindo do bosque a creoula ainda assustada perguntou:

— Para que você faz isto, pae-Rayol?...

—Pae-Rayol pede: disse o negro com ostentação

— Um dia alguma cobra hade morde-lo e matal-o.

Rayol rio-se friamente e respondeu no mesmo tom:

— Pae Rayol é rei das serpentes.

O escravo africano vizava um fim em todo esse seo proceder com a creoula: era ataranta-la, causar-lhe medo, captiva-la, prende-la com os prestigios do seo poder, e tornal-a cego instrumento de sua vontada em algum caso que premeditava.

A morte de seu senhor, e a sua subsequente mudança de captiveiro annullarão os projectos que elle concebera, e estava disposto á pôr em execução, e por isso embora arrematado com Esmeria, o Pae Rayol, della pouco se occupava.

Mas Esmeria rendia sempre ao Pae-Rayol o culto do terror.

VIII.

Paulo Borges tambem suppoz, como Thereza, ter achado sua *sorte grande* entre os vinte escravos que arrematara.

O Pae-Rayol era a melhor enchada da sua roça: á frente do eito elle avançava, cavando a terra, como o soldado intrepido e rompente que marcha ávante, ganhando o campo ao inimigo; manejava a fouce, ou descarregava o machado com a impetuosidade do enthusiasmo pelo trabalho; não parava para enxugar o suor com que o esforço braçal, e o calor ardente do sol fazião inundar-lhe o rosto, e o corpo, e apenas alguma vez olhava para um e outro lado para ver, se algum dos parceiros tentava, ou estava prestes á emparelhar-se com elle.

Paulo Borges admirava-lhe em silencio o amor do trabalho; mas Rayol não trabalhava com amor, trabalhava com raiva: dir-se-hia que intimamente revoltado contra a violencia que o tornara escravo, provocava a fadiga, atormentava-se nos deveres obrigados da escravidão para mais atiçar as furias que esta acendera em seo seio.

O Pae-Rayol ao menos não simulava amar o senhor: se as vezes e bem raras o olhava, ninguem podia dizer o que exprimia o seu olhar de completo e duplice strabismo: era um olhar de odiento furor assassino que se entranhava nos angulos sombrios das palpebras negras.

Esse escravo africano era a concentração mysantropica na sepultura do silencio: nunca fallava aos parceiros na roça, e só com monosyllabos, ou com respostas de concisão desanimadora cortava as tentativas de amiga conversação: despresava, aborrecia os escravos porque a experiencia o convencera de que a ignominia da sua condição os fizera vis, cobardes, e incapazes de obdecerem á sua voz no empenho de horrivel conflagração, que muitas vezes imaginara, e calculara possivel.

O Pae-Rayol era pela escravidão victima, e

pela organisação ou por sua natureza máo : a reacção dos sentimentos da victima, e os instinctos, as inspirações da natureza má o tornavam fera ; mas em sua ferocidade estava longe de ser leão, era leopardo.

Desenganado dos irmãos escravos, detestando essa fraternidade que não lhe facilitava seguros instrumentos de immenso mál, de guerra assassina contra os senhores, elle contava só comsigo e em si proprio se embrenhava.

Fóra do serviço o Pae-Rayol abrigava-se em sua senzala que demorava isolada no cabeço de uma colina do campo, tendo em sua frente pedregoso precipicio: elle não tinha, não procurava, nem aceitava amigos : ninguem o via rir, nem lhe ouvia queixas : nas noutes dos dias de trabalho nunca sahia da fazendà : era certo na sua senzala.

Nos domingos e dias sanctificados fazia ligeira visita á venda para prover-se de agoardente e fumo : depois pedia em casa a sua ração e internava-se nas florestas, ou divagava pelos matos novos, e recolhia-se á noute.

Que hia o Pae-Rayol fazer ás florestas, e aos matos novos ? alguns o reputavão caçador porque algumas vezes elle trazia de volta animaes

e aves que conseguia apanhar em laços e *mundéos*.

Só Esmeria acertava, dizendo entre si:

— O feiticeiro foi colher folhas, fructos e raizes que bem conhece, e brincar com as cobras venenosas, porque é dellas o rei.

Com effeito o Pae-Rayol estudava com a sua rudissima pratica a flora das matas vesinhas da fazenda: achava e colhia nellas plantas veneficas suas conhecidas, e descobria novas, cujas propriedades suspeitas experimentava.

Pae-Rayol se armava, preparava e enriquecia o seu arsenal: o feiticeiro não passa de envenedador: é o assassino charlatão.

Sobre o mysantropo negro pezava a fama antiga de feiticeiro; mas na vizinhanças da fazenda de Paulo Borges havia uma casa de candombes ou de cultos de feitiçaria e o Pae-Rayol nunca se lembrára de visita-la.

O toque nocturno da puita, do uricungo e do pandeiro selvagem alvoroçava ás vezes os escravos que em suas senzalas, lembrando as danças da Africa, chorávão saudosos, ou alguns venciam o medo dos castigos, fugindo da fazenda para onde os chamavam as musicas grosseiras, mas recordadoras da patria. O Pae-Rayol

nem por esse encanto se deixára jamais vencer, ou seduzir: a voz do escravo feitor que procurava informar-se das ausencias severamente prohibidas, era sempre respondida pelo escravo da senzala isolada.

Paulo Borges que zombava da crença do feitiço e que não esquecia o vigor fervente da sua melhor enchada, desprezava as suspeitas de feitiçaria que desabonavão e compromettiam o seu escravo mais diligente e mais socegado.

Pae-Rayol portanto se abysmava em si proprio, nas ruminações dos padecimentos da sua mizeravel condição, nas ebulições da sua maldade irritada, nà furia comprimida de sua vingança de aspirações ferozes.

O seu silencio era como o gelo que cobre o Hecla. O silencio cerrava os labios, o volcão estava mal contido no peito, que anciava por abrir a cratera, e arrojar as lavas destruidoras.

O escravo vivia na senzala solitaria, rumirando, atiçando, incandescendo o odio ao senhor, e cogitando sobre os meios mais perfidos, mais terriveis e mais efficazes para satisfazer esse odio.

O natural inimigo do senhor velava....

A senzala do escravo ameaçava, como sempre, a casa do senhor.

IX

O Pae-Rayol era o demonio do mal e do rancor.

Para espalhar a desolação, derramar sangue, assentar-se no throno medonho das ruinas, alimentar-se com os gemidos e com os arrancos da agonia, e rir medonhamente sobre os horrores da morte, inventaria pretextos, e em falta de pretextos serviria sem remorsos ao impulso dos instinctos perversos, vangloriando-se da perversidade.

Na fazenda de Paulo Borges Pae-Rayol ainda não tinha soffrido castigo algum e seu senhor, embora não lh'o dissesse, estava tam satisfeito delle, que já por duas vezes o mandára feitorar os parceiros: no desempenho dessa tarefa re-

quintára de severidade, e os pobres escravos viram-se de continuo excitados ao trabalho á golpes de açoite manejado por mão tambem de escravo. Pae-Rayol os flagelára por systema; o açoute é que as mais das vezes provoca o desespero e a furia da escravidão.

Sem pretextos para aborrecer o senhor, aborrecia-o e desejava-lhe mal sómente porque era seu senhor; para detestar a senhora, seu coração ruim aproveitára um futil pretexto, guardando rancoroso a lembrança da impressão repulsiva que causára a Theraza e das palavras que a ouvira dizer em voz baixa ao marido:

— Que má cara tem este negro!

Tudo serve ao odio do escravo; o simples e incalculado movimento de antipathia de uma senhora susceptivel, e até innocente repugnancia, ou o medo infantil de uma criança.

Luiz, o filho mais velho de Paulo Borges e Thereza, menino de quatro annos, tinha um dia visto chegar da roça o Pae-Rayol e desatára a chorar assustado; sua mãi corrèra a tomal-o nos braços, e, perguntando-lhe porque chorava, o pobre anginho apontára para o feio escravo, e dissera a soluçar:

— E' o *zumbi*.... o *zumbi*....

O *zumbi* era um monstro negro e imaginario, heroe sinistro de estupidas e horriveis historias, com que as escravas, em vez de entreter, assombravam o nervoso menino com a mais lamentavel e perigosa inconveniencia, o que aliás é infelizmente muito commum em nossas familias.

O medo sentido por Luiz passou á Ignez, sua irmãsinha de dous annos, que tambem tremia e chorava, quando por acaso via Pae-Rayol.

O malvado escravo tomou em rancor as duas crianças, como tinha tomado em rancor Thereza, e como, sem pretexto algum, nutria igual sentimento pelo senhor.

Mas Pae-Rayol, já amestrado, contando só comsigo, temendo o açoute que por vezes lhe cortára as carnes, convencido de que em traiçoeiro segredo melhor e mais seguro podia ser damnoso aos senhores, refalsado ostentára submissão triste, obumbrada, mas completa e tranquilla, e na solidão de suas noutes e no silencio do seu viver, preparava a guerra.

Ha nas fazendas, em algumas ou em muitas ao menos, series, correntes de infortunios, periodos de adversidades, que os lavradores sómente explicam, accusando a sua *infelicidade*.

Em certos casos são coincidencias filhas de erros que não se querem reconhecer; em outros acontecimentos nocivos, cuja explicação escapa á intelligencia das victimas; em muitos a fonte da infelicidade teimosa está no odio natural e disfarçado dos escravos.

Os escravos prejudicam aos senhores cem vezes mais do que estes calculam pelos dados da observação dos fâctos patentes.

Elles prejudicam aos senhores:

Trabalhando machinalmente, sem idéa de melhoramentos, de progresso e de aperfeiçoamento do systema de trabalho, sem os incentivos de interesse proprio e com desgosto e má vontade;

Furtando nas roças, nas fabricas e nos armazens productos que vão vender para embebedar-se, o que ainda diminue as forças, quando não compromette a saude e rouba ao trabalho dias passados na enfermaria;

Suicidando-se subitamente, ou aos poucos, quando por nostalgia, enfesação ou desespero morno e profundo contrahem e alimentam enfermidades que acabam por matal-os;

Fugindo á escravidão por dias, semanas, mezes ou para sempre, e nos quilombos, sedu-

zindo outros escravos para fugir como elles;

Não poupando o gado e os animaes, não zelando os instrumentos ruraes, não comprehendendo a necessidade de cuidados, não tendo nem podendo ter amor á propriedade do senhor, não se occupando das perdas ou dos lucros do senhor;

Fazendo perdurar a rotina, e o trabalho materialisado, e por sua indifferença, estupidez e e desmazello, contrariando, annullando e desacreditando processos, invenções, machinas que economisam tempo e braços, e que explorados pela intelligente execução do homem livre e interessado, offerecem resultados que augmentam a riqueza;

E sem fallar na influencia immoral, corruptora da escravidão, os escravos muitas vezes prejudicão aos senhores cem vezes mais do que estes calculão, fazendo refalsada e mysteriosamente o damno que podem.

O Pae-Rayol é um exemplo. Basta um escravo perverso para a sementeira de ruinas.

Séis mezes depois da arrematação dos vinte escravos, que forão seis mezes de paciencia e

calculo para o Pae-Rayol, a fortuna começou a desandar na fazenda de Paulo Borges.

Os bois e as bestas morrião, e não havia peste: tornarão-se evidentes os signaes de envenenamento, e o fazendeiro explorou o campo, e os pastos, ordenando limpa geral na suspeita de vegetação de hervas veneficas.

A limpa poz termo á destruição dos animaes; o prejuizo porém tinha sido relativamente enorme: Paulo Borges teve de remontar a fazenda.

Semanas depois em uma noute de violenta ventania o sino tocou desesperadamente á fogo, e Paulo Borges que saltara da cama, e os escravos que acudirão das senzalas, virão, correrão a atalhar o incendio que estalante devorava o immenso cannavial, animadora esperança de pingue producto do trabalho do ultimo anno: o vento ajudava as lingoas de flammas: dous terços do cannavial ficarão carbonisados.

Alguns mezes ainda: as hervas tinhão de novo sem duvida rebentado da terra, e outra vez as bestas, os bois, os carneiros morrerão ás dezenas.

O anno era fatal: Paulo Borges maldizia da sua *infelicidade*, e principiava á desconfiar de tam repetidos infortunios: ameaças terriveis

sahirão de sua boca, e o Pae-Rayol um dia apresentou ao senhor um punhado de hervas.

— Que é isso ? perguntou-lhe Paulo Borges.

— E' o que mata o boi e a besta, respondeu o escravo.

Segunda limpa geral do campo e dos pastos foi executada sob a direcção de Pae-Rayol e a mortandade cessou.

O fazendeiro tinha perdido em um anno o que não poderia ganhar com o trabalho de dous.

Mas que fazer ?... era a *infelicidade.*

E ainda bem que o Pae-Rayol tinha, embora um pouco tarde, descoberto a herva que matava os animaes : era uma vegetação maligna e fatal que nunca d'antes se encontrára nos pastos da fazenda, e que então rebentára *sem duvida* de sementes trazidas e espalhadas pelo vento...

Infelicidade...

E o incendio do cannavial ?... talvez o houvesse ateado a inveja de algum máo visinho; ou, quem sabe ? a ponta de cigarro ainda aceso atirada sem malicia por viajante ou tropeiro ; pois que o *partido* ladeava a estrada e o fogo começara por esse lado.

Infelicidade...

X

Havia na fazenda de Paulo Borges uma escrava que ao annuncio de cada uma daquellas calamidades se tornava apprehensiva ; não podendo acreditar que o acaso ou a absurda *infelicidade* fosse quem as produzisse.

Era Esmeria.

A creoula tinha visto a imagem do *rei das serpentes* nas flammas destruidoras do cannavial e na mortandade dos animaes ; ella porém não sentia os damnos soffridos pelos senhores, e que delles se doesse, nem por isso esternaria suas suspeitas, provocando a vingança de pae-Rayol que tanto podia sobre ella pelo medo que lhe inspirava.

Entretanto alguns mezes passarão sem outros

infortunios : Thereza dera felizmente á luz um terceiro filho, e a consolação e a esperança sorrirão tambem na abundancia e no viço das novas sementeiras : um berço de amor na familia e os berços da riqueza nos campos fizerão voltar a alegria ao coração do fazendeiro.

Restabelecera-se na fazenda a vida igual e serena.

Esmeria não pensava mais nas suspeitas que tivera da acção malefica do pae-Rayol ; este porém lembrou-se da creoula exactamente quando ella começava á esquece-lo mais.

Uma noute e já tarde o Pae-Rayol foi bater de manso á porta da senzala de Esmeria que ou ainda não dormia, ou acordando facil, estremeceu, reconhecendo a voz do negro terrivel : mas apressou-se á recebe-lo.

A lua plena estava clara e brilhante, e inundada por seus raios mostrou-se a figura séstra do africano aos olhos da creoula que aliás nunca o repugnara ; mas que principalmente o temia.

— Pae Rayol ! disse Esmeria, como admirada.

O negro apertou-lhe a mão e sentou-se á porta da senzala : a creoula imitou-o sentando-se á seu lado.

Depois de breve silencio, o pae Rayol fallou. Por negação, incapacidade ou emfim por amor de sua lingua ou dialecto selvagem, mas patrio o rancoroso escravo apezar de trazido ao Brasil ácerca de vinte annos, exprimia-se mal e deformemente em portuguez, introduzindo muitas vezes na sua agreste conversação juras e phrases africanas. O leitor deve ser poupado á interpretação dessa algaravia barbara.

— Pae Rayol vive triste e só... disse o negro; de dia tem a roça que arranca os braços... de noute sósinho na sensala... não tem nada...

— E' porque foge dos parceiros... respondeu Esmeria.

— Os sapos?... tornou elle, batendo com o pé, como se quizesse esmagar os nojentos animaes, de que se lembrara; os sapos?... e pronunciou em seu dialecto uma jura que devia ser esqualida.

Esmeria rio-se e respondeu.

— Eu tambem sou sapo.

As caricias do escravo são ultrages escandalosos na vida civilisada. Pae Rayol acariciou desse modo a creoula que facil se abandonava.

— D'antes era melhor; disse o negro, socegando: d'antes Esmeria ia sempre a senzala do

Pae Rayol... depois deixou de ir lá, e vai ás de todos... Esmeria é má.

A creoula nem se defendeu da accusação.

— Pae Rayol, foi você que se aborreceu de mim... bem sabe...

O negro sacudio com a cabeça, e tornou com voz comprimida e alterada:

— Pae Rayol teve raiva de Esmeria que andava como garrafa de caxaça no fado... teve raiva, e quiz mata-la... para não mata-la... empurrou-a...

A creoula tremeu.

— Pae Rayol gosta de Esmeria...

A creoula passou-lhe o braço pelo pescoço; mas não poude fallar.

— Escuta; continuou o africano; Pae Rayol não quer bulha, nem inveja: os sapos fazem bulha e tem inveja; depois vem a surra.

E elle bateo com força nas nadegas que guardavam profundas cicatrizes de açoites repetidos, e rio-se hediondo e feroz á bater nas nadegas.

— Como então? como então?... perguntava a creoula.

O negro serenou e disse:

— De dia Pae-Rayol não vê Esmeria: de noite, e tarde, como agora, Esmeria vae vêr Pae Rayol.

— Para que isso?...

— Os sapos dormem bebados á essa hora...

E accrescentou fallando com os dentes cerrados:

— E na terra do captiveiro *os tigres* não atacam de noute.

Tudo isso foi dito com a palavra estropeada e barbara do escravo africano boçal e rancoroso.

Esmeria não respondeo: aterrada, mas por habito e por organisação libidinosa esperava o fim da brutal conferencia.

Pae-Rayol que se calára, levantou-se de repente, fitou por alguns momentos seus olhos vesgos no rosto de Esmeria, que ao clarão do luar vio-lhe alvejando as escleroticas, e as pupilas quasi sumidas nos angulos internos das palpebras, donde sentio que partiam e se entranhavam em seo rosto raios visuaes cheios de um calor, como de um bafo morno que perturbava seus sentidos e a hia subjugando com um influxo poderoso.

O negro, em seguida á esse breve olhar, disse:

— Vem.

E encaminhou-se para a sua senzala solitaria.

A creoula o seguio de perto.

XI.

O Pae Rayol não temia nem a bulha, nem a inveja dos escravos seos parceiros, á quem chamara sapos, e pouco se lhe dava de que soubessem de seos grosseiros amores aquelles a quem dera o nome de *tigres* que na terra do captiveiro não atacão de noute.

O que em seos calculos elle procurava, era esconder, quanto possivel fosse, as suas relações frequentes e intimas com Esmeria que aliás uma ou outra vez tinha sido vista em sua senzala, como na de muitos outros.

Era igualmente fingido o ciume que manifestára ameaçador: procurava de novo Esmeria menos como mulher, do que como instrumento

de plano scelerato ; mas para subjuga-la, infundia-lhe o terror.

A creoula viva e sagaz, que conhecia perfeitamente o antigo amante, descria a sua paixão ; por vicio porém e por medo sujeitava-se á elle, doudejando á imaginar as consequencias da renovação de seus laços intimos.

Como quer que fosse, o Pae-Rayol e Esmeria virão renascer a sua antiga união de breves semanas que então se tornou mais duradora e mais firme.

As precauções recommendadas pelo Pae-Rayol não lhe aproveitarão por muitos dias. Esmeria, temendo o amante, ou delle satisfeita, tornou-se mais esquiva aos outros escravos que a espiarão e descobrirão á sua convivencia nocturna com o silencioso, mysanthropo e feio negro da senzala d'antes solitaria.

O Pae-Rayol não gostou ; mas sujeitou-se á essa contrariedade, e a sua ligação com Esmeria não foi mais dissimulada : os senhores fingião ignora-la ; ou toleravão-a, não se occupando della : os escravos parceiros, tendo certo respeito ao amante, deixarão-o em tranquillo goso do seo amor.

Entretanto e por isso mesmo que o segredo

desapparecera, o negro tornou-se mais exigente e aos domingos e dias sanctificados reclamava com renitencia a companhia de Esmeria que raramente podia condescender nesse ponto, presa como se achava ao serviço interno da casa da familia.

— Esmeria trabalha sempre? em que? perguntou-lhe uma noute pae-Rayol.

— Cozinho; quando não cozinho, engomo; quando não cozinho, nem engomo, cuido das creanças, meos senhores moços.

— E não tem domingo?

— Nunca.

— O cachorro é melhor; passea, quando quer: o negro da roça é peior do que o cachorro; mas é melhor que Esmeria, porque tem domingo.

— E' assim mesmo; disse a creoula tristemente.

— Mas Esmeria vive contente...

— Seria peior andar triste: guardo a tristeza e a raiva aqui.

E a escrava apontou para o coração.

Pae-Rayol soltou horrivel risada, arreganhando a fenda, que lhe separava pelo meio o labio superior.

— De que ri você, pae-Rayol ?...

— Do coração de negra escrava.

Esmeria resentio-se e murmurou :

— Tambem é negra e vil a fornalha, porém as vezes della salta a braza, ou rompe a labareda que queima...

O pae-Rayol calou-se.

Dias depois na tarde de um domingo elle vio de longe Esmeria que carregava o menino Luiz, acompanhando os senhores em passeio pelo campo, e notou que Paulo Borges e Thereza por vezes se voltavão de preferencia para outra escrava, que levava nos braços o filhino nascido de poucos mezes.

Pae-Rayol ficou meditando profundamente, e á noute, quando Esmeria veio encontra-lo, disse a esta :

— Menino Luiz, pequeno tigre, pesa muito : porque Esmeria não carrega o outro que nasceu?

— Porque eu não escolho : carrego aquelle que me mandão carregar.

— Luiz é máo.

— E o outro ? quem assevera que ha de ser bom ?

— Pae-Rayol não diz ; mas o tigre velho gosta de brincar com elle.

— Que tenho eu com isso?

— Chega muito ao pé da negra que carrega...

— Deixa-lo chegar.

— Esmeria negra é mais bonita do que sua senhora branca.

A creoula comprehendeu em toda sua extensão a idéa perversa do pae-Rayol e á ella abrio o coração sensual, ambicioso, atrevidamente vaidoso e não menos vingativo.

Thereza não era uma senhora formosa; mas posta mesmo de lado a superioridade physica de raça, era bem feita, engraçada e mimosa de rosto e de figura á não admittir comparação com a creoula.

Todavia Esmeria estava convencida de que era, como acabava de dizer o negro, muito mais bonita e elegante do que sua senhora. Essa petulante convicção é especialmente nas escravas creoulas mais commum do que se cuida. Os senhores immoraes são muitas vezes os culpados de semelhante presumpção.

Mas Esmeria fingira não entender o conselho do pae-Rayol.

— E que vale ser eu mais bonita? perguntou.

— Precisa que o senhor veja, que velho tigre chegue perto.

— E para que?

— Esmeria sabe.

— Sou negra e escrava.

— Negra tambem é mulher, e escrava que amansa e abraça o senhor, corta as unhas do tigre.

— Mas, pae Rayol, você que me quer sua companheira é quem me lembra que eu seja de meo senhor?... para que?

— Pae-Rayol sabe que Esmeria engana, quando póde: pois engana com o senhor... é bom... é melhor...

— Porque?...

— Amansa velho tigre... faz chorar velha tigre... faz bulha em casa... vira a cabeça do senhor... é bom...

— Se porém elle me tomasse... havia de querer que eu fugisse de pae-Rayol.

— Esmeria fugia... mas pae-Rayol chama, quando quer... quando a porta da senzala de Esmeria tem risco de carvão, Esmeria vem: se não vem, pae-Rayol mata.

— Porque me ameaça?...antes quero viver, como vivo.

— Pae-Rayol não quer. Esmeria precisa amansar tigre velho: depois pae-Rayol ensina mais.

A creoula passou a noute sem poder dormir. O dia seguinte era sanctificado, e ao romper da aurora os dous escravos sahirão á passear juntos, em quanto Esmeria esperava a hora de começar o seu serviço na casa da familia.

O passeio tomou a direcção dos fundos da casa dos senhores. O negro insistia ainda no conselho ou ordem que dera a Esmeria a qual continuava á fingir-se hesitante.

Por acaso os dous virão diante de si uma linda ninhada de pintainhos que a gallinha mãe cacarejando conduzia pelo campo.

O terrivel negro que conhecia a influencia do terror, aproveitou o ensejo e disse a creoula:

— Pae Rayol pode muito, e sabe matar com os olhos: Esmeria quer ver?...

A creoula não respondeu; mas o negro fixou os olhos na ninhada de pintainhos, como se os quizesse absorver nas orbitas.

O pae Rayol não tinha idéa alguma do magnetismo; mas extraordinariamente dotado de força magnetica que só empregava para fazer mal, sabia que lhe era facil servir-se do *olhado*, adjectivo que exprime uma realidade que por inexplicavel á ignorancia põe em tributo de quimericos temores a imaginação dos supersticiosos.

Esmeria considerava, contemplava anciosa o negro que immovel e de olhos fitos mirava a ninhada infeliz.

De repente o primeiro pintainho cahio, depois successivamente todos os outros forão tambem cahindo.

— Pae Rayol, quando quer, mata com os olhos; disse o negro, voltando-se.

XII.

Esmeria não era uma simples e pobre victima do terror que a avassalava ao pae Rayol, nem só por obediencia hia pôr em acção incentivos libidinosos para excitar a attenção e os desejos criminosos de seu senhor.

Muito antes do conselho e da ordem refalsada do pae Rayol ella, como tantas escravas no mesmo cazo, sorrira á idéa de traição á confiança e á estima de sua senhora.

Paulo Borges não escapara ao que não escapão outros muitos senhores de escravas, todas estas calculão com a fraqueza imprudente, desmoralisadora da casa e da familia, que aquelles pode abaixar ignobilmente até faze-los ir procura-las: Paulo Borges não escapara ao que não escapão

os mais moralisados é ainda os mais severos senhores de escravas, dos meios absurdos mas sempre nojentos e asquerosos que ellas estupidamente empregão para *amansar* e *attrahir*: ora bebera o café feito com a agua do banho da escrava, ora de mistura com a sôpa e os pratos do jantar, sem o saber, sem o pensar, tomara substancias sempre mais ou menos immundas. Não erão venenos, erão porém torpes, e, se fossem sabidas, repugnantes, e nauseabundas as applicações para *amansar* e *attrahir*, em que todas as escravas tem fé, e que quasi todas as escravas fazem provar repetidamente aos senhores.

Não tendo conseguido nem uma só vez despertar a attenção de seu senhor, Esmeria perdera a esperança de *fazer sua fortuna*, enfeiticando-o por aquelles recursos da mais esqualida e brutal magia, e desde muitos mezes que a elles o poupava pela inproficuidade das applicações.

Mas o pae Rayol acendera de novo no seio da creoula as flammas da luxuria excitada pela ambição e pelo prazer maligno de atormentar sua excellente senhora.

Esmeria seguio á risca as lições de pae Rayol: simulou-se tomada de affeição pelo menino recemnascido, que amamentado por Thereza, não

se prendera á escrava alguma pelo instinctivo interesse e reconhecimento do leite nuctritivo: menos agreste e mais paciente que as parceiras, parecendo amorosa, aproveitava as horas vagas do serviço para tomar nos braços a creancinha, e brincar com ella, que em breve começou a distingui-la e preferi-la ás outras escravas.

O amor dos paes tem sempre raios de gratidão que reflectem naquelles que lisonjeão, afagão, e cercão de cuidados seos filhos: Thereza foi a primeira á fazer notar o solicito interesse de Esmeria pelo seo filhinho, e á divirtir-se com os infantis ciumes de Luiz e de Ignez, e Paulo Borges de volta da roça pedia sempre o menino, que muitas vezes lhe era apresentado nos braços da creoula.

No tempo da moagem Esmeria, passeando á tarde com o recemnascido ao collo, hia ao engenho e lá, na ausencia da senhora, procurava aproximar-se do senhor, brincando risonha com o menino, e sob pretexto de faze-lo rir, e de alegra-lo, dava aos olhos fogo, aos geitos e aos meneios do corpo como que descuidada desenvoltura de movimentos.

Quasi sempre o senhor a chamava para tambem elle acariciar o filhinho, e então

menos acanhada, mas sem deixar entrever desrespeito, nem atraiçoar-se nos calculos, se mostrava expansiva, e agradavel ao pae pelos mimos com que divertia a criança.

Emfim tantas vezes em tantos dias, Esmeria se ensinuou ora com o pequenino nos braços, ora distraindo com jogos pueris os exigentes e ciumentos Luiz e Ignez, tomando sempre posições estudadas para ostentar suas proporções physicas, dando ao andar ensaiados requebros, olhando á furto o senhor, e abaixando logo os olhos com apparencias de respeito profundo; offerecendo-se petulante, mas dissimulando a intenção; desafiando instinctos animaes em attitudes que fingia distrahidamente tomadas, que acabou após insistente deligencia e paciente esforço por conseguir a primeira victoria, aquella que prepara e facilita as outras.

Paulo Borges olhou para Esmeria, e vio, que além de escrava ella era mulher.

O pae-Rayol forjava naquelle olhar do senhor lançado sobre a escrava a tremenda chave que devia abrir a porta da perdição da familia de Paulo Borges.

XIII

O Senhor que se degrada ao ponto de distinguir como mulher uma sua escrava é mais do que immoral, é um imprudente e desassisado que põe em desgoverno a propria caza, e levanta em throno de ignominia a escravidão corrupta elevada á senhora.

Ha em semelhante erro lamentavel esquecimento do dever, e sacrificio de dignidade. A torpeza da escravidão é contagiosa e se inocula na vida domestica do senhor que ouza expor-se ao contacto vergonhoso com a escrava. Acaba a disciplina e a ordem na caza: as outras escravas murmurão invejosas; a que foi distinguida levanta os olhos altanada, o senhor abaixa os seus em comfusão e arrependimento.

Mas se o senhor é cazado, e pratica essa escandalosa infidelidade á espoza, o mal é mil vezes maior, e raro falta o castigo que confunde os innocentes com o culpado. Esse senhor e marido louco não o pensa, mas no delirio dos sentidos ergue a escrava até a atura de sua pobre mulher, á quem portanto avilta e á si se sebaixa até as mzerias daquellas á quem se igualou bebendo com ella no mesmo copo a embriaguez mais ignobil.

Isto é assim sob o ponto da vista moral e dos costumes: basta um só, erro ainda mesmo filho do delirio, da vertigem de um momento para, conhecido, plantar a desconfiança e o constrangimento no leito conjugal, ignorado, deixar o remorso no coração do infiel; se porém o erro se repete, se o vicio ou a corrupção, oú essa tantas vezes inexplicavel aberração dos sentidos, essa malicia moral prendem o senhor á escrava e della o tornão frequente possuidor, o erro é crime e não ha imaginação que possa medir as proporções de seos resultados desastrosos.

E o grande perigo não está no facto do adulterio que alias de parte á parte é sempre igualmente condemnavel, o grande perigo está na

condição da mulher, em quem se realisa o adulterio, está na condição da escrava que tendo feito dessa mulher inimiga natural, inimiga logica e indeclinavel de seos senhores e especialmente de sua senhora, aproveita para a vingança, para as maldades, cujo limite ninguem pode marcar, o crime do senhor que infamemente a erige em rival de sua senhora, pelo só escandalo do adulterio insistente com rival preferida,

Em circumstancias, tam inexprimiveis, pelo infinito horror da resultante afronta da familia e escandalo da caza, a madre-féra escravidão exulta, pondo em torturas, envenenando, deshonrando, desgraçando a vida dos senhores.

Dizei, se o ouzaes, que não é assim; negai que se tenhão dado, que se deem ainda hoje exemplos fataes de tam formidavel infortunio domestico: e se não ouzaes dize-lo, se não podeis nega-lo, reconhecei que nos temos desmoralisado, que nos desmoralisamos pela influencia da escravidão; que a escrava como o escravo são fontes de venenos abertas e conservadas em nossas cazas; reconhecei sobre tudo que no Brazil quem mais padece, quem mais se atormenta, quem mais se arrisca,

quem mais vezes soffre vilipendio pela existencia da escravidão é a mulher livre; é a mãe de familia, é a senhora, a pobre martyrisada de todas as horas, a pobre victima algumas vezes indignamente ultrajada na esteira da escrava.

Ainda um exemplo do adulterio hediondo, que faz da escrava rival da senhora, rival preferida que desordena a caza enlucta a familia, e é cratera aberta do vulcão que espalha a ruina.

Paulo Borges amava Thereza; mas grosseiro escravo da sensualidade, sophismava para desculpar-se do crime de leza-fidelidade á espoza, contando que o misterio e o segredo escondessem sua degradação, a offensa que irrogara a sua mulher e jurando á si proprio que não seria duas vezes adultero, procurando Esmeria.

O juramento se fundava em experiencia inconfessavel. Paulo Borges, como tantos outros, tinha, não raramente, se humilhado até a baixeza de escravas suas, que nem porisso se havião levantado depois á cima do desprezo da sua condição.

Honrado e escrupulozo em seus negocios, Paulo Borges dava pouca importancia á severidade [illegible] reputando a castidade

virtude somente imperiosa para as senhoras, julgava-se irreprehensivel porque não se sujeitava á ligação alguma que não fosse passageira.

A sua moralidade era a de muitos: era um veu escondendo opprobrios, ou fraquezas indignas.

Paulo Borges procurou e possuio facilmente Esmeria.

O demonio da lascivia deo poder a creouola. Possesso da depravação, Paulo Borges, o senhor, amou physicamente Esmeria, a escrava.

A calculada extravagancia de um dia tornou-se o vicio, primeiro de muitos, depois de quasi todos os dias.

O senhor, o velho senhor ficou escravo da sua escrava.

XIV.

A realidade cruelisima não tardou á tocar os olhos e a penetrar como punhal envenenado o coração da victima.

Thereza, a incauta, estremeceu um dia ao luzir da primeira suspeita do adulterio e da traição; apiedada de si mesma abraçou-se com a duvida; mas dissimulando a revolta de seu orgulho e os sobresaltos do seu amôr, observou cuidadosa e incessante o marido, e infeliz passou das suspeitas aos indicios mais vehementes: não podendo mais duvidar, a pobre louca imaginou que se vingaria na confuzão dos culpados, cega e surda se fingio, acalmou os impetos de iradas accusações com que excitara prudentes cautélas do adultero, tornou-se apparentemente tran-

quilla, e cheia de serena confiança e por fim surprehendeu algum signal, ou adivinhou um ajuste escandaloso, e delirante de colera em convulsivo tremor.... foi.... chegou.... e viu o assassinato da sua felicidade e da paz da familia.

Esmeria contava desde muitos dias com o nefando cazo : não lhe tinhão escapado os assomos de colera e os signaes da desconfiança da senhora, mas logo que se suppoz vicio dominante de Paulo Borges, desde que conheceo que allucinára os sentidos do senhor com a embriaguez aviltante, animal da luxuria mais desenvolta, banio do seio o medo de escrava, mal se contrafez pelo simples habito de hypocrizia, e dezejou e quasi que provocou a prova evidente da sua traição á Theresa, e do adulterio de seo senhor,

A esposa ultrajada embora certa de receber o golpe que fora procurar, entrou em violenta crize nervoza em que a convulsão se misturava com as lagrimas de raiva que abrazão os olhos, e com as phrazes, as palavras roucas difficeis, tremulas e com o grito doudo, e com as contracções dos primeiros momentos do supremo ciume da mulher cazada.

Esmeria em pé, com os olhos no chão, fria e

indifferente, sem duvida dentro de si satisfeita do vergonhozo e infame cazo, apenas as vezes recuava diante de Thereza que alias só parecia ver o adultero.

Paulo Borges, finalmente, perturbado, abatido, confundido á principio, surgiu revoltoso desse constrangimento e da vergonha do seu crime, e insolente e brutal, sem generosidade e sem brio, soltou um brado feroz, agarrou no braço da espoza, e,

— Vamos para caza ! disse.

O insolito proceder do marido que ainda pela segunda vez offendia a mulher, despertou nesta a dignidade, que o arrebatamento da colera fisera esquecer.

Thereza com rapido e forte movimento arrancou o braço que Paulo Borges agarrava, lançoulhe um olhar de soberana altivez da virtude, e voltando-lhe logo as costas, retirou-se.

— Estou perdida !... murmurou, tremendo e chorando a perfida creoula que nem tremia nem chorava.

— Não ha de ser nada... disse Paulo Borges de máo modo ; fica na senzala hoje e amanhã : depois veremos...

E contrariado e affiicto deixou á sós Esmeria

que não se descuidou de ir passar a noute na senzala do Pae-Rayol, seu amante e conselheiro.

O verdadeiro amor é puro, honesto, susceptivel, e como a agua limpida de fonte solitaria que se tolda com a enxurrada que a invade, se resente da menor quebra e se embaça com a primeira infidelidade no proprio coração do infiel: a differença é que a fonte reconquista sua limpidez, e o amor não póde rehaver sua virginal pureza: quem atraiçoa á quem ama, deixa de amar.

Paulo Borges amara verdadeiramente sua esposa durante um anno: depois amou-a como tantos amão, mentindo á fidelidade conjugal, estimando-a pelo conhecimento de suas virtudes, preferindo-a pelo encanto de suas graças, respeitando a sua vontade por habito e por certeza do seo bom senso; mas offendendo-a sem consciencia das offensas; porque a pureza e o melindre do amor não existião mais.

Estulta e torpemente preso á devassa creoula o aviltado e infeliz fazendeiro passara á ver na mulher um embaraço ao desenfreamento de sua paixão ignobil, um objecto incommodo que lhe acordava os remorsos, um estorvo, uma punição, um peso: desde então o vendaval do vicio,

e da corrupção varrerão da alma de Paulo Borges os restos do antigo amor que tributára á digna e carinhosa esposa.

O adultero, deixando a creoula, vagou em torno da casa por muito tempo sem se atrever á entrar : emfim resoluto, havendo nas vertigens de seu espirito agitado, concebido um plano de vida domestica que se baseava no emprego da tyrania, e da imposição do seu capricho despotico, foi arrostar as iras da esposa.

Arrojo inutil ! Thereza fugira á camara nupcial e se trancára em um gabinete afastado daquella.

Paulo Borges applaudio-se desse recurso tomado pela esposa para se poupar á uma scena desagradavel e tormentosa : passou a tarde e a noute sem ver Thereza : na manhã seguinte foi para a roça sem tel-a visto ; de volta para casa ao anoitecer tambem não a vio.

Oito dias se passarão assim. Na ausencia do marido, Thereza sahia do gabinete, alimentava-se sufficientemente para não morrer de fome. cuidava dos filhos e governava a casa, olhando para as tres creanças.

Nesses oito dias temperou-se a alma da pobre victima para viver vida de martyrio, ensaiou

suas forças, fez estudos de paciencia e achou-se forte.

Thereza voltára para casa com uma idéa infernal, a de vingar-se, matando-se; mas logo ao entrar encontrou os seos tres anjos que a salvarão: submetteu-se á viver pelos filhos. Reputou-se viuva: Paulo Borges era d'ahi em diante, como marido, morto; como homem vivente, absolutamente estranho para ella. Não pensou em separar-se legalmente do esposo, nm em retirar-se para algum dos sitios da fazenda menos pelo escandalo do que pelos tres meninos, por amor dos quaes, embora com repugnancia, conservou a direcção do serviço da casa. Não se humilhou ao ponto de indiciar ter ciumes de Esmenia; despresou a creatura vil que lhe pagara a confiança e a estima com traição malvada: limitou-se á ordenar que não lhe permittissem entrada na cosinha, e esqueceu-a, ou deixou-a atirada e livre no campo e na senzala.

Passados os oito dias Thereza na manhã de um domingo e ápezar de saber que seo marido estava em casa, sahio do gabinete, como praticava nos outros dias na ausencia delle.

Paulo Borges a vio então: ella estava pallida

e magra, mas serena: envelhecera vinte annos em oito dias: muitos dos seus longos e negros cabellos tinhão enbranquecido.

Encontrando-a de passagem na sala de jantar o marido saudou-a melancolico e respeitoso; ella correspondeu a saudação, como se se dirigisse á um desconhecido.

Paulo Borges sentio-se commovido; lembron a vida passada, a felicidade que devera áquella senhora, lembrou a mãe de seos filhos, enterneceu-se, maldisse da sua loucura, e procurando, e tomando o passo á sua victima, estendeu para ella um braço, offereceu-lhe a mão e disse:

— Perdão, Thereza!

Mas a esposa ultrajada recuou e respondeu:

— Sou viuva.

XV

A sentença que Thereza acabava de proferir com tão desabrida concisão cahio como uma camada de gelo na alma de Paulo Borges que se afastou triste, mas resentido.

O marido offensor não quiz comprehender que oito dias erão prazo muito curto para o arrefecimento da lembrança da affronta recebida pela esposa e que lhe cumpria contemporisar com a dôr ainda vivissima do golpe recente e profundo.

Não era verosimil porque não era natural, que o tempo e o perdão restabelecessem em toda sua plenitude o amor e a confiança da esposa: as feridas moraes que o coração recebe em seos mais delicados sentimentos chegão á curar-se,

mas deixão cicatrizes que nunca se desfazem de todo e que são como escabrosidades do passado que magoão a memoria revivadora dos bens e dos males ainda mesmo já de muito preteritos.

Mas Paulo Borges tinha na familia os elementos poderosos, irresistiveis da sua reconciliação com Thereza, tinha os filhos que os unia a ambos pelo sangue, pelo amor, e pelos cuidados do presente e do futuro, tinha esses laços obrigados e santos da natureza e que não ha resentimento, conflicto, desharmonia entre pae e mãe que elles não saibão annullar e destruir pelas proprias condições de sua dependencia de ambos e pela necessidade da protecção e da providencia do pae e da mãe que precisão velar e operar de accordo em beneficio dos filhos.

Sem duvida o amor maternal acabaria e não tarde por conceder o perdão do adultero que ultrajara a esposa e senhora em repugnante e sordido favor por amante escrava recebido; mas para isso era indispensavel que Paulo Borges provasse com honesto e solicito proceder o arrependimento de seo crime ou dos seos desvarios, que poupasse, que não despedaçasse as ultimas fibras sans ou apenas dolorosas que a

lembrança dos filhos tinha salvado no coração de Thereza.

Mas não aconteceu assim: Paulo Borges, possesso da negra astuciosa e phrenetica, ainda mais exposto á sua influencia satanica pela privação do leito da esposa; Paulo Borges, natureza fortemente animal e em dobro exigente pela vida rustica, vigoradora do corpo, exclusivamente material e sem o adoçamento da educação, e dos gosos do espirito, esqueceu o dever, o brio, a honra, a perspectiva do inferno da casa e do extremo desengano de Thereza, e entregou-se indomito á furia de suas relações opprobriosas com Esmeria.

Pouco e pouco os derradeiros e tenuissimos véos de mal fingida reserva se rasgarão; quanto havia ainda de estragados restos de brio desappareceu, e Paulo Borges, o fazendeiro casado, atropellando a decencia, insultando ampla e manifestamente a esposa, semeando a indisciplina e a mais perigosa desmoralisação na fazenda, frequentou de dia e aos olhos de todos a senzala de Esmeria.

A escravidão regozijava-se em seos ferros da desgraça que forjava, levando a vergonha, a

deshonra, a infamia e as torturas ao seio da familia dos senhores.

O sophisma acode, dizendo: para esse fazendeiro casado mas homem sensual, haveria sempre uma mulher facil, ambiciosa, ou pervertida que por não ser escrava, não faria menos a infelicidade da esposa atraiçoada.

Haveria sim, mas não seria escrava amante de seo senhor, não seria a inimiga natural dos senhoros elevada á rival da senhora, não seria esta á dilacerar-se em seo nobre orgulho esmagado ao ver a negra sua escrava usurpando-lhe amor, autoridade, direito, ao ver seos filhinhos expostos e sujeitos á influencia malefica, odienta, terrivel da propria escrava delles, mulher inimiga pelos resentimentos de sua condição, perversa e corrompida pelos costumes; ao ver a fortuna da familia ameaçada pela escrava rainha, sacerdotisa dos vicios immundos, estragadora da fazenda pelos desatinos do fazendeiro, pela consequente arrogancia, e desnorteamento dos escravos que escarnecem e applaudem, aborrecem e explorão a elevação da parceira, e desrespeitão, apodão o senhor desmoralisado que desceu á baixesa delles, pelos ciumes emfim das outras escravas que disputão o sultão á fa-

vorita, travão brigas indecentes que maculão a casa, redicularisão e insultão a victima infeliz, a senhora obrigada pelo marido á soffrer supplicio que não merece.

E, não o esqueçaes, felizmente não muitos, alguns exemplos dessa abjecção do senhor que é casado, e mais numerosos entre os senhores que o não são, tem sido bastantes para que quasi todas as escravas acreditem na possibilidade de conseguir igual fortuna e visam em constante e latente conspiração contra a felicidade e a paz domestica das senhoras.

Vivendo só de amor e pelo amor, tendo o seo presente e o seo futuro, a chave dos seos thesouros, o condão da sua dita, toda a perspectiva do seo destino dependentes do amor, a mulher, o mytho do sentimento, é, nos paizes onde ainda se tolera a escravidão, condemnada a viver entre escravas, inimigas que por meio de embustez, intrigas, calumnias contra ella, por meio de invites, provocações dos senhores machinão dia e noute e incessantemente para envenenarlhe o santo fogo da sua vida, o sentimento, para roubar-lhe sua unica e exclusiva riqueza,— o amor!

Contra esse immenso mal procurai um re-

curso e acreditareis ter achado dous em estremos oppostos.

Um: vencer a maldade dos escravos pelo mimo do trato e pela caridade e beneficencia perseverantes: engano: o resentimento logico e natural da escravidão faz cedo ou tarde da protegida ingrata, que nunca lembra os beneficios antes escusa o esquecimento delles, quando ao impulso do vicio, da ambição calculista, ou do desejo de abater a senhora, levanta os olhos para o senhor, e desafia a sua sensualidade.

Outro: a severidade compressora e até mesmo cruel para desanimar o atrevimento, e conter a audacia: novo engano, e peior que o outro: a compressão provoca a reacção, a crueldade a vingança feroz, e além da inconveniencia do meio haveria em tal caso para os senhores um peso da consciencia, a offensa da lei de Deos e da humanidade na atribulação dos escravos.

Fóra desses dous improficuos recursos nenhum mais: se fizesseis instruir vossos escravos na religião dos seos deveres, instruir-los-ieis tambem e necessariamente na religião de seos direitos de homens, e terieis educado e preparado a resistencia intelligente dos opprimidos.

Não ha recurso pois: aquelle immenso mal,

é, como outros muitos, consequencia irrecusavel da escravidão e só acabará com ella.

Paulo Borges portanto havia descido ao ultimo gráo da ignominia, e era já ostensivamente o amante de Esmeria, e trancava assim o caminho da prudencia, e do arrependimento por onde podia chegar á reconciliação com a mãe de seos filhos.

Thereza affectava indifferença ou desprezo : ninguem lhe ouvia jamais uma queixa, ou uma imprecação ; mas recolhida á solidão do seo gabinete, abraçava-se com os filhos e por elles chorava noutes inteiras.

XVI

O Pae-Rayol não estava ocioso; mas á semelhança do fogo da cova de carvoeiro, destruia ou conspirava, para destruirem tenebroso mysterio.

As relações de seo senhor com Esmeria impunhão-lhe a necessidade de precauções para não se expôr á colera e aos provaveis ciumes grosseiros de Paulo Borges: com a creoula já se achava de intelligencia; tratou pois de enganar áquelle e aos parceiros. Com esse proposito affectou ainda mais sombria tristeza e pareceu acabrunhado: dias depois como á procurar consolações, aproximou-se das outras escravas, pretendendo-as e perseguindo-as.

Lembrados do desprezo e do máo trato, com

que Pae-Rayol sempre os repellira e molestára, muitos dos parceiros por sua vez o desprezarão, galhofando indecentemente sobre o seo supposto infortunio ; não assim as parceiras que depravadas o aceitarão promptas pelo habito da licenciosidade, não interrompendo com a repulsa do pae-Rayol o quadro sordido da devassidão desenfreada que aos olhos das familias livres incessante, incorrigivel, sem vergonha nem consciencia ostenta a escravidão.

Entre tantas escravas porém houve uma e foi a primeira que resistio ao pae-Rayol e não quiz entrar na serie das faceis conquistas deste : a opposição excitou debalde os desejos brutaes do negro africano.

Era tambem creoula a negra que se isentava do pae-Rayol : cohabitava com um escravo da fazenda de quem tinha dous filhos : cansada das perseguições daquelle, lançou-lhe em rosto a sua hediondez, em quanto o companheiro ameaçou-o e provocou-o com injurias atiradas principalmente ás deformidades de seo rosto e aos seos senões physicos.

Pae-Rayol retrahio-se : sentio-se ferido em seo grotesco melindre : em geral o negro africano não perdoa á quem ridicularisa ou lhe lança

em rosto a sua fealdade: Pae-Rayol mais que nenhum outro se enfurecia com esse vilipendio por isso mesmo que era horrivel de aspecto; moderou-se porém, fez as pazes com os dous parceiros, frequentou-os, e uma noute levou-lhes á senzala um boião de café, e uma garrafa de agoardente: a noute estava escura e o regalo foi á porta da senzala: o feiticeiro que não passava de envenenador, em vez de beber, despejou surrateiramente no campo a tijella de café, que lhe tinha sido dada em partilha.

No dia seguinte havia quatro escravos doudos na fazenda de Paulo Borges, duas pobres creanças e o pae e a mãe dessas infelizes. Por scelleratez requintada o envenenador lhes dera a loucura que poucos mezes devia preceder a morte para arrancar á creoula douda o que ella lhe negara com juizo.

O crime ficou sepultado no mysterio, e o assassino impune e incapaz de remorsos, tigre solto no meio de homens, esqueceu depressa esse episodio de sua vida malvada, e concentrou-se no empenho do desenvolvimento de vasto e truculento plano.

As vesitas feitas em deshoras por Esmeria á senzala do Pae-Rayol tinhão por cautela exage-

rada diminuido ao ponto de se tornarem raras : quando o terrivel negro queria ou precisava fallar á creoula, fazia o signal convencionado e nunca em vão esperava.

Como outras vezes, Esmeria acudio á meia noute ao convite que achara em um risco de carvão traçado na porta de sua senzala.

O africano abraçou á creoula amante de seo senhor: depois disse-lhe :

— Pae-Rayol não está contente.

— Porque ?

— Esmeria não entra mais na casa da familia, nem chega mais á porta da cosinha.

— A senhora assim o ordenou e ella *ainda* é dona da casa.

— Precisa não ser: Pae-Rayol quer que Esmeria vá para a cosinha.

— E como ? é impossivel.

— Não : Esmeria conta á velho tigre, que escravos da fazenda vão de noute bater á porta da sua senzala.

— E para que ?...

— Faz ciumes, e o velho tigre tem raiva.

— Elle quererá saber quem são esses escravos : que lhe direi ?... o senhor não suspeitará de você, Pae-Rayol ?... e depois ?...

— Deixa: Esmeria diz que não é pae-Rayol porque elle anda enfezado, e que não sabe quem é que vai bater. Pede para dormir em casa.

— A senhora se oppõe.

— A senhora é Esmeria: a creoula cortou as unhas da mulher tigre; mas precisa entrar na cosinha... precisa...

— Com que fim? na senzala eu tenho liberdade...

— Pae-Rayol quer fazer Ismeria dona da casa... depois tem mais que fazer.

— Pois bem: eu direi ao senhor que sou perseguida...

O negro poz-se á rir com o seo medonho riso: elle sabia que a creoula não era menos devassa que d'antes.

Esmeria, embora desbriosa e petulante, se constrangia por medo diante do pae-Rayol e para escapar ao seo rir horrivel, disse-lhe:

— Mas, se eu for dormir na caza, e voltar ao antigo serviço, não terei mais occazião de vir fallar-lhe e ve-lo....

— Quando Pae-Rayol quizer fallar á Esmeria, irá de volta da roça e já noute para as larangeiras do quintal da caza, e hade assobiar como a cobra.

— E se eu não puder ir encontra-lo?

— Pae-Rayol volta na outra noute e a cobra assobia.

Esmeria como que reflectia sobre o que mais lhe convinha, se a liberdade da senzala para a sua vida dissoluta, se o audaciozo, lizongeiro, e perverso arcar com a senhora para uzurpar-lhe o governo da casa.

E, justa condemnação do senhor abjecto, nem o africano, nem a creoula se lembravão um só instante de calcular com a possibilidade da sua resistencia á vontade revoltante da escrava.

Mas o negro poz termo prompto ás reflexões de Esmeria.

— Pae-Rayol quer; dice-lhe em tom absoluto e difinitivo.

— Pois sim; respondeo submissa a creoula.

XVII.

Não era só Thereza que padecia pelo phrenezi da paixão criminosa e torpe que escravisava o senhor aos pés immundos da escrava.

O castigo do depravado começara cedo, começara logo após ao esqualido dominio do seo vicio miseravel.

Para não deixar em amplo gozo de liberdade a creoula banida do serviço domestico e entregue a ociosidade, Paulo Borges abandonava frequentemente a direcção do trabalho de suas roças que notavelmente se amesquinharão: debalde contractou elle um feitor, cujos olhos e interesse não erão os do fazendeiro. Em sua ambição de grandes lucros e de riqueza o depravado

soffria, impacientava-se; mas não podia vencer os assomos da paixão esqualida.

E isso era o menos: o adultero era pae, amava seos filhos, e via-se privado do antigo e suavissimo encanto que o transportava, quando de manhã antes de sahir para roça, quando ao anoitecer e de volta da roça a carinhosa espoza e mae lhe apresentava os tres anjinhos, fructo de seo amor honesto e puro.

Esses gozos Paulo Borges não desfrutava mais: se queria ver os filhos, percisava pedi-los, e então era uma escrava que os trazia confuzos, tristes pela auzencia da mae, e olhando espantados, desconfiados para o pae que os abraçava e beijava sem a santa expansão de outro tempo, e com o confrangimento do remorso de quem sabe que quem ultraja a mae ultraja os filhos.

Um dia Paulo Borges perguntou á Luiz:

— Que faz tua mae?...

— Chora muito; respondeo o menino.

O adultero empallidesceo: duas grossas lagrimas cahirão de seos olhos sobre a cabeça do filho.

— E porque chóra ella? tornou.

— Mamae não diz, chora sem fallar.

— Mas então...

— Papae não vê mamae.... papae é máo...

Paulo Borges entregou o menino a escrava, e fugiu á soluçar, á maldizer do seo destino e á praguejar contra a escrava demonio por quem se achava dominado; fugio, correo para o campo, e vio Esmeria á porta da senzala: ao aspecto da escrava que o hallucinára, avançou furiozo para ella, e chegando com andar accelerado, parou á dous passos, fitou na creoula enraivecido olhar e disse:

— Demonio!

Esmeria pareceu tomada de espanto; depois serenou, respondeo:

— E' melhor assim.

Paulo Borges bateo com o pé e perguntou:

— Que dizes tú, demonio?

— Que é melhor assim: é preciso que meo senhor acabe isto.

— E hade acabar.... sim....

— Não fui eu que tive a culpa..... disse Esmeria; eu sabia que era negra escrava... não é a escrava que chama o senhor.... bem sabe.... minha senhora me estimava, e agora....

— Ella tem razão.... não heide atormenta-la mais por tua cauza....

— Sei que ella tem razão.... fui falsa a minha

senhora; porque não pude resistir ao mandado de meo senhor.... é preciso que isto acabe.... por isso eu queria pedir hoje á meo senhor que me vendesse....

Paulo Borges fez um leve movimento de sorpresa e desagrado: começava á esquecer os filhos e o dever.

— Pensas que não sou capaz de faze-lo? perguntou.

— Peço á meo senhor que me venda: um de meus antigos senhores moços me comprará, se eu fôr chorar á seos pés.... sei que o anno passado elle herdou fortuna....

— Vender-te-hei á outro! bradou Paulo Borges.

— Ainda assim; peço venda a meo senhor.

E isso dizendo, a creoula voltou-se e foi sentar-se tristemente á um canto da senzala.

Sem recentir-se do desrespeito com que a escrava o deixára e fora sentar-se, Paulo Borges d'ahi a pouco entrou na senzala, e perguntou em tom menos iracundo:

— Que aconteceo de novo Esmeria?...

A creoula levantou-se, enlaçou as mãos na altura do baixo ventre, arqueando os braços de modo á tornar salientes os seios mal encubertos,

e ostensiva a parte anterior do tronco, e pondo os olhos no chão, disse :

— Não ha nada de novo : fui lançada fóra da casa, onde eu trabalhava de dia, e minha senhora tão boa tem razão de me aborrecer....

— Mas não te atormenta ao menos....

— Antes me atormentasse ! já não vejo mais, senão de longe os meos senhores moços, e atirada no campo....

— Não trabalhas, vives como forra.... e te queixas !

— No outro tempo eu era perfeita escrava, agora não sei que sou : meo senhor me tomou para si ; mas deixou-me de noite abandonada na senzala, negra escrava entre os seos parceiros que são atrevidos....

— Queres dizer.... desejas voltar a casa ?... mas d'antes dormias como agora na senzala e não tinhas medo....

— D'antes eu não era de meu senhor e negra escrava abria a porta de minha senzala ao parceiro que me agradava.

Paulo Borges não se vexou da petulancia com que a creoula dava testemunho franco da antiga desenvoltura que aliás não se desmentia ainda.

— Seja como fôr, disse elle ; não posso offender mais minha mulher, fazendo-te entrar na casa contra suas ordens, e muito mais recolher-te de noute sob o mesmo tecto em que ella dorme.

— E' por isso que eu peço venda á meo senhor: é verdade que me parece que já não ando bôa... mas meo senhor pode mandar forrar seo filho....

O adultero teve um sobresalto e turbou-se á esse annuncio que faz a gloria do amor honesto : disfarçando, como poude sua perturbação, disse :

— Não te venderei. Tu me dirás quaes são os escravos que te vão bater á porta de noute.

— Escravo como elles, e abandonada no meio delles, não heide denuncia-los para que sejão açoutados por minha causa, expondo-me ao seo odio e a sua vingança.

Paulo Borges irritou-se.

— Elles te perseguem e não os denuncias para serem castigados ? é porque gostas da perseguição e sem duvida recebes os teos parceiros !

— Sou negra escrava lançada no campo: animal solto e livre, se eu me desforrasse do desprezo em que meo senhor me abandona, abrindo a porta da minha senzala aos negros meos parceiros e do meo gosto, faria muito bem.

O miseravel senhor soltou dos labios uma injuria indecente, e uma ridicula ameaça.

A creoula encolheu os hombros como se dissesse *que me importa*, e sem mudar a posição dos braços e das mãos, descançou o corpo sobre uma das pernas, fazendo avultar saliente a anca opposta.

— Que posso eu? tornou ella; eu era de meos parceiros, meo senhor me tomou á elles; mas esquece-me, desampara-me, despreza-me de noute, e elles pensão que a noute lhes pertence: estou cansada de resistir: passo as vezes sem dormir até de manhã: pode isto continuar assim? se arrombarem a porta da senzala?...

—Gritarás; exclamou estupidamente o adultero.

— Melhor é ceder; disse com desavergonhamento a creoula.

— O Pae Rayol! mumurou por entre os dentes Paulo Borges.

— Talvez entre muitos outros, respondeo Esmeria; bem que o Pae Rayol mostra agora detestar-me e fuja de mim, como de inimigo de quem tem medo: o Pae Rayol é um máo negro que, se puder, se vingará de mim; mas alem delle ha tantos!.... a preferencia que meo senhor

me deo, me fez desejada; agora todas os escravos me achão bonita; em seos fados tenho cantigas de elogio, me chamão rainha das negras..... elles, os meos parceiros me festejão, se apaixonão por mim... vem bater e chorar á porta da minha senzala, lembrar-me o que fui para elles, e o que elles forão para mim...

E a creoula insidiosa, olhando então fixamente o senhor, e lendo em sua physionomia os effeitos do veneno que lhe lançava no coração, continuou com desfaçatez inaudita:

—Eu tambem sou negra e escrava, creada na vida solta, animal abandonado e livre no campo, e não quero enganar á meo senhor... assim como vivo, não me vencerei por muito tempo.... eu aviso, sou negra e escrava, tenho máos costumes antigos..... meo senhor não poderá depois queixar-se..... peço perdão, mas confesso: uma noute já cheguei a por a mão na chave da porta.... se isto continua assim, em alguma outra noute, Esmeria enganára seo senhor, e abrirá a porta.....

Nova praga obcena foi a resposta do esqualido senhor.

A creoula fingio-se alterada e sentida da injuria começou a passear ao longo da senzala com

arrebatamento e artificial commoção, dando ao corpo meneios indecentes, e pondo o vestido em desordem grosseiramente libidinosa.

A rusticidade sensual de Paulo Borges exaltava-se provocada, hallucinada pelos trejeitos obcenos da negra que já o conhecia bem.

— Eu peço para ser vendida! eu preciso sahir desta fazenda! exclamou ella, quase chorando.

Paulo Borges, o adultero, Paulo Borges o desvairado se curvou ante a negra sua escrava e escreveo nos seus pés a sentença da ultima degradação da esposa virtuosa e honestissima.

No dia seguinte e a despeito da vontade expressa de Thereza, Esmeria entrou pela porta da cosinha da casa da familia de Paulo Borges, e teve ali quarto separado e distincto do dormitorio das outras escravas internas.

XVIII.

Thereza supportou paciente e silenciosa a extrema affronta: quando de manhã sahio do seo gabinete e soube que por ordem de seo marido Esmeria fora introduzida na casa, e nella havia de dormir, depoz sobre a meza da sala de jantar as chaves da dispensa e dos armazens, e recolheu-se, abandonando o governo domestico.

Orphã, e tendo apenas parentes afastados e mais ou menos indifferentes, privada pois de protectores naturaes, sem esperanças nem recurso, esperou Paulo Borges, e á noute lhe foi fallar sem alteração de voz, sem azedume de queixas, sem pretenção de direitos.

— Senhor, disse ella; não sou mais a dona desta casa: peço-lhe o retiro de um sitio isolado

e a consolação da companhia de meos filhos: epço isto só: quando quizer verá as creanças; opportunamente as mandará educar, e nós não mais nos veremos: isto convem a ambos.

Paulo Borges esbraveou encolerisado: Thereza insistio com paciencia e gravidade; vendo porém que o fazia debalde, retirou-se e encerrando-se no seo gabinete, não tornou mais á apparecer.

A escrava hia marchando para o apogeo do seo poder sobre Paulo Borges cada dia mais desprezivel e abjecto.

Esmeria assumio effectivamente a direcção e o governo da casa que pouco e pouco se foi desordenando; e nem podia ser de outro modo, porque por um lado as escravas parceiras da amante do senhor não podião respeita-la bastante, e por outro a creoula que não conseguia, ou não procurava vencer seos habitos de devassidão, precizava' frequentemente do segredo e da indulgencia das companheiras para escapar aos furores do Paulo Borges.

O tecto que abrigava a honestidade e onde a moralidade e a virtude exemplares de Thereza fazião do lar domestico um templo de amores santos e de lições de costumes puros

transformou-se em inferno de anarchia e de deboche, e em esgoto de desperdicios.

Para o vil adultero multiplicavão-se os castigos: já tinha perdido o enlevo dos perfeitos gozos da familia; já seo amor da riqueza se alvoraçava com os desbaratos da dispensa, com os furtos nos armazens, com a elevação das despezas: — como a embriaguez habitual, á que succede a prostração, o desgosto, a nauzea, o rebaixamento moral, e tambem a irretação-sequiosa e exigente do alchool envenenador,— a turva indecorosa e repugnante paixão que Paulo Borges tomara pela negra dava-lhe apoz o phrenezi o remorso, o aborecimento do seo viver, a consciencia e a vergonha da sua torpeza, embora o vicio informe de novo e sempre o impellisse ao seo abysmo de perversão.

Entre tanto esse soffrer do algoz não podia diminuir antes mais aggravava os padecimentos da martyr.

Thereza que não reunia á grande somma de suas virtudes o dote precioso da energia, apenas defesava a sua dignidade no absoluto encerro do seo gabinete, onde em vida se sepultara, vivendo só para seos filhos cuja compa-

nhia zelava, e onde unicamente admittia uma velha escrava á quem incumbira de levar-lhe as refeições diarias.

A pobre martyr só pensava nos filhos; era pelo pequenino que aleitava em seos seios, que ella comia sem fome, e pedia á Deos forças e coragem; era por Luiz e Ignez que não queria morrer e tinha medo da morte, ainda abòrrecendo a vida.

E quando por ventura se lembrava do indigno marido, do monstro que tanto a flagellava, e tam horrorosamente a suppliciava, a pobre martyr, a santa mulher não maldizia delle, não tinha pragas, nem imprecações para o algoz, sentia-se pelo contrario como que apiedada do seo opprobrio e da sua mizeria; via no pae de seos filhos não um homem corrompido, escandaloso, immoral e tirano; mas um tresvariado e louco, ou um infeliz affectado de molestia-vergonhoza e fatal.

Thereza não imaginava a hypothese de voltar algum dia ainda á simples tolerancia da vida conjugal: com o coração e com a consciencia tinha dito á Paulo Borges: «*sou viuva*:» o milagre possivel que os filhos poderião vir á aspirar em favor do pae arrependido e re-

generado, se lhe passasse pela mente, lhe causaria então horror; ella porém de joelhos, prostrada ante o seo oratorio aberto rezava todas as noites longo tempo á rogar á Deos por seos tres anjinhos e pela volta de Paulo Borges ao caminho do brio, do dever e da honra.

A oração, o cuidado dos filhos, a costura das roupinhas delles erão a unica e nunca variada occupação de Thereza: o marido não a hia ver, apenas mandava informar-se da sua saude e do que ella precizava: a espoza condemnada á ser martyr não se informava jamais do estado da caza e parecia indifferente ao ruido, a gritaria, e aos signaes evidentes dos deboches e da anarchia da cozinha.

Era vida esse viver?... só a heroicidade maternal que excede á todas as heroicidades podia explicar a paciencia, a constancia e a força angelica que animavão a victima. Thereza não vivia mais para si, nem para as illuzões do mundo: por assim dizer suicidara-se, cahindo na sepultura do gabinete escolhido: era somente o amor maternal, o seo amor d'alma tumulo que prendia sua sombra aquelle retiro para velar incessante pelos filhos, que alias nunca lhe forão disputados.

Mas, passadas algumas semanas desse viver de solitario martyrio, Thereza começou á sentir-se doente: dores fortes no estomogo e no ventre acompanhadas de sabor acre e ardente na boca e na garganta, de sede viva, de vomitos, e febre annuciavão-lhe perigosa enfermidade: a infeliz senhora resistio silenciosa por tres dias: depois não poude mais: a aggravação daquelles symptomas, os suores frios, o abatimento e concentração do pulso, o alteração profunda da physionomia, os movimentos convulsivos, a prostração, a anciedade extrema rapidamente se manifestavão aos olhos do marido adultero que fora chamado para acudir á sua victima.

Paulo Borges, nas horas supremas que precederão o ultimo trance da esposa ao menos não a desamparou; compadeceo-se sinceramente della, e ferido por verdadeira dor e remordido pelos remorsos experimentou os mais crueis tormentos na agonia daquella que o amara tanto.

Mas em vez de um medico habil, veio em soccorro da mizera senhora um famoso curandeiro, o Hypocrates da fazenda, o *doutor* Bonifacio, como o chamavão, antigo enfermeiro de não

sabemos que hospital da corte, e que retirado para o interior da provincia, dava-se impunemente no municipio de..... ao exercicio da medicina com a mais criminosa impudencia.

O curandeiro, tendo examinado a pobre martyr, declarou-a atacada de *febre perniciosa*, e receitou estupidamente applicações ainda mais atormentadoras á agonizante.

Que tivesse corrido á tratar da doente o mais consummado dos medicos, a sua sciencia só teria aproveitado pela alta conveniencia do testemunho autorisado e da declaração indispensavel de um caso de envenenamento; mas para Thereza o resultado seria o mesmo.

Aos olhos do verdadeiro medico os symptomas de envenenamento por substancia acre, irritante, e corrosiva serião evidentes: impedir porêm o seo effeito, a morte, era impossivel naquelle extremo.

Em seo padecer desesperado Thereza advinhou, vio em lucidez de moribunda a mão e o instrumento que a matávão, e, achando-se por momentos á sós com Paulo Borges, estendeo para elle os braços, com as mãos agarrou-o com ancias; e disse-lhe, retorcendo-se :

— Morro envenenada por Esmeria !... eu te perdoo, se velares por teos filhos que....

Não poude acabar.

O envenenamento seguio seo curso, sua obra de destruição torturadora, sinistra, execravel...

A pobre martyr subio ao ceo á luz da aurora.

Se ella sentio dor na morte, ninguem pode dize-lo ; mas na agonia cahirão-lhe successivamente dos olhos seis grossas lagrimas, tres de cada um.

Era uma extremosa e desgraçada mãe de tres filhos que morria.

Deixou, coitada ! duas lagrimas á cada filho.

XIX

Paulo Borges chorou compungido a mórte de sua honestissima esposa, de quem fôra bárbaro algoz. A suspeita de envenenamento revoltou-o, e embora visse Esmeria desfeita em lagrimas á lamentar o passamento da senhora, esperou obumbrado o seo sabio curandeiro, e apenas o vio chegar, correo a elle, levou-o a examinar o cadaver, e disse por fim :

— Minha mulher morreo envenenada, não é verdade ?.... o senhor tem obrigação de dize-lo ; falle ! em nome de Deos, diga-me a verdade.

O curandeiro turbou-se : de novo e com absurdo processo fez o exame do triste e inregelado corpo da victima, e incapaz de comprehender os symptomas que havião escapado á sua ignoran-

cia, incapaz de apellar para os meios scientificos que vingão a sociedade, reconhecendo no cadaver as provas irrecusaveis do crime do envenenador, o curandeiro charlatão, vaidoso do seo diagnostico, acabou por dizer com desfaçada impostura:

— Envenenada !... quem o disse, mentio.

— Está absolutamente certo disso ?

— Juro-o....

— Que Deos perdoe á quem tal suspeitou !

— Quem foi ?

— A defunta.

— Delirio de moribunda : ella morreo da febre que eu disse.

— Antes assim.

Paulo Borges tranquilisou a revolta de seo animo, e concentrou-se na dor da viuvez recente :

Esmeria ficou innocente á seos olhos, e quasi que mais mereceo em compensação da suspeita que o curandeiro declarára infundada.

O marido adultero suppoz enganar á Deos e aos homens, e talvez mesmo a si, dando aos restos mortaes de sua santa mulher honras funebres sumptuosas, esmolas aos pobres, missas, e apparatoso officio do septimo dia.

Deos que recebeo a martyr, desprezou sem duvida as oblações sacrilegas do peccador incontricto e obstinado.

O romance tem contra o seo legitimo fim comprometter a lição da verdade pelas prevenções contra a imaginação que deve ser exclusivamente a fonte de ornamentos da forma e de circumstancias accessorias e incidentaes que sirvão para dar maior interesse ao assumpto; no seu fundo porem o romance precisa conter e mostrar a verdade para conter e mostrar a moral.

Alto o proclamamos: tambem neste nosso romance ha no fundo plena, absoluta verdade.

Ha envenenamentos propinados por escravos que desapercebidamente ou apenas de leve suspeitas, escapão impunes aos senhores e a autoridade publica.

Ha curandeiros ignorantes espalhados pelo interior dos municipios *mais civilisados* das *mais civilisadas* provincias do imperio que involuntariamente, sem malicia e só por incapacidade intellectual favorecem, apadrinhão a impunidade de semelhantes crimes, deixando-os esconderem-se nos segredos das sepulturas.

E ainda mais afirmamos com a segurança que resulta do estudo e da observação:

Em quanto no Brazil houverem escravos, estarão nossas familias facilmente expostas á envenenamentos e á tentativas de envenenamentos por elles propinados.

E, o que é mais, em dez cazos desses crimes ou de tentativas desses crimes dous serão contra o senhor, oito contra a senhora.

E quando dizemos tentativa de envenenamento, queremos refferir-nos principalmente ao emprego de certas substancias que, applicadas grosseiramente, offendem pelo contacto physico e dilacerante, sendo de prompto descobertas, e propinados em pó subtil são innocentes on inertes.

Nem é precizo adiantar, esclarecer mais; pois que neste cazo o forte escudo dos senhores contra o odio dos escravos é principalmente a ignorancia e a bruteza destes.

XX.

Sahido no esquife a senhora, a escrava tomou-lhe o lugar na sala, e nada mais teve á desejar em relação ao dominio da fazenda do senhor.

A vaidade da alta posição immerecida inspirou dentro em pouco arrogancia e soberba á Esmeria que reputando já inabalavel o seo poder, maltratou e tiranisou as parceiras que tarde comprehenderão o que tinhão perdido em sua boa e ligitima senhora.

Todavia em seo presumpçozo e atrevido entono, Esmeria quando mais se exaltava omnipotente na sala, estremecia de subito escutando o sylvo da serpente no fundo de quintal.

A creoula após á morte de Thereza e a sua ab-

soluta dominação aborrecera profundamente a Pae-Rayol, e daria tudo pelo golpe que para sempre a livrasse delle.

A escrava tornada senhora do desprezivel senhor exasperava-se por continuar escrava do escravo mais hediondo; ella porem não ouzava arrostar Pae-Rayol o feiticeiro, o rei das serpentes, o demonio que matava de longe com os olhos: poderia facilmente conseguir que Paulo Borges mandasse vender em outro municipio ou em outra provincia o seo detestavel socio; ja tinha pensado nesse recurso; mas sua imaginação lhe representava sempre o Pae-Rayol vivo e voltando vingativo e terrivel para tomar-lhe contas e mata-la sem piedade, ou para denunciar o seo crime, como envenenadora de Thereza.

Assim pois abafando no coração a raiva e sempre sob a influencia do terror que lhe causava o negro africano, a creoula vaidosa e soberba continuava á obedecer ao Pae-Rayol, que era ainda o seo amante tornado então repugnante para ella que todavia apenas escutava o sylvo da serpente, corria tremulla, coagida, dentro de si revoltada; mas fingindo-se contente e affectuosa, quando se mostrava ao seo unico senhor.

E ainda uma vez a serpente assobiou: foi na tarde de um domingo e Paulo Borges dormia a sésta.

Esmeria encontrou Pae-Rayol, no fundo do quintal e onde velhas larangeiras desprezadas pela incuria seccavão no meio de moitas de arbustos e cobertas de hervas parasytas. Era o sitio escolhido para as entrevistas dos dous.

Com a gradual elevação da creoula dir-se-hia que fora tambem crescendo o amor selvagem que o Pae-Rayol tinha por ella, e a improvisada e arrogante sènhora recebia risonha mas em furia, doneza mas em desespero os affagos do antigo amante que ella então estimaria poder matar.

— Esmeria está no meio do caminho; dice o Pae-Rayol.

— Como? de que caminho?

— Mas tem muito que andar ainda para chegar á cima do morro: é precizo andar: Pae-Rayol está sobindo da outra banda.

O negro ria-se de modo á cauzar pavor: Esmeria olhava para elle espantada e como se receiasse comprehende-lo.

— Amulher tigre morreo na lua nova, e a lua nova já voltou.

— E' verdade; está á fazer um mez.

— O velho-tigre já esqueceo: agora os tigres pequeninos... depois Pae-Rayol ensina mais.

— Pae-Rayol!.. exclamou Esmeria, estremecendo: os meninos?... isso não...

A creoula malvada era menos scelerata que o negro africano; este porem fitando nella seus olhos vesgos, dice:

— Pae-Rayol quer.

— O senhor teve suspeitas de que sua mulher tivesse morrido envenenada; eu o ouvi fazer perguntas sobre isso ao cirurgião...

O negro encolheo os hombros.

— E para que matar uns meninos que ainda não fazem mal á pessoa alguma?

— Pae-Rayol sabe e quer.

— Os meninos... eu não posso...

— Pae-Rayol pode matar Esmeria.

— Eu pensarei nisso; dice a creoula, convulsando; Pae-Rayol me dê alguns dias para me resolver e me preparar...

O monstro africano estava em dia de menos braveza, ou seguro do resultado do seo plano infernal, entrava tambem em seos calculos a contemporisação.

— Pae-Rayol espera até a outra lua nova.

Esmeria respirou desafrontada.

D'ahi a pouco o negro rio-se, olhando para o ventre da creoula.

— Esmeria não tarda á ter filho; dice elle.

A creoula cruzou instinctivamente as mãos sobre o ventre e voltou-se para um lado, como á defender o filho do olhar do feitiçeiro.

O Pae-Rayol ou não percebeo o motivo do movimento que fizera a escrava que hia ser mãe, ou não se agastou com isso, e continuando á rir, acrescentou :

— Se é filho do velho tigre, fica muito rico no fim da outra lua nova.

E sem olhar para Esmeria, retirou-se vagarosa e tranquillamente por entre os arbustos cujos galhos affastava com as mãos para abrir caminho.

XXI

Pae-Rayol tinha deixado veneno no seio da creoula, que gravou na memoria as ultimas palavras que acabara de ouvir-lhe.

A fraca e explicavel compaixão, com que a escrava erigida em dona da casa defendera seos innocentes *senhores-meninos* estremeceu ao primeiro despertar da ambição da negra proxima a ser mãe.

Com effeito metade da fortuna de Paulo Borges pertencia já aos tres filhos e herdeiros de Thereza; e da outra metade que poderia caber ao filho de Esmeria ?...

A creoula reflectindo obumbrada e desgostoza sahio do laranjal, e encaminhou-se para a porta da cozinha, quando voltou os olhos, ouvindo a voz de alguem que lhe dice:

Você dirá a Pae-Rayol que eu lhe prohibi tornar á fallar-lhe.

— Bem: entendo, e ha de ver o que farei; dice Esmeria.

E mudando logo de tom, perguntou:

— E você porque me foge a tanto tempo, tio Alberto?...

O negro apontou para dentro da caza: depois respondeu em voz baixa:

— Não gosto do senhor; mas não bulo com elle.

— Espere aqui: eu volto já; dice a creoula.

Entrou apressada pela cozinha; mas passados breves minutos tornou a apparecer e aproximou-se da cerca, onde estava o negro.

— O senhor dorme ainda: conversemos...

— Não; você é do branco, nada mais tem comigo; respondeo Alberto.

— Eu precizo fallar-lhe.... é sobre Pae-Rayol...

— Que é?...

— Tenho muito que dizer, e aqui á esta hora não posso; mas eu detesto o Pae-Rayol mais do que você, tio Alberto.

Esmeria fallava á tremer e em tom de segredo; o negro porem rio-se e perguntou:

— E hoje? e ind'agora ?...

— Oh! é o demonio.... e eu precizo de você, tio Alberto; murmurou a creoula, olhando aterrada para todos os lados.

— Porque tem medo?

— Elle é feiticeiro....

O negro ficou impavido; mas franzio as sobrancelhas.

Esmeria continuou:

— E' necessario que eu converse com você, tio Alberto; não tenha medo do senhor.... sei governa-lo: espere alguns dias.... não provoque o Pae-Rayol antes de fallar comigo.... fuja delle, e prepare-se; porque a nossa vingança será segura.

— Você não mente? perguntou o negro.

Esmeria desfez-se em juramentos, e melhor que seos juramentos de mulher corrompida e escrava desmoralisada fallava em seu rosto a eloquencia do terror.

— Pois seja; dice Alberto; fugir de Pae-Rayol, não; deixar de persegui-lo com o meu odio, não; mas estou prompto á entender-me com você contra elle: quando?

— Eu marcarei o dia e o lugar.... hade ser muito breve.... conte comigo, tio Alberto.... eu

não me esqueço nunca de você. Agora retire-se; mas pelo amor de Deos guarde segredo.

— Descanse; disse Alberto, apertando a mão que a creoula lhe offerecera.

E seguio logo para sua sensala.

Esmeria ficou immovel, contemplando a figura do Hercules negro que se retirava.

XXII

Alberto era um homem negro de natureza nobre e altiva; mas já estragada pelos venenos da escravidão: como os outros escravos seos parceiros já tinha manchado as mãos com o furto, os labios com a mentira, o coração com o desenfreamento da luxuria torpe, o estomago e a cabeça com o abuzo da agoardente. De suas grandes qualidades por assim dizer innatas só restavão os vestigios nos defeitos oppostos: da altivez tirára e conservara o odio aos senhores que lhe impunhão o aviltamento do captiveiro forçado; da sua nobreza e dignidade pessoal apenas lhe ficára a flamma vingativa do insulto recebido, e a arrogancia da consciencia da propria força material.

Não querendo vingar-se do Pae-Rayol com o açoute do senhor, Alberto não o fazia por sentimento generoso e fraternal ; mas só porque tinha em principal aversão o dominio do senhor, e em unica estima pessoal o orgulho e a jactancia da sua força physica.

Trabalhando assiduo e deligente para escapar ao castigo que se ufanava de nunca ter provado, reffreando seos impetos de vingança contra o Pae-Rayol para não se expôr ao açoute, embora elle dicesse que tinha medo de si, o que podia ser e era a justa apreciação das furias possiveis de um orgulho que se firmava na convicção do poder de seos musculos herculeos, elle dava testemunho do calculo que o egoismo aliás justificavel estabelece sobre o receio das punições e das consequencias de um acto violento, e arrebatado.

Ao menos porem nessa destruição de grandiosos sentimentos, o escravo africano, Alberto, pudéra salvar e manter a fidelidade mais exemplar aos parceiros, e a repugnancia mais invencivel ás scilladas cobardes que a traição costuma armar ás escondidas.

Alberto, negro sem educação, escravo e portanto homem condemnado ás miserias e aos

vicios inherentes á baixa condição imposta, era pelo estrago e depravação de suas qualidades capaz de acções atrevidas e criminosas; levado pelo rancor e pela colera ouzaria matar o seo inimigo; mas sem duvida o atacaria de frente e mediria suas forças com elle.

Ainda ahi havia orgulho e ostentação de sua força physica e de sua coragem de Hercules; mas em todo caso não havia torpeza e infamia de assassino de emboscada.

Esmeria conhecia o caracter, a capacidade, e os defeitos do tio Alberto, e inspirada de subito pela declaração franca de sua inimisade hostil ao Pae-Rayol, vio nelle um recurso poderoso contra o feiticeiro, de cujo poder e influencia tiranica desejava subtrair-se; foi por isso que emprazou Alberto para uma entrevista mais cautelosa e opportuna.

Mas então já outra preoccupação se apoderara do animo da perversa creoula. O Pae-Rayol tinha-lhe lembrado o mal que a existencia dos filhos legitimos de seu senhor faria ao filho que em breve ella daria á luz. A medida que nisso meditava, esvaecia-se a compaixão que ella mostrára ter das tres pobres creanças já pois destinadas a seguir o caminho de sua infeliz mãe.

A cegueira de Paulo Borges chegára ao ponto de entregar aos cuidados da creoula os seus tres innocentes filhos que havião de ser martyres sendo ainda anjos.

Esmeria hesitava ainda, receiosa de uma grave centrariedade possivel: a miseravel affligia-se com a duvida sobre a côr da creança que do seo seio devia nascer, e com a apprehenção das consequencias do desengano patente que bem poderia ferir os olhos do senhor.

Emfim, e mais cedo do que calculava, a creoula teve o seo parto e enthusiasmou-se, conhecendo que o filho denunciava pela côr a paternidade de Paulo Borges.

Desde esse dia Esmeria-mãe adoptou a idéa horrorosa do Pae-Rayol: a sentença de morte dos filhos de Thereza foi lavrada pela escrava delles ciumenta, e refervente em duplicada ambição.

Paulo Borges, o principal causador de tantas desgraças, nem teve tempo de experimentar as desconsolações e a tristeza que sente por força o pae, recebendo ainda um castigo da sua escandalosa sensualidade, ao considerar a desigualdade das condições de seus filhos, e a irremediavel inferioridade social do fructo do ventre captivo em comparação dos outros.

Quando chegou a *outra lua nova*, Esmeria ainda se achava de cama ou resguardada; mas a infelicidade domestica resultante do adulterio e da corrupção de Paulo Borges poupou-a á um dos tres assassinatos premeditados : o mais novo dos miseros orphãos, tendo perdido sua mãe, passára a amamentar-se aos peitos de uma escrava designada sem estudo, e sem justificada preferencia para esse delicadissimo myster, e bebendo á sobras no leite impuro o veneno da syphilis, morrera exactamente naquella *outra lua nova* marcada para o seu martyrio.

Depois passou cerca de um mez, e a serpente sylvou.

Pae-Rayol dous dias antes da terceira *lua nova* se havia recolhido á enfermaria : o seu estado excluia toda suspeita de manha: tinha febre, e claros symptomas de irritação intestinal ; mas o escravo enfermeiro não vio que elle deitava fóra os remedios que lhe mandavão dar e que ás occultas mastigava raizes que levára comsigo.

No segundo dia Pae-Rayol estava bom, e fugindo da enfermaria, entrou na sua sensala, e no fim de poucos minutos sahio, e foi sylvar como a serpente no fundo do quintal.

Pae-Rayol tinha desde algumas semanas um

inimigo que de longe o perseguia, espiando-o, contrariando-o, provocando-o sem fallar, mas seguindo-o sempre á distancia, como a sombra de seo corpo: era Alberto: não temendo, mas tambem não ouzando atacar de frente esse inimigo, esperando do tempo occasião opportuna para *propinar-lhe* algum dos seus feitiços, o negro africano refalsado e feroz para escapar na *lua nova* á perseguição de Alberto, fizera-se adoecer com a certeza de poder curar-se.

Alberto trabalhava na roça, quando a serpente sylvou no fundo do quintal.

A creoula deixou o filho que dormia, e correo deligente, acudindo ao chamado.

As duas hydras se encontrarão.

O negro afagou a creoula como costumava, insinuando-se possuido de paixão cada vez mais violenta. Depois começou a fallar.

— Esmeria, Pae-Rayol tem um inimigo e precisa cautela.

— Quem é? perguntou Esmeria com sobresalto simulado.

— Pae-Rayol sabe e ha de mata-lo: elle mata com os olhos; mas ainda não quer.

A creoula ia fallar; elle porém tomou-lhe a palavra.

— Escuta: Pae-Rayol e Esmeria não podem mais fallar aqui sem a espia no mato: é preciso andar de pressa...

— Andemos...

— Pae-Rayol queria andar de vagar; mas não póde... tem inimigo que espia... é preciso andar de pressa...

— Andemos; repetio a creoula.

— Escuta: esta raiz tem feitiço, mata criança em uma noite: Esmeria deixa os meninos comerem fructa que faz indigestão, e dá café com esta raiz, elles morrem de indigestão. O filho de Esmeria fica só e é rico.

A creoula não respondeo; porém não protestou, e recebeu com mão segura o pequeno embrulho que continha as raizes.

O negro scelerato proseguio.

— Quando Pae-Rayol quer fallar a Esmeria, assobia como serpente, e Esmeria, á meia noite, vai a senzala de Pae-Rayol.

— E se o senhor se acordar?

O negro rio-se; e mostrou á Esmeria outro, um segundo embrulho de papel que era maior e que sem duvida guardava outras raizes.

— Pae-Rayol precisa andar de pressa: cada raiz que elle dá aqui, faz o tigre velho dormir

toda a noite: Esmeria vem sem medo á senzala de Pae-Rayol; mas só á meia-noite por causa do inimigo.

— Faz dormir?... e como hei de da-la?

— Esmeria cozinha a raiz no café bem carregado.

A creoula tomou o embrulho com sofreguidão: a substancia que podia fazer dormir assim Paulo Borges era um thesouro para a escrava sua amasia.

O negro riu-se outra vez e disse:

— Uma raiz só faz dormir: duas soffrer muito: tres hão de matar.

Esmeria olhou para o Pae-Rayol, como se lhe perguntasse a explicação desse prudente aviso.

— Esmeria não póde matar logo, continuou o negro; faz dormir o tigre velho, faz forrar o filho, fica forra tambem, faz o senhor escrever no papel testamento, dá o testamento para o Pae-Rayol guardar: depois cozinha tres raizes no café do tigre velho.

Uma onda de suor frio banhou o corpo da creoula que instinctamente e sem reflectir, perguntou:

— E depois!...

O negro fitou em Esmeria os seos olhos ves-

gos, incisivos e penetrantes, e adoçando quanto pôde a voz, dice:

— Esmeria gosta do Pae-Rayol?

A creoula fez um esforço supremo de fingimento e com fogo e commoção respondeu, beijando a face do negro que ella aborrecia:

— Oh! muito! muito!

Elle beijou-a tambem com os seos tres labios repugnantes, e respondeo então á pergunta da creoula.

— Esmeria sobe o morro de uma banda, e Pae-Rayol sobe da outra: em cima do morro Emeria encontra Pae-Rayol ao pé della.

— Não entendo.

— Quando o tigre velho morrer, Esmeria fica senhora da fazenda com seo filho, e fóra Pae-Rayol, que tambem fica dono.

E o negro fixou ainda mais incisiva e profundamente seo olhar magnetico no rosto da creoula e no fim de alguns momentos, dice:

— Pae-Rayol quer.

— Pois sim! exclamou a creoula, abraçando-se douda, e petulantemente com elle.

O negro arrancou-se dos braços da creoula, e fitando-a de novo, com olhar imponente de sua

vontade, absoluto, imperioso dice ainda, dando á voz tom ameaçador:

— Pae-Rayol quer! e se Esmeria não faz, Pae-Rayol mata.

A creoula como transportada, fóra de si, possessa, lançou-se ao negro, abraçando-o, beijando-o e exclamando com ardor:

— Meo marido!... meo marido!...

XXIII

Esmeria voltou para casa com o coração palpitante de assombro e com o espirito, embora perturbado, aceso em sinistras idéas e barbaros projectos.

Só naquelle dia medira toda a extensão dos planos de Pae-Rayol que, rude e ignorante como era, queria fazer della o instrumento da sua fortuna e maior poder, erguendo uma e outro sobre os cadaveres da familia inteira de seo senhor, que devia ser a ultima pedra do horroroso edificio.

A ultima pedra?... Esmeria estremecia, lembrando-se de seo filho, em quem Pae-Royol talvez, ou certamente não perdoaria o sangue de Paulo Borges.

E se até então Pae-Rayol brutal e tyrannicamente a dominava e lhe impunha sua vontade absoluta, á que extremos não se arrojaria, quando, morto o senhor, entrasse na casa, em cujo dono contava já erigir-se?

A creoula jurava a si mesma não sujeitar-se á tamanha calamidade e mil vezes veio-lhe á memoria o nome e a imagem de Alberto: não lhe escapou que preparava neste um outro bem provavel dominador, confiando-lhe algum dos segredos das suas atrocidades, e encarregando-o de livra-la do Pae-Rayol, o inimigo commum, dando-lhe a morte; mas entre Pae-Rayol e o tio Alberto não podia haver hesitação na escolha, e o poderio deste sorria além disso á viciosa negra.

Esmeria tranquillava-se tanto quanto lhe era possivel, contando com o braço de ferro do Hercules africano; mas adiava ainda a sua entrevista com elle, receiosa de que por temor ou generosidade Alberto se opuzesse ao envenenamento dos dous meninos.

Este crime nefando estava decididamente resolvido pela malvada escrava, que ainda mais se assanhára com a perspectiva do futuro que o Pae-Rayol mostrára em grosseiro quadro á seos olhos.

Só lhe faltava a opportunidada para o medonho attentado, e foi ainda o desmoralisado e vil senhor quem lh'a proporcionou.

Corria o mez de Março que ardente abrilhantava os campos: abundavão as fructas proprias da estação e entre outras as *mangas* tão doces ao gosto, como suaves ao olfato: uma tarde, de volta da roça, Paulo Borges trouxe aos meninos um cestinho de mangas.

A traiçoeira creoula oppoz-se, simulou reprovação á esse regalo offerecido á Luiz e Ignez, observando que as mangas erão muito *quentes* e perigosas para as crianças; estas, porém, choravão, o pae ralhou brandamente com a escrava-senhora, que não desejando outra cousa, deixou a sala de jantar, onde se passava a scena.

Os dous meninos acompanhados de alguns creoulinhos da sua idade comerão as mangas que aliás não erão muitas; mas saltarão de contento, encontrando no fundo da cestinha tres pequenos caixos de cocos de tucum.

Esmeria, acudindo á gritaria das creanças, poz as mãos na cabeça ao vê-las comendo cocos depois das mangas.

Paulo Borges não deu importancia aos avisos da creoula. Os meninos regalarão-se, brincarão

ainda, e ás oito horas da noute dormirão logo depois da sua costumada ceia de simples canja de arroz.

Mas dentro em pouco estava a casa em movimento, Paulo Borges em sustos, e a creoula *em desespero:* terrivel *indigestão* se declarara em todas as creanças, que em gritos, em vomitos, em convulsões e delirio, e com as mãosinhas nos ventres, que se abrasavão e se dilaceravão em fogo e em dôres horriveis, avançavão depressa para a morte que se manifestava já na decomposição dos traços phisionomicos.

O sabio curandeiro, chamado immediatamente por ordem da creoula, não tardou; ouvio a historia das mangas e dos cocos, notou a coincidencia e semelhança dos soffrimentos dos meninos e dos creoulos, applicou os seus meios mais energicos para vencer aquellas violentas *indigestões*; não foi porém feliz.

Ao amanhecer estavão mortos os dous filhos legitimos de Paulo Borges, e dos creoulinhos, tres provarão a mesma sorte, e apenas dous escaparão a esse horroroso morticinio.

Paulo Borges consternado, accusava-se em altos brados de assassino de seos filhos, as tres escravas mães dos creoulos victimas, o accusa-

vão tambem chorando na cosinha. Esmeria doudejando em pranto, corria mil vezes a abraçar e a beijar os pés dos dous meninos seos senhores já cadaveres, e arrancada do junto d'elles, hia ver as tres creancinhas mortas, e os dous que gemião ainda, mas que se consideravão salvos.

E apparentemente em afflicção desmesurada, e dentro de si turbada, medrosa, aturdida pelo proprio crime; mas ainda assim cuidosa observadora d'aquella scena lugubre de assassinato de creanças, dizia entre si como admirada:

— Que demonio de Pae-Rayol! que temivel veneno! só escaparão os dous creoulos que apenas cearão o restinho da canja que sobejou dos outros!

A historia da indigestão de mangas e cocos correo pelas visinhanças, e o caso foi geralmente lamentado.

A morte dos tres creoulos conjunctamente com a dos dous filhos de Paulo Borges, e os soffrimentos semelhantes das duas *crias* que sobreviverão, excluirão toda suspeita de envenenamento.

Luiz e Ignez, forão como sua mãe sepultados na capella, e os tres creoulos no cemiterio da fazenda.

Esmeria e seu filho triumpharão sobre as sepulturas das victimas.

O tigre da escravidão já tinha despedaçado e devorado as carnes, e bebido o sangue da mulher e dos filhos do senhor.

A vez de Paulo Borges hia chegar.

XXIV

A creoula concedeu á dôr profunda do pae a expansão de quinze dias.

Durante esse breve periodo, accudindo e obedecendo ao sylvo da serpente, experimentou duas vezes a efficacia de uma só das raizes que lhe dera o Pae-Rayol, ajuntando-a á agua que fazia ferver para o café do senhor.

O effeito mostrou-se indisputavel e seguro. Paulo Borges dormio, como o embriagado que se submerge no somno.

A creoula abria uma janella, e saltava para o campo á meia noute, demorava-se duas e tres horas na senzala do Pae-Rayol, recolhia-se depois, e Paulo Borges dormia sempre.

Era preciso desperta-lo ao romper do dia, e

ainda depois de desperto Paulo Borges, quando não se activava, tinha somno.

Esmeria estudava cautelosa na observação d'esses phenomenos as proporções das dozes que lhe conviria applicar ao senhor.

Em suas duas visitas á senzala do Pae-Rayol teve a certeza de que Alberto proseguia em seo systema de provocadora, mas distanciada perseguição ao seo inimigo, que começava a revoltar-se impaciente, e a idear vingança.

Alberto descobria as preferencias que a sensualidade do Pae-Rayol dava passageiramente a uma ou outra escrava, e tomava-lhe sem difficuldade e com ostentação as preferidas.

Alberto seguia sempre de longe o Pae-Rayol, e por vezes, aos domingos, se mostrava á distancia, mas parado e firme nos bosques e descampados onde o seo inimigo de costume divagava.

Alberto matára diante de alguns parceiros o gato preto, companheiro unico do Pae-Rayol, em sua senzala solitaria.

Pae-Rayol era forte, de sua força muscular tinha consciencia e certa ufania; não se arreceiava de Alberto; mas tambem não se achava seguro de sua superioridade physica sobre o

Hercules, e contemporisava, embora raivoso, calculando mata-lo sem perigo.

Uma escrava tinha já avisado Alberto de que o Pae-Rayol tentava pôr-lhe *feitiço*, havendo-a convidado com instancia para ajuda-lo n'esse empenho.

De tudo isto Esmeria soube metade na senzala do Pae-Rayol, a outra metade nas confidencias de outras escravas.

A creoula teve medo de perder o tio Alberto. e resolveu apressar a marcha dos acontecimentos que ella devia determinar.

Passadas as duas semanas dadas ao coração do pae, ella fallou ao senhor sobre a condição e o futuro de seo filho.

— Emquanto viverão meos senhores moços, eu nunca me animei a pedir a liberdade e algum favor para meo filho que tambem o é de meo senhor; mas agora...

E abaixou os olhos com refinamento de hypocrisia.

Paulo Borges triste e abatido não respondeo; ficou porém meditando o dia inteiro.

Esmeria mostrou-se a seos olhos, por vezes, com o filho nos braços, com o filho que já co-

nhecia, e ria, ao desgraçado que era seo pae, e seo senhor.

Alguns dias depois Paulo Borges, a quem a creoula incessantemente cercara de cuidados, e que hahil e petulante embriagara em novos phrenesis, tomou suas vestes de sahida, e logo de manhã montou a cavallo e foi para a villa.

Demorando-se mais do que costumava, o misero só voltou á fazenda ao cahir da tarde, e chamando Esmeria á seo quarto, mostrou-lhe um papel dobrado e lacrado, que fechou depois em uma gaveta, da qual guardou a chave.

— E' o meo testamento, creoula; disse elle.

Creoula era o tratamento que Paulo Borges dava a Esmeria.

— Que me importa o seo testamento? exclamou a perfida negra; testamento é lembrança de morte e eu quero que meo senhor viva cem annos.

O louco rio-se com agrado, escutando a exclamação da creoula, e entregando-lhe duas folhas de papel dobradas separadamente, accrescentou:

— Ahi tens duas cartas de alforria, uma é tua; desde hoje deixaste de ser escrava: a outra é a do teo... do meo filho: não ficarão ahi os meos

favores... has de senti-lo á seo tempo: continúa á ser boa e fiel para que eu não me arrependa.

Esmeria cahio de joelhos aos pés de Paulo Borges.

A victima levantou em seos braços o algoz.

E logo nessa mesma noite Paulo Borges dormio somno comatoso.

XXV

No curto periodo de dez dias passados depois daquelle em que a escrava recebêra para si e para seo filho o beneficio immenso da emancipação, Paulo Borges o bemfeitor, mas insensato amante da creoula, decahira de modo á inspirar as mais tristes apprehensões.

O abatimento de suas forças physicas era evidente, e o do seo espirito acompanhava na mesma proporção o outro; seos olhos se encovavão, a sua magreza era progressiva, o seo andar tornava-se vagaroso e hesitante, e ainda mesmo de dia a frouxidão e o somno o perseguião.

Esmeria accusava o infeliz de preguiçoso, instava com elle para que não desamparasse a roça, e fosse activo como d'antes.

O sabio curandeiro, á quem a creoula não cessava de presentear, e á quem havia tomado por padrinho do filho, apoiava com vigor os conselhos da comadre, receitava o que melhor lhe parecia; mas em suas confidencias á Esmeria, e em conversação com os vizinhos, declarava que Paulo Borges, o seo velho amigo e estimado compadre, estava com principios de amollecimento cerebral.

A todos espantavão os successivos e rapidos golpes descarregados pela *infelicidade* sobre a casa de Paulo Borges, onde em poucos mezes a morte devorára a esposa, tres filhos, e prestes ia devorar o fazendeiro. Já havia desconfianças e murmurações nas vizinhanças.

Um lavrador pobre, foreiro de Paulo Borges, encontrando á este no caminho da roça, não se poude conter ao vê-lo tão abatido e desfigurado, e, pedindo-lhe perdão da liberdade que tomava, aconselhou-o á mudar de cozinheiro.

O misero condemnado rio-se tristemente e agradeceo o interesse que por elle tomava o lavrador; assegurando, porém, que a pessoa que preparava as suas refeições era digna de toda a confiança.

Essa pessoa era Esmeria.

Entretanto a suspeita do lavrador ficára no espirito de Paulo Borges que debalde procurava esquecê-la e que á pezar seo observava com olhar dubio a physionomia da creoula, quando chamado por ella se sentava á mesa, e principiava á comer.

A impassibilidade, o aspecto perfeitamente tranquillo de Esmeria acabavão sempre por socegar a victima que se arrependia da sua desconfiança.

A creoula esperava paciente o progresso da *molestia* de seo antigo senhor; mas o Pae-Rayol começava á ter pressa, e á exigir obediencia.

Ella comprehendeo que era tempo de entender-se com Alberto, que talvez já se suppozesse esquecido.

Os escravos da fazenda tiverão de fazer serão á noite. O fazendeiro-escravo da mais absurda rotina ainda mandava descaroçar o milho pelas mãos dos escravos, julgando ganhar tempo, por que empregava nesse serviço duas horas em cada noite, duas horas que de outra sorte serião de descanso para a escravatura.

Esmeria desde que Paulo Borges *tomára o costume de adormecer facil e frequentemente*, acompanhava-o sempre para activar e fiscalisar o serão.

Nessa noite ella procurou chamar a attenção de Alberto que trabalhava defronte do Pae-Rayol: quando se achava pelas costas deste, ralhava injustamente e excitava á trabalhar aquelle, que aliás não levantava a cabeça; mas quando ao rodear o numeroso bando de escravos sentados em circulo, passava junto de Alberto sempre tocava-o com o pé.

O negro conservava-se immovel e como insensivel.

Paulo Borges sentára-se e adormecêra; a creoula deixou-o dormir.

Alberto levantou-se emfim: depois do Pae-Rayol e de alguns outros já despedidos, concluira elle tambem a sua tarefa e logo foi despejar no monte o milho que descaroçára.

Esmeria que o esperava, murmurou-lhe rapidamente:

— A' meia-noite na sua senzala.

Alberto respondeo com um movimento da cabeça, deixando-a cahir de modo á encostar o queixo no peito.

Paulo Borges não inspirava mais receio algum á creoula: dormia sempre até que ella o acordava á força de manhã.

A' meia-noite Esmeria entrou na senzala de Alberto.

— Pensei que a senhora não vinha mais; disse este.

— A senhora? que é isto?

— Já não somos iguaes: eu sou escravo e...

— Póde ser meo senhor, se quizer.

— Cançei de espera-la. Sei que Pae-Rayol inda a chama.

— E eu confesso que ainda tenho ido fal-lr-lhe.

O negro pareceo indignado.

— Vim contar-lhe tudo; continuou a creoula; hegou o tempo, em que só você, tio Alberto, ôde me livrar daquelle domonio.

— Livra-la como?...

— Matando-o: com elle é mata-lo, ou deixar-e matar.

— Porque então você vai encontrar e se en-egar á Pae-Rayol?...

— Deixe-me contar-lhe tudo: você, tio Al-erto, é incapaz de me fazer mal, e por isso eu e direi tudo.

— Falle; disse o negro soberbamente.

Esmeria confiou á Alberto os sinistros segre-os de suas relações com o Pae-Rayol; o seo

imperio sobre as serpentes, o poder assassino do seo olhar, a sua sciencia de feiticeiro, os crimes de que o sabia ou o suspeitava perpetrador, o dominio absoluto que pelo terror elle exercia sobre ella, o seo plano para enthronizar-se como senhor na fazenda, e a sua consequente ordem para o envenenamento de Paulo Borges, á que por medo e céga e obrigada obediencia ella estava prestando.

A creoula sómente esquecêra os envenenamentos de Thereza, dos dous filhos desta e das tres crianças escravas.

Alberto ouvira silencioso a historia que Esmeria lhe contára: depois reflectio por algum tempo, e levantando a cabeça, disse:

— Que me importa! o senhor vai morrer como a mulher e os filhos morrerão: não fui eu que os matei; não sou eu que o mato: que me importa?... isso é lá com elle... nem o seguro, nem o empurro.

Triste, mas verdadeira observação! a natureza nobre e generosa de Alberto estava já tão estragada pelo virus moral da escravidão, tão envenenada pelo aborrecimento em que o escravo pelo facto de ser escravo tem ao senhor pelo facto de ser senhor, que o assassinato de

'hereza e de seos filhos e o novo envenena-
nento, o envenenamento de Paulo Borges, não
nspirára horror ao altivo negro, que indiffe-
'ente dissera apenas: « que me importa! não
ui eu que os matei; não sou eu que o mato:
ue me importa?!!! »

Como a escravidão corrompe, faz apodrecer,
e inocula ferocidade, e torna tigre ou hyena o
homem escravo!

Esmeria estremecêra, ouvindo ao intelligente
negro a explicação da morte das suas vic-
timas.

— Tio Alberto, exclamou ella chorando; juro
que não fui eu quem matou minha senhora, e
meos senhores moços; se morrerão envenena-
dos, não fui eu que os envenenei; foi talvez al-
guma negra que o Pae-Rayol governa tambem.

— Que me importa!

— Se você quer, livre-me do Pae-Rayol, que
eu estou prompta á poupar a vida do senhor...
á salva-lo...

— Que me importa que morra ou que se salve?
depois delle virá outro, sempre senhor, sempre
um branco á opprimir o negro...

— E se fôr um negro?

— Eim?...

— Se fôr o Pae-Rayol?

Alberto, que estava sentado, levantou-se d' um salto.

— Pae-Rayol!...

— Eu lhe contei tudo: elle me domina pel terror, não posso resistir ao seo poder... o senhor morrerá... meo filho e eu herdaremos a fazenda... Pae-Rayol impôr-se-ha, e eu me curvarei... Pae-Rayol será o senhor, envenenará meo filho... e o tio Alberto será escravo d' Pae-Rayol...

— Não! exclamou o negro; o que você acab de dizer é verdade; eu matarei Pae-Rayol.

Os olhos da creoula brilharão com fogo infernal.

— E o senhor? perguntou ella.

— Que me importa! repetio Alberto.

— E tavez já seja tarde para salva-lo! disse Esmeria; os venenos do Pae-Rayol são terriveis! oh, tio Alberto, livre-me d'esse demonio de feiticeiro, e em breve senhora aqui, você ha de ser meo unico senhor...

O negro olhou suspeitoso, mas soberbo para a creoula, e vio a lascivia abrazando-lhe o rosto.

Para o escravo a lascivia é que é amor.

Alberto contava trinta annos de idade e havia vinte que era escravo: Esmeria fôra a sua paixão mais pronunciada, e ainda então depois de amante do senhor, mas penetrando em sua sensala, despertava n'elle o antigo ardor do negro escravo apaixonado.

— Vá-se: o senhor a espera e desconfia; disse elle tremendo.

— Não; o senhor dormirá até a hora em que eu quizer acorda-lo; respondeu a creoula apertando com ancia ambas as mãos de Alberto.

O Hercules negro abraçou a Dejanira negra.

Esmeria e Alberto se separarão pouco antes de amanhecer o dia.

Tinhão ambos ficado de perfeita intelligencia: a creoula conseguira assenhorear-se da vontade de Alberto, e faze-lo adoptar todas as suas idéas.

O negro deixava indiferentemente á mercê de Esmeria a vida do senhor, á quem *não segurava, nem empurrava.*

Na seguinte noute a creoula tinha de ir á senzala do Pae-Rayol, e Alberto esperaria o momento da sua retirada para provocar frente a frente o seo inimigo, e mata-lo.

Depois... provavelmente Paulo Borges morreria...

Depois, Esmeria e Alberto não se separarião mais...

Por fim de contas, Alberto mostrava que era escravo, e estragado pela escravidão em que cahira havia vinte annos.

XXVI

E' de regra que a negra que foi escrava e se tornou senhora, seja a peior das senhoras : se ha ou tem havido excepção, Esmeria não o foi.

Arrogante, exigente e perseguidora das parceiras, desde a morte de Thereza, a creoula, vendo-se emancipada, e calculando com pujante futuro, exagerou as proporções de sua vaidade, e para impôr submissão respeitosa, e aniquilar as liberdades e confianças da antiga convivencia e igualdade, fez-se cruel, ordenou castigos justos e injustos, e com as proprias mãos descarregou por vezes o açoite sobre as costas de suas companheiras do tempo da escravidão e do menospreço.

Mas tambem é de regra que os escravos, e

principalmente as escravas,detestem ainda mais, e muito mais, a parceira que se tornou senhora.

A inveja se misturá com a desestima, e produz o rancor, rancor que tempestea furioso, se a antiga parceira presumpçosa e soberba, cruel e petulante, quer obrigar a esquecerem-lhe o passado, e exige prostrações, cultos servis e humildes de quem pouco antes a abraçara irmã pela condição, irmã pelos vicios, e socia nas desenvolturas em que a escravidão procura lenitivo.

Na fazenda de Paulo Borges a cosinha já conspirava contra Esmeria, que a cada instante a invadia, como féra embravecida.

Na manhã que seguio á noute de sua muitò dilatada entrevista com Alberto, a creoula, ou por que houvesse mal dormido, ou por assanho de maldade, atormentou as antigas parceiras, e sob o pretexto de uma resposta menos respeitosa, ou mesmo atrevida, açoutou desapiadadamente uma velha escrava, á quem Thereza tinha, com a sua bondade, hadituado aos direitos de mais descanso, e de certa consideração e tolerancia devidas á velhice.

Lourença, escrava octogenaria, soffreo o castigo sem gemer e sem chorar; quando porém

Esmeria voltou as costas, ella escancarou a boca, onde não tinha um unico dente, e pareceo soltar uma gargalhada, ou um rouco e destemperado lamento.

As outras escravas pensarão que a velha tinha enlouquecido, e murmurando pragas e insultos, enxovalharão a creoula-senhora.

Lourença ficou indifferente, muda, e como inerte o dia todo; mas ao cahir da tarde tomou um páo, em que costumava arrimar-se e sahio.

A velha escrava era a incumbida dos cuidados do gallinheiro: as parceiras julgarão que ella fora assistir, como costumava, ao vespertino recolhimento das gallinhas: ainda era um pouco cedo, mas talvez o açoute de Esmeria tivesse activado a pobre negra.

Lourença sumio-se entre as larangeiras, foi até o fundo do quintal, poz-se de gatinhas e passou por baixo da cerca, e caminhou pelo campo até chegar á cancella, junto da qual sentou-se no chão.

Era a cancella da estrada, por onde se hia á roça d'esse anno.

Meia hora depois a velha negra levantou-se, ouvindo os passos vagarosos de um cavallo, e abrio a cancella.

Era Paulo Borges que hia passar de volta da roça. O fazendeiro appareceu abatido e desfigurado: a negra com uma mão segurava a cancella, com a outra segurou o estribo do senhor.

— Lourença tem que contar; disse ella.

— Que é?...

— Esmeria está matando senhor.

— Como? perguntou Paulo Borges estremecendo.

— Esmeria cosinha uma raiz no café que senhor bebe de noute; ella esconde muito; mas Lourença já vio...

— Já viste?

— Lourença já vio...

E a negra contou pelos dedos seis vezes.

— Tu mentes; disse Paulo Borges que aliás começava a acreditar no que ouvia; tu mentes, ou então me darás prova do que dizes.

— Lourença não mente; respondeo a negra: é velha, mas quando lhe entra idéa na cabeça, espia, faz que dorme, mas não dorme.

— E que tens visto?..

— As vezes a cobra assobia no quintal: é mentira, não é cobra: uma vez Lourença foi ver os pintos... a cobra era Pae-Rayol.

— Pae Rayol!... o chamado feiticeiro!...

— Esmeria vae fallar com a cobra...

— Meo Deos!

— Agora não vae mais ao quintal, quando a cobra assobia: Lourença reparou e não dormio... não podia dormir... a idéa estava na cabeça de Lourença...

— E então?

— Agora senhor dorme muito...

— Sim... durmo...; disse Paulo Borges aterrado.

— De noute senhor toma café, e vae dormir, e não acorda mais: Esmeria abre a janella, pula, e vae... Lourença já vio.

— E onde vae ella?

— Lourença não sabe; mas Pae-Rayol tem sensala.

— E' isso! balbuciou, suspirando, Paulo Borges.

— Lourença é velha; mas não precisa dormir: vae morrer porque não dorme mais de hoje em diante... Lourença quer mostrar á senhor o crime de Esmeria.

— E como?

— Senhor não toma café, deita-o fóra, e faz que dorme, e póde dormir; quando Esmeria salta a janella, Lourença vae acordar o senhor.

Paulo Borges aceitou promptamente a propo-

sição da velha escrava; interrogou-a ainda por algum tempo, recolhendo cuidadoso suas informações, e seguio depois para casa, levando no seio a raiva, e no rosto a dissimulação.

Lourença, a velha escrava, a escrava profundamente desmoralisada por longa vida de captiveiro, ensinada pela experiencia traiçoeira de mais de meio de seculo de escravidão, tinha apanhado e guardado com indifferença malvada o segredo dos crimes de Esmeria, e só pelo rancoroso resentimento do açoute rompera o silencio imposto pelo odio natural de escrava ao senhor.

Era talvez muito tarde para salvar Paulo Borges; mas ainda a tempo para sua vingança de velha escrava cruelmente açoitada.

XXVII

A's oito e meia horas da noute, Esmeria pôz á mesa a céa costumada de Paulo Borges que comeo com appetite.

Depois da céa a creoula trouxe e servio o café: Paulo Borges pedio a caixa de tabaco que deixára no quarto, e em quanto a creoula foi busca-la, elle levantou-se prompto, e atirou pela janella o café contido na chicara.

Esmeria ao chegar com a caixa de tabaco, vio a sua victima com a chicara voltada nos labios, como a derramar as ultimas gotas do liquido envenenado.

N'essa noute a creoula tinha fervido no café não uma, porém duas raizes. No estado de fraqueza em que se achava, Paulo Borges, se ti-

vesse bebido o café, dormiria para não tornar a acordar.

—Já bebeo o café?... perguntou Esmeria.

— Já ; estava excellente : agora o que tenho, é vontade de dormir.

— Que somno ! o senhor já não faz caso de mim...

— Que queres, creoula?... não me posso vencer : é um somno de bebado, ou de envenenado...

Esmeria rio-se; e disse como de máo modo :

— E' somno de velho.

Paulo Borges não respondeu e foi deitar-se resolvido á velar, e á fingir-se adormecido ; no fim porém de poucos minutos somno irresistivel pesou sobre suas palpebras, e elle dormio profundamente.

Esmeria que estava ao lado do misero fazendeiro, levantou-se á meia noute, e anciosa e tremula não por medo de Paulo Borges, á quem deixava suporificado e talvez proximo á morrer; mas pelas apprehenções e temores do combate e da morte, de que ella tinha de ser testemunha nessa noute, abrio cuidadosa uma janella da sala de jantar, para onde pé por pé se dirigira, e saltou para fóra, cerrando depois a janella.

Passados breves minutos Lourença entrou no quarto do senhor, tomou-lhe os braços e os sacudio com força até obriga-lo á despertar.

Paulo Borges acordou, e sentando-se na cama forçado pela insistencia dos esforços da velha escrava, perguntou:

— Quem é? Que é?...

— Esmeria já sahio, saltando pela janella; respondeu Lourença: se o senhor quer, Lourença o acompanha até a senzala do Pae-Rayol.

O fazendeiro cedendo ao excitante do ciume, da colera, e do instincto d propria conservação, poz-se em pé, vestio-se, tomou duas pistolas que sempre tinha carregadas, e em subito accesso da antiga energia, disse á velha negra:

— Vamos; acompanha-me.

E sahio com Lourença ao lado pela porta da frente da casa que abrio, e deixou cerrada.

Lourença era velha e Paulo Borges já privado de forças: caminhavam ambos á passos vagarosos e apoiando-se um no outro.

— Se houver perigo, disse Paulo Borges, tu chamarás o feitor.

— Não ha de haver perigo; respondeu Lourença: basta que se ouça o que elles disse-

rem... e amanhã senhor mandará segurar em Esmeria e Pae-Rayol.

— Dizes bem; tornou o fazendeiro convicto de sua fraqueza.

Paulo Borges deixou-se guiar pela velha, que, fazendo grande volta, conduzio o senhor, menos exposto á ser descoberto, pela encosta de elevado outeiro até chegar á parede do fundo da senzala do Páe-Rayol.

Sabe-se que as senzalas tem uma unica porta que abre para a frente.

Agora algumas breves palavras sobre o theatro da ultima e lugubre scena deste drama sinistro.

A senzala do Pae-Rayol era isolada e levantava-se no cabeço desse outeiro que por de traz docemente se hia debruçando até a planicie: pela frente tres braças de terreno separavão a palhoça do negro de um fundo precepicio: o pequeno monte acabava ali quasi em ponta mais que ingreme, escarpado: á alguns palmos abaixo do solo mostravão-se as espinhas agudas da rocha, saliencias desiguaes, triangulares, tortuosas, pontudas, e no fundo, aos pés do outeiro o rio a correr, gemendo, sobre pedras cortantes, e separadas em multidão de pedaços de granito.

A lua era plena e bella.

Paulo Borges e a negra tinhão os ouvidos pregados á parede de barro amassado do fundo da senzala, cuja porta se achava trancada.

Dentro da senzala havia a luz do fogo de um brazeiro.

Na frente e á medir o precipicio via-se immovel a figura de um negro agigantado.

Paulo Borges e Lourença no fundo e o negro immovel na frente da senzala não se tinhão descoberto, não se podião ver.

Por mais baixo que Pae-Rayol e a creoula se fallassem, o sussurro de suas vozes chegava fóra, e ao mais leve descuido as palavras erão entendidas, graças á grosseira construcção da senzala.

Pae-Rayol parecia ralhar com Esmeria, que se desculpava.

As palavras—raiz—tigre velho—morte— havião destacadamente chegado aos ouvidos de Paulo Borges que tremia convulso.

Por fim o negro malvado irritara-se e com voz menos contida, dissera em tom de senhor:

— Pae-Rayol quer!

— Uma semana ainda! exclamou a creoula.

— Não: amanhã de noute tres raizes, e o tigre velho morre ..

— Tenha pena...

— Depois d'amanhã Esmeria é senhora de tudo...

— E Pae-Rayol? perguntou a creoula traiçoeira, elevando a voz.

— No outro dia Pae-Rayol fica tambem senhor; porque gosta de Esmeria.

— E eu tambem gosto do Pae-Rayol.

— Mas se Esmeria não faz, Pae-Rayol mata.

— Farei tudo! disse a creoula, abraçando e beijando o negro.

Mas Pae-Rayol em vez de pagar-lhe os afagos, desviou-se, soltou risada que não poude abafar, e logo cerrou os dentes com força e á ponto de faze-los ranger.

— De que ri assim? que é isso?

— *No outro dia...*

— Sim... no outro dia?...

— Pae-Rayol ha de surrar tio Alberto.

Um golpe violento dado por potente hombro fez em pedaços a porta da senzala, e Alberto que se mostrou ao clarão da lua, bradou com raiva:

— Cão damnado! a hora chegou: mas traze faca: porque eu trago faca.

Pae-Rayol deu um salto, armou-se de um ma-

chado, e por momentos medio com os olhos vesgos o inimigo.

Paulo Borges tinha cahido por terra.

Alberto afastou-se alguns passos e disse:

— Sahe para fóra; ou vou lá dentro agarrar-te.

O Pae-Rayol não reconheceu a soberba generosidade de Alberto que reputando-se superior em forças não queria abusar dos estreitos limites da sensala, e dava á destreza as vantagens do espaço; mas aproveitou-se do que suppunha erro e imprudencia do inimigo, e rapido e com o machado erguido tomou em dous pulos campo no terreiro.

Immediatamente o combate se travou furioso.

Pae-Rayol tinha força e agilidade; conhecendo porém o Hercules, confiou ainda mais na agilidade do que na força, e empenhou-se em escapar e furtar-se em quanto pudesse á luta corpo á corpo.

Mas elle não contava com a ligeireza e velocidade de movimentos de Alberto.

Pae-Rayol saltando, illudindo com negaças o inimigo, manejava o machado, como espada em mão de habil esgrimidor; Alberto atacava, fugindo com o corpo aos golpes do machado, e

tentando sempre chegar com as mãos ao seu adversario.

O Hercules soberbo deixara a faca na cintura, e só o corte do machado do Pae-Rayol em continuo e variado movimento brilhava aos raios da lua.

Esmeria chorava á porta da sensala, observando o combate.

Paulo Borges e Lourença arrastando-se pelo chão e mettidos entre as hervas e a gramma tinhão chegado até o ponto, em que expondo apenas as frontes e os olhos podião testemunhar o duello grosseiro, mas terrivel.

Paulo Borges fazia votos pela victoria de Alberto.

Cinco minutos talvez durava já o esteril manejo de saltos e negaças, de ataques e de golpes perdidos no ar; mas o Hercules negro cansou de esperar, e afrontando o machado atirou-se frente a frente ao Pae-Rayol com impeto tão pouco esperado, que o instrumento de morte cahio sobre elle, quando seu corpo já estava pregado ao corpo de Pae-Rayol.

A decisão da luta pareceo então depender da posse do machado: os dous negros disputárão com desesperado esforço a arma formidavel;

mas em breve Alberto, dando forte joelhada no estomago do Pae-Rayol, e ao mesmo tempo com igual força, puxando o machado, arrancou-o das mãos do inimigo, que recuára á cambalear.

Em vez de ferir logo de morte á Pae-Rayol, o soberbo Hercules atirou o machado no despenhadeiro, e perguntou:

— Cão damnado! trazes faca?

O Pae-Rayol que redobrara de furia, tendo já recobrado o folego, respondeo com voz de surdo trovejar:

— Não; mas Pae-Rayol mata sem faca.

Alberto puxou a faca da cinta e a fez voar pelos ares.

— Braço á braço agora! e no fim a morte de um de nós dous no fundo do precipicio!

Os dous negros se arrojárão um sobre o outro, e a luta se tornou medonha: agarrados ambos, ferindo-se com as unhas e com os dentes, e em violento combate, em que as mãos como os pés, as pernas como os braços de ambos se enlaçavão, se estiravão, se retorcião no empenho que cada qual tinha de submetter o outro, Alberto e Pae-Rayol erão como dous cães de fila, ou como duas pantheras que se tivessem aferrado.

Evidente se patenteava a resolução de cada

um dos lutadores; porque ambos medião ás vezes o espaço que os separava do abysmo: era horrivel o silencio dos negros assim agarrados: só se ouvião dous arquejos que se misturavão ferozes.

Esmeria teve medo e fugio á correr.

Paulo Borges horrorisou-se e incapaz de levantar-se e de andar, disse á Lourença que fosse chamar o feitor e gente para prender os dous escravos.

Mas Alberto vira Esmeria fugir medrosa e envergonhado da prolongação da luta, fez um esforço supremo, e cahio sobre o Pae-Rayol, á quem lançára por terra.

O Hercules dominou o negro malvado, que todavia resistio ainda, cravando as unhas no pescoço de Alberto; este, porém, não só empregou esse mesmo recurso; mas ainda com um dos joelhos sobre o estomago do inimigo já sua preza, de todo o submetteo.

Um ronco lugubre annunciador de agonia sahio do peito de Pae-Rayol, cujas mãos inertes cahirão, desgarrando as dez unhas do pescoço de Alberto.

O vencedor inundado pelo proprio sangue e pelo sangue do inimigo, retirou então do esto-

mago deste seo joelho rochedo, e ouvio por breve instante e com assanhada furia o estertor do moribundo que estava a seos pés, e arquejante de fadiga, mas raivoso ainda, curvou-se de novo, levantou em seos braços de Hercules o corpo do negro odiado, e avançando dous passos, atirou-o no fundo e pedregoso precipicio.

O echo do baque do corpo do Pae-Rayol, que tombando de ponta de rocha em ponta de rocha cahira sem duvida despedaçado no rio que córria embaixo por entre pedras escalavradas, completou a vingança terrivel de Alberto, que enxugando com a manga da camisa o sangue que lhe sahia do pescoço ferido, retirava-se offegante para sua sensala, quando o feitor e alguns escravos que chegavão, o cercárão e prendêrão.

O Hercules negro não procurou resistir; estendeo os braços para receber as cordas, dizendo:

— Sim! eu matei Pae-Rayol.

Mas Paulo Borges surgio então do meio das hervas e da gramma, e ainda tremulo e sobresaltado, exclamou:

— Soltem esse negro, que salvou-me do meo

assassino: amanhã eu lhe darei carta de liberdade.

E accrescentou sem hesitar:

— Vão prender Esmeria, a cumplice de Pae-Rayol....

CONCLUSÃO

Que importa o horror da morte do Pae-Rayol?...

Que importa o castigo justissimo de Esmeria que perante a autoridade publica acabára por confessar todos os seos crimes?

Que importa que Paulo Borges rasgasse o testamento que fizera e que em assanhos de serodia vingança e em desvarios de remorsos, desprezasse, e arredasse de sua casa o filho que tivera da perversa creoula, punindo assim no innocente a sua propria depravação?...

Que importa tudo isso?...

Thereza tinha vivido vida de martyrio em seos ultimos mezes, e morrera envenenada.

Luiz e Ignez, filhos legitimos de Paulo Borges tinhão tambem morrido por atroz e dilacerante veneno.

O pobre anjinho do berço que fôra privado dos seios de sua honesta mãe, bebera a syphiles e a morte nos peitos immundos de negra corrupta.

Paulo Borges, emfim, sobrevivia a todas essas victimas da malvadeza dos dous escravos e da sua sensualidade abjecta para arrastar sombria velhice atormentada pelos estragos da organisação, pelo perdimento da saude, pelo desprezo publico que o perseguia, e por incessantes e desabridos remorsos, que reproduzião insistentes e implacaveis aos olhos de sua alma as agonias afflictivas, despedaçadoras de sua esposa e de seos dous filhos.

A aza negra da escravidão roçára por sobre a casa e a familia de Paulo Borges, e espalhára nellas a desgraça, as ruinas, e mortes violentas dos senhores.

Pae-Rayol e Esmeria, algozes pela escravidão, esses dous escravos assassinos não podem mais assassinar...

A escravidão, porém, continúa a existir no Brasil.

E a escravidão a mãe das victimas-algozes é prolifica.

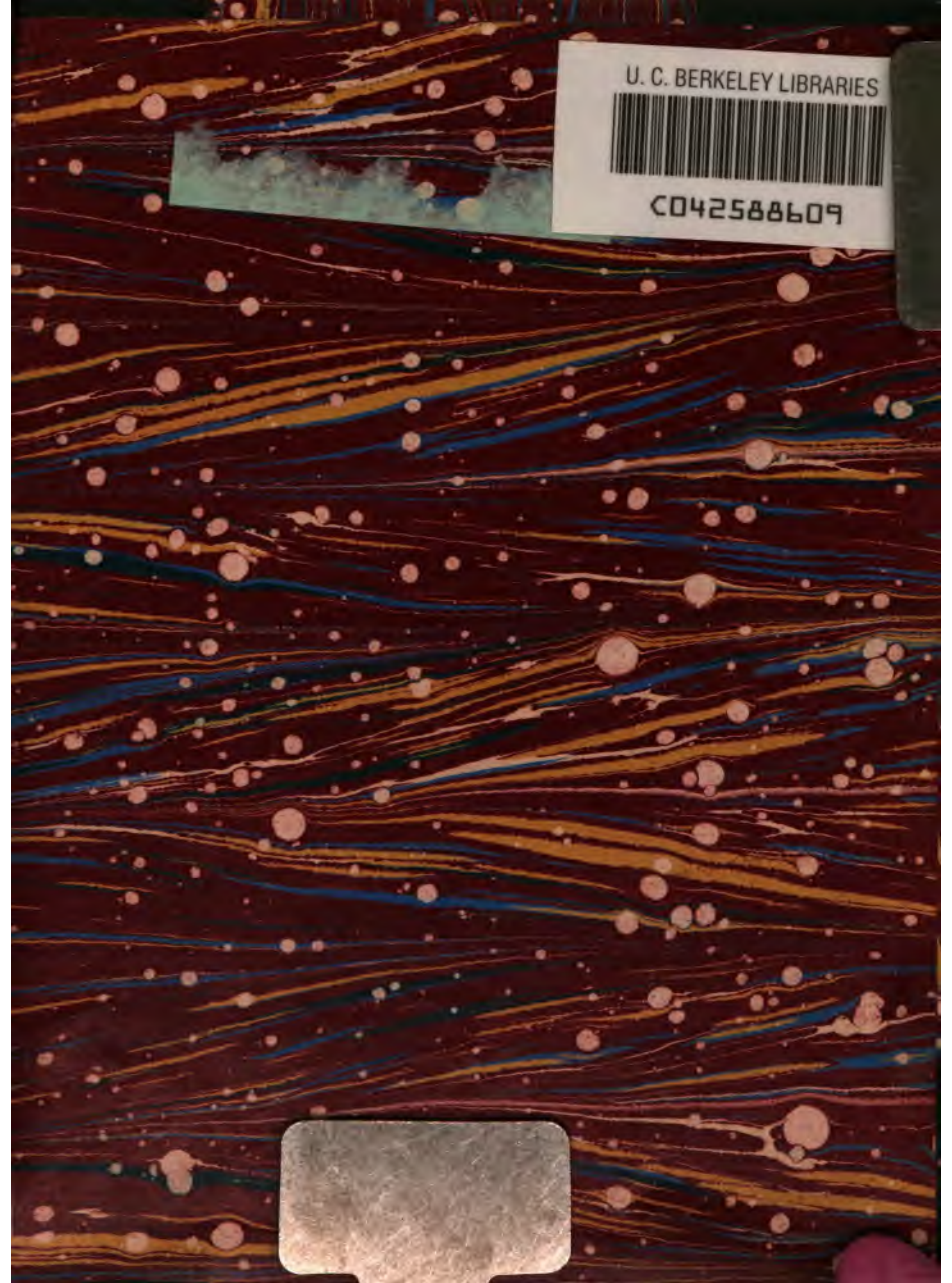
FIM DO PRIMEIRO VOLUME.

Typ. Americana, rua dos Ourives n. 19.

14 DAY USE
RETURN TO DESK FROM WHICH BORROWED
LOAN DEPT.
This book is due on the last date stamped below, or on the date to which renewed.
Renewed books are subject to immediate recall.

APR 13 1967 60
IN STACKS
MAR 30 1967
APR 7 '67 -12 AM
LOAN DEPT.
RECEIVED BY
SEP 25 1980
CIRCULATION DEPT.
AUG 27 1981 90
REC. CIR. AUG 27 1981

LD 21A-60m-2,'67
(H241s10)476B
General Library
University of California
Berkeley


U. C. BERKELEY LIBRARIES
C042588609

